

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Isabel Bernardes Ferreira

Violência psicológica entre parceiros íntimos na juventude: da
invisibilidade à compreensão

Doutorado em Psicologia Clínica

São Paulo
2024

Isabel Bernardes Ferreira

Violência psicológica entre parceiros íntimos na juventude: da
invisibilidade à compreensão

Tese apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTOR em Psicologia Clínica sob a orientação da Prof.^a, Dr^a – Rosane Mantilla de Souza.

São Paulo

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Bernardes Ferreira, Isabel

Violência psicológica entre parceiros íntimos na juventude: da invisibilidade à compreensão./ Isabel Bernardes Ferreira. -- São Paulo: [s.n.], 2024. 160p. ; cm.

Orientador: Rosane Mantilla de Souza. Tese (Doutorado)-- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica.

1. Violência Psicológica. 2. Adolescentes e Jovens adultos. 3. Invisibilidade. 4. Estudo Netnográfico. I. de Souza, Rosane Mantilla. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica. III. Título.

Banca Examinadora

O presente trabalho foi realizado com o apoio do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento científico e Tecnológico), sob o processo nº 140128/2020-4.

DEDICATÓRIA

Durante os quatro anos do doutorado dei as boas-vindas aos meus filhos, Bento e Francisco, e me despedi de duas pessoas muito especiais, tio Marcelo e vó Maria. Dedico à vocês essa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A todos que colaboraram para a realização desse trabalho, expresso minha gratidão, especialmente:

Ao CNPq, pela concessão da bolsa que me permitiu seguir meus estudos na PUC-SP e realizar a presente pesquisa.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Rosane Mantilla de Souza, que de forma tão gentil e generosa, compartilhou comigo seus conhecimentos contribuindo para minha formação acadêmica e clínica. Não tenho palavras para agradecê-la por sua paciência e cuidado quando duas gestações atravessaram o nosso processo de pesquisa. Sou muito grata a você pela aprendizagem e por eu ter sido uma, dentre tantas, orientadas nesses seus 50 anos de PUC-SP. Obrigada, Rô.

A todos os meus professores que cotidianamente contribuíram para a excelência desse curso de Pós-Graduação, promovendo discussões pertinentes à área da Psicologia Clínica de maneira ética e crítica. Grata a todos pelos ensinamentos partilhados.

Aos professores que compuseram a minha banca de Qualificação e colaboraram para essa pesquisa com observações importantes e atuais sobre o tema e trocas enriquecedoras.

Ao meu esposo maaaaravilhoso (né, lindo? rs) que contribuiu para o presente trabalho, dividindo comigo de forma mais igualitária possível o cuidado com nossos filhos. Obrigada pelas risadas, almoços, parceria, cuidado, paciência e amor comigo e com os nossos pequenos.

À minha mãe, o começo de tudo: quem me trouxe à vida e quem, desde sempre, me incentivou a estudar e valorizar o meu desenvolvimento profissional. Foi a partir de seu constante apoio que chego ao Doutorado e me aproximo dela, quando sigo seu ofício de professora. Obrigada pela companhia até aqui, mãe.

Aos meus amigos de infância, de escola, de faculdade, de pós-graduação e de vida. Vínculos de tantos anos, que tenho o privilégio em manter. Pessoas que me lembram, com muito carinho, do meu caminhar. Obrigada Maitá, Giuliana, Cucio, Godoy, Lucinete, Mayra, Ana, Renata, Vivian, Mariana, Luciana, Liliane, Irinéia, Virginie, Célia e Anna Sílvia. Em especial, agradeço a cumplicidade diária de minha amiga Carolina, que é colo, afeto, revoltas e reflexões profundas em uma só pessoa.

Eu vou lhe dar a decisão:
Botei na balança e você não pesou.
Botei na peneira e você não passou.

Mora na filosofia pra quê rimar amor e dor.
Mora na filosofia pra quê rimar amor e dor.

(Dóris Monteiro e Arnaldo Passos, 1954)

RESUMO

BERNARDES FERREIRA, Isabel. Violência psicológica entre parceiros íntimos na juventude: da invisibilidade à compreensão. 2024.150f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2024.

Se por muito tempo a violência física contra a mulher foi naturalizada, observamos na contemporaneidade a violência psicológica ser banalizada e invisível aos olhos da sociedade. A violência psicológica se faz presente em outras expressões de violência, mas também é uma violência de natureza específica que mantém mulheres e homens absortos em relacionamentos pouco saudáveis, de baixa satisfação e geradora de adoecimentos psíquicos e físico. A literatura aponta que tal violência é um fenômeno de alta incidência em relacionamentos informais, como o namoro e entre a população de adolescentes e jovens adultos. Diante do exposto, avaliou-se a necessidade de aprofundamento de pesquisas acerca dos relacionamentos de intimidade e compromisso, bem como sobre a violência psicológica na parceria íntima entre a população de adolescentes e jovens adultos de 15 a 24 anos, período que comporta a juventude e refere-se aos nascidos na Era digital. Para tanto, foram feitas duas revisões de literatura, uma Revisão de Escopo e outra Revisão do Estado da Questão que contribuíram para organização de um estudo documental através do procedimento da netnografia nas redes sociais Instagram e TikTok. Os resultados do estudo estão distribuídos em quatro artigos. A partir da presente Tese foi possível confirmar a literatura no sentido de reconhecer e identificar as atitudes que compõem a violência psicológica em um relacionamento íntimo, avaliando suas consequências comportamentais que causam confusão mental, dependência emocional e sentimentos de desvalorização. Também cabe ressaltar o quanto a pesquisa documental permitiu acessar conteúdos que, por um lado são positivos como estratégia de investigação, por outro referem-se a processos psicológicos que sustentam naturalizações e banalizações das violências. **Palavras-chave:** Violência Psicológica; adolescente e jovem adulto; invisibilidade; pesquisa documental; netnografia.

ABSTRACT

BERNARDES FERREIRA, Isabel. Psychological violence between intimate partners in youth: from invisibility to understanding. 2024.150f. Thesis (PhD in Clínica Psychological). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2024.

If for a long time physical violence against women was naturalized, in contemporary times we see psychological violence being trivialized and invisible in the eyes of society. Psychological violence is present in other expressions of violence, but it is also violence of a specific nature that keeps women and men absorbed in unhealthy relationships, with low satisfaction and generating psychological and physical illnesses. The literature points out that such violence is a phenomenon with a high incidence in informal relationships, such as dating, and among the population of adolescents and young adults. In view of the above, the need for further research on intimate and committed relationships was assessed, as well as on psychological violence in intimate partnerships among the population of adolescents and young adults aged 15 to 24, a period that encompasses youth and refers to those who were born in the digital age. To this end, two literature reviews were carried out, a Scope Review and another State of the Issue Review, which contributed to the organization of a documentary study through the netnography procedure on the social media Instagram and TikTok. The results of the study are distributed across four articles. From this Thesis it was possible to confirm the literature in terms of recognizing and identifying the attitudes that make up psychological violence in an intimate relationship, evaluating its consequences that involve behaviors that cause mental confusion, emotional dependence and feelings of devaluation. It is also worth highlighting how documentary research allowed access to content that, on the one hand, is positive as an investigation strategy, and on the other, refers to psychological processes that support the naturalization and trivialization of violence. **Keywords:** Psychological Violence; adolescent and young adult; invisibility; documentary research; netnography.

LISTA DE ABREVEATURAS

APA	American Psychological Association
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COVID	Corona Virus Disease
EIGE	European Institute for Gender Equality
LILACS	Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
OPAS	Organização Panamericana de Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
SCIELO	Scientific Eletronic Library Online
SINAN	Sistema de Informação de Agravos de Notificação
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1. Diagrama do processo de inclusão e exclusão usando o PRISMA-ScR 34
- Figura 2. Fatores de risco para violências no namoro..... 56

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. . Principais características dos artigos selecionados no que se refere autoria, ano de publicação, tipo de estudo, objetivo e conceito de violência psicológica utilizado.	35
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
Objetivo Geral.....	22
Objetivos Específicos	22
ARTIGO I – VIOLÊNCIAS PSICOLÓGICAS VIVENCIADA POR MULHERES EM SEUS RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS: UMA REVISÃO DE ESCOPO	25
ARTIGO II A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA EM RELACIONAMENTOS AMOROSOS-SEXUAIS DE ADOLESCENTES E JOVENS ADULTOS: UMA REVISÃO DO ESTADO DA QUESTÃO	46
PROLEGÔMENOS	66
ARTIGO III – AMOR E RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS ENTRE ADOLESCENTES E JOVENS ADULTOS: UM ESTUDO NETNOGRÁFICO	77
ARTIGO IV - DA INVISIBILIDADE À COMPREENSÃO: COMO A JUVENTUDE INTERPRETA A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA NOS RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS: UMA PESQUISA DOCUMENTAL NAS REDES SOCIAIS	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
REFERÊNCIAS	153

INTRODUÇÃO

Relacionamento amoroso é um assunto sempre presente nas rodas de conversa, nos consultórios de psicoterapeutas, na arte...na vida. Mobiliza as pessoas, seja porque estão em busca de um amor, seja curando a dor de um término ou vivendo uma grande paixão. Entretanto, o que me chamou a atenção nos últimos tempos, tanto na mídia quanto na minha prática clínica, foi o debate sobre relacionamentos tóxicos e abusivos.

Na clínica, ouvi de algumas mulheres, de variadas idades, a frase “ele não é abusivo, mas...” e na sequência o relato de gestos, atitudes e dizeres que caracterizavam uma série de desrespeitos dentro da relação íntima. Nesses momentos, me lembrei de Freud com seu texto “A negação”, de 1925, em que ele nos explica que a negativa, por vezes, é a forma possível de uma ideia reprimida chegar até a consciência e na qual “a função intelectual está separada do processo afetivo” (Freud, 2011, p.277).

Já na mídia (eletrônica, televisa e impressa) observei mulheres que viveram um relacionamento abusivo compartilharem suas histórias e estratégias de como se desvincular de um parceiro/a tóxico/a, além de relatos de especialistas, convidados para descrever e caracterizar o que seria um/a parceiro/a abusivo/a, dando dicas de como identificar e ‘sair de uma cilada’.

Notei que a ênfase dada era no reconhecimento de quem seriam as pessoas que podem causar um mal – e daí o empréstimo de algumas terminologias da Psicologia e da Psicanálise, como “narcisismo”, que a princípio ajudariam a criar um retrato falado daquele/a de quem se deveria manter distância.

Na perspectiva de descortinar atitudes cotidianas que caracterizam abusos emocionais e psicológicos, foram conceitos importados de discussões norte-americanas e terminologias em inglês - *Gaslighting*, *Ghosting*, *Mansplaining*, *Manterrupting*¹ - também compuseram a pauta de debates sobre o tema

¹ *Gaslighting* consiste em controlar a narrativa de uma história, distorcendo a realidade e fazendo com que a outra pessoa duvide das próprias percepções, memórias, sentimentos e sanidade. *Mansinterrupting* é usado para descrever uma situação em que um homem interrompe a fala de uma mulher, não deixando-a concluir seu pensamento. *Mansplaining* é quando um homem explica algo para uma mulher cujo conteúdo geralmente ela tem

Essas conceituações enunciam abusos psicológicos que acontecem nas relações interpessoais e de parceria amorosa. Os abusos seriam, portanto, atitudes que desrespeitam em algum nível a outra pessoa com quem se está se relacionando, minando sua autoestima e sua percepção de si mesma. A frequência e a intensidade dos abusos psicológicos caracterizariam a violência psicológica, o que no senso comum está sendo nomeado como relacionamento tóxico, ou seja, relações que carregam uma carga de mal-estar e que são prejudiciais para o próprio vínculo e para os indivíduos que estão no relacionamento. Contudo, de acordo com a OMS, trata-se de uma violência que é definida como o uso intencional da força ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (Krug et al, 2002).

A popularidade do debate, entretanto, não contribuiu necessariamente com maior esclarecimento sobre o assunto da violência psicológica em parcerias íntimas, ao contrário, o uso indiscriminado de alguns termos e diagnósticos em saúde mental, parece ter banalizado a violência psicológica e o debate acerca do fenômeno.

Segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (Bueno et al., 2023), no ano de 2022, 24.382 mulheres relataram ter sofrido violência psicológica, resultando no crescimento do índice de violência contra a mulher em 2,9% em relação aos registros do ano anterior. De acordo com a referida publicação, algumas hipóteses para o aumento seriam: a falta de financiamento das políticas de proteção à mulher na última gestão federal; o impacto da Pandemia de COVID-19 e a interrupção dos serviços de atendimento às mulheres em situação de violência doméstica, bem como o aumento dos crimes de ódio sustentados pelos movimentos ultraconservadores que, entre outras pautas, criticaram a luta por igualdade de gênero.

Em nosso país, a Lei Maria da Penha (nº11.340.06) foi um marco legal, político e simbólico para a organização de um sistema de denúncia, resgate e acolhimento da mulher vítima de violência doméstica.

apropriação *Ghosting* é quando uma pessoa interrompe o contato e a comunicação com outra com quem estava estabelecendo uma relação ou conversa sem dar explicações ou avisar que não deseja mais falar. É um desaparecimento repentino das pessoas do outro lado da tela.

O ditado popular “em briga de marido e mulher não se mete a colher” foi mudando aos poucos e os conflitos conjugais com violência passaram a ser denunciados pelas próprias mulheres, mas também por familiares e pela comunidade.

De acordo com o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), ao longo do período de 2009 a 2012 foram registrados 256.428 casos de violência, desses 168.010, ou melhor, 65,94%, foram acometidos em mulheres. Já considerando os atendimentos realizados no Disque Denúncia 180², de janeiro a junho de 2014, as denúncias de violência corresponderam a 11% dos registros, ou seja, foram reportados 30.625 casos e em 94% deles, o autor da agressão foi o parceiro, ex-parceiro ou um familiar da vítima.

Um estudo transversal realizado em 2011 também com base nos dados do SINAN, verificou que dos 454.984 casos notificados de violência perpetrados por homens contra mulheres, 62,4% foram cometidos por parceiros íntimos. Dos tipos de violência mais relatados foram os abusos físicos (86,6%), psicológicos (53,1%) e sexuais (4,8%). A violência cometida por parceiro íntimo estava positivamente associada às mulheres entre 20 e 39 anos, gestantes, com ingestão de álcool pelo agressor e no domicílio (Mascarenhas et al, 2020).

Em conjunto, os dados anteriores revelam que as mulheres são as mais vitimizadas; que geralmente há vínculo entre as partes, normalmente tratando-se de cônjuges e ex-cônjuges e que os episódios de agressão eram graves, crescentes e, por vezes, em forma pouco visíveis – que não deixava marcas aparentes do corpo.

Dados internacionais também confirmam o alto índice de mulheres que viveram violência psicológica por parceiro íntimo. Segundo o Instituto Europeu de Igualdade de Gênero (2022), em toda Europa, 44% das mulheres ao longo de suas vidas já experimentaram violência psicológica em um relacionamento com parceiro íntimo sendo que 26% destas, afirmaram terem vivido isso no último ano. Essa pesquisa ainda traz dados da prevalência de *stalking* e *cyberbullinyng*³ entre 17% de mulheres, com início na adolescência.

² Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR) em 2005 (orientação sobre direitos e serviços públicos para a população feminina). Em março de 2014, transformou-se em disque-denúncia.

³ *Stalking*: termo em inglês que designa uma conduta ilícita; ato de seguir ou acompanhar uma pessoa, de maneira reiterada ou constante, com ameaças à sua integridade física ou psicológica,

As ameaças também apresentaram crescimento e resultaram em um total de 613.529 registros, o que significa um aumento de 7,2% em relação a 2021. A ameaça é uma das formas de violência psicológica e tem por consequência danos emocionais, manipulação, manutenção da mulher em um relacionamento violento e pode acarretar violência física e morte. Dados sugerem que ameaça, perseguição e *stalking* são um fator de risco para o feminicídio (Bueno et al., 2023).

Se por muito tempo a violência física contra a mulher foi naturalizada, observamos na contemporaneidade a violência psicológica ser banalizada e invisível aos olhos da sociedade, das mulheres e dos homens.

No Brasil, em 2021, foi sancionada a lei de nº 14.188 para incluir no Código Penal o crime de violência psicológica contra a mulher e discriminar o dano emocional como passível de condenação. Em decorrência, seria possível elucidar como e quando a violência psicológica é crime. A violência psicológica, por ter caráter subjetivo e não ter uma relação direta e a curto prazo com ameaça à integridade física, por muito tempo foi entendida como um ato de menor gravidade, apenas compondo a escalada da violência, devendo ser combatida de modo que o abuso físico fosse evitado.

A violência psicológica consiste em agressões verbais ou gestuais que tenham a finalidade de amedrontar, humilhar, ameaçar, constranger, assustar, subjugar, punir, isolar, intimidar a vítima, gerando medo e insegurança acerca de si mesma, seus relacionamentos interpessoais e no ambiente que vive e frequenta (Brasil, 2021, Engel, 2002). Os efeitos da violência psicológica são diversos, dentre eles baixa autoestima, ansiedade, depressão e manter-se, muitas vezes, refém de algemas invisíveis em um relacionamento opressor e que traz malefícios para sua saúde mental e física (Miller, 1999).

No relacionamento permeado pela violência, as agressões psicológicas tornam-se mais frequentes e os intervalos de bem-estar e apaixonamento mais curtos e raros, bem como os pedidos de desculpa, embora eles continuem existindo. Essa

causando constrangimentos e intimidações que resultem em restrição ou perturbação de sua liberdade ou privacidade. Lei 14.132, de 31 de março de 2021, inseriu o artigo 147-A no Código Penal.

Cyberbullying: termo em inglês que designa a prática da intimidação, humilhação, exposição vexatória, perseguição, calúnia e difamação por meio de ambientes virtuais, como redes sociais, e-mail e aplicativos de mensagens.

dinâmica é conhecida como o ciclo da violência: agressão - pedido de desculpas – bem-estar e apaixonamento - nova agressão.

Uma pessoa que comete uma agressão e que não demonstra arrependimento por suas ações violentas, não seria facilmente perdoada (Miller, 1999). Ou seja, no ciclo de violência, o autor da agressão, por vezes, tenta fazer as pazes, pede desculpas, mas sem reconhecer de fato sua falha.

Com base nessa perspectiva, a violência psicológica pode ser reconhecida a partir da frequência das agressões e, como já foi dito, quando há a intenção de ferir. Consistiria, assim, num ato perverso com objetivo de submeter e controlar o outro mantendo-se numa posição de poder. A confusão mental, a manipulação, as distorções, as mentiras e os agrados nos intervalos entre as agressões, tornam mais difíceis o reconhecimento dessa violência, assim como a narrativa que compõe o amor romântico e o desempenho tradicional dos papéis de gênero nas relações de intimidade também acabam por dissimular a violência/agressão.

Se para uma mulher adulta é um desafio perceber-se em um relacionamento violento, cabe perguntar quais as barreiras para esse reconhecimento entre a população mais jovem. Estariam as/os adolescentes e jovens adultas/os mais suscetíveis às agressões nos primeiros relacionamentos com parceiros íntimos uma vez que estão em processo de formação e desenvolvimento e possuem pouca experiência de relacionamento fora do núcleo familiar e sofrem importante influência dos pares?

A violência no namoro durante a adolescência e no início da vida adulta tem sido reconhecida como um problema de saúde pública, uma vez que está associada a agravos na saúde mental e física, ao desenvolvimento emocional e cognitivo insatisfatório, bem como, a repetição de padrões violentos nas relações conjugais adultas. Além destas consequências, é um fenômeno de alta incidência (Lessing, Heine & Dell'Aglio, 2020; Caridade & Machado, 2006; Hebert, Blais & Lavoie, 2017; Antunes & Machado, 2012; Caridade & Barros, 2018; De Oliveira & Afonso, 2018; Souza, Pascoaleto & Mendonça, 2018; Shorey et al., 2019; Nelas, Chaves & Coutinho, 2021).

Segundo dados apresentados por Shorey et al. (2019), a violência psicológica por parceiro íntimo é cometida por, aproximadamente, 60% de adolescentes nos EUA

sendo que 40% desses adolescentes perpetuam a violência psicológica de forma frequente e severa.

Já no Brasil, Lessinge, Heine e Dell'Aglio (2020) revelam dados de um estudo com 3.205 adolescentes de dez capitais brasileiras em que foi observada uma taxa de 86,8 % de perpetração de violência no namoro (Oliveira, Assis, Njaine, & Oliveira, 2011). E, em uma pesquisa realizada em Recife, estado de Pernambuco, Brasil, 83,9% dos adolescentes (n = 408), entre 15 e 19 anos, afirmaram ter perpetrado e sofrido violência física e/ ou psicológica no namoro (Barreira, Lima, Bigras, Njaine, & Assis, 2014).

Lessinge, Heine e Dell'Aglio (2020) citam levantamentos anteriores em que se identificou que os jovens do sexo masculino tendem a apresentar maiores taxas de perpetração de violência sexual (Rey-Anacona, 2017; Wincentak, Connoly, & Card, 2017), enquanto adolescentes do sexo feminino tendem a perpetrar mais violência física e/ou verbal ou emocional (Abilleira, Rodicio-García, Vázquez, Deus, & Cortizas, 2019; Barreira et al., 2014; Borges, 2018; Marasca & Falcke, 2015).

Os dados de Nelas, Chaves e Coutinho (2021), também demonstram que são os estudantes do sexo masculino os que perpetuam mais atos violentos, e segundo esses autores, os jovens do sexo masculino também são perpetradores de violência psicológica e *stalking*. Tanto o abuso sexual quanto o físico, estariam mais associados aos solteiros, já a violência psicológica e o *stalker*, ao namoro.

Os resultados de uma pesquisa canadense (Hebert, Blais & Lavoie, 2017) revelaram que próximo a um, em cada dois adolescentes, experienciaram, pelo menos um episódio de violência entre parceiro íntimo nos últimos doze meses. As jovens do sexo feminino seriam as vítimas mais frequentes de todas as formas de violência com maiores chances de desenvolverem Transtorno de Estresse Pós-Traumático devido à recorrência da violência (Hebert, Blais & Lavoie, 2017).

Saber os limites entre o respeito e a violência é um conhecimento primordial para que consigam, no futuro, não se vincular a um/a parceiro/a abusivo ou ainda reconhecer os padrões abusivos de uma relação e sair o quanto antes dela. Para tanto, é necessário ter clareza do que é amor e cuidado e do que é controle e desrespeito.

Para avaliar se adolescentes e jovens adultos fazem essas distinções, seria interessante acessar seu comportamento cotidiano, o que dizem a respeito do assunto, o que, atualmente, é facilitado pela possibilidade de acesso as mensagens das redes sociais, de modo a verificar se o discurso entre eles acompanha o que a literatura identificou até o presente momento.

Portanto, para além de avaliar a percepção de adolescentes e jovens adultos sobre a violência psicológica na parceria íntima, também é necessário compreender como essa geração tem estabelecido as parcerias íntimas e como tem vivido as relações de compromisso e intimidade para conhecer mais as peculiaridades dessa população no envolvimento amoroso-sexual. Os meios tecnológicos mudaram os comportamentos e os códigos de condutas e se faz necessário compreendê-los antes de avaliar o que seria tido como desrespeito dentro dessa subcultura de nativos na Era digital.

Diante do exposto, avalia-se a necessidade de aprofundamento de pesquisas acerca dos relacionamentos de intimidade e compromisso, bem como sobre a violência psicológica na parceria íntima entre a população de adolescentes e jovens adultos de 15 a 24 anos, período que comporta a juventude, segundo a Organização Mundial da Saúde (BRASIL, 2007).

A violência psicológica é presente em outras expressões de violência, mas também é uma violência de natureza específica que mantém mulheres e homens absortos em relacionamentos pouco saudáveis, de baixa satisfação e geradora de adoecimentos psíquicos e físico. Sendo assim, trata-se de uma questão de saúde pública pertinente à área da Psicologia. Muito embora, tenhamos avançado no debate sobre violência doméstica e violência entre parceiros íntimos, a literatura e dados epidemiológicos apontam que este é um fenômeno muito frequente com graves consequências também para a população de adolescentes e jovens adultos.

Em vista disso, a presente Tese foi construída a partir de um tema de interesse da pesquisadora: a violência psicológica contra a mulher. Todavia, com o resultado da revisão de literatura identificou certo desconhecimento e pouca literatura sobre o tema, mas de inquestionável relevância para o recorte da violência psicológica entre parcerias de adolescentes e jovens adultos.

Ao fazer aproximação com o tema: violência, violência de gênero e violência psicológica verificou-se a necessidade de investigar a parceria jovem nos relacionamentos amorosos e a vivência da violência nesse tipo de relação. Embora haja uma literatura a respeito do tema, esta não responde ao que os jovens são e como eles estão se relacionando na atualidade.

A presente Tese, está composta no formato de artigos (Viera & Freitas Junior, 2023). Comporta três estudos que resultaram em quatro artigos/apresentações, são estes: uma revisão de escopo (Violência Psicológica contra mulheres na parceria íntima), uma revisão do tipo Estado da Questão (Violência Psicológica entre adolescentes e jovens adultos na parceria íntima) e duas análises documentais de termos que não foram explorados na literatura científica: relacionamento íntimo na juventude e violência psicológica na juventude que foram avaliados e compreendidos na sua abrangência de significados a partir da escrita espontânea nas redes sociais Instagram e TiK ToK e submetidos a análise qualitativa temática.

Assim, objetivou-se nessa Tese:

OBJETIVO GERAL

- Contribuir para o reconhecimento da violência psicológica entre adolescentes e jovens adultos na parceria íntima com vistas a obter subsídios para promoção de saúde.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar fatores socioculturais, contextuais, relacionais e emocionais que contribuem para a presença da violência psicológica entre parceiros íntimos;
- Identificar aspectos que contribuem para a invisibilidade e banalização da violência psicológica entre a população de adolescente e de jovens adultos;
- Explorar e conhecer como adolescentes e jovens adultos estabelecem parceria, compromisso e relacionamentos íntimos
- Explorar e conhecer como adolescentes e jovens adultos interpretam o que é violência psicológica a partir das redes sociais e compará-las com a literatura.

Iniciamos a investigação com uma revisão de literatura. A revisão de literatura apresenta o resultado de pesquisas feitas a partir do tema, contribui na construção de uma relação entre esses estudos podendo ampliar os achados anteriores, além de indicar a relevância científica de determinado estudo (Creswell & Poth, 2007).

Primeiramente, foi organizada uma revisão de escopo (Violência Psicológica contra mulheres na parceria íntima) que tem a finalidade de realizar uma avaliação prévia do alcance e potencial da literatura disponível, com objetivo de explorar como, por quem e com que finalidade um determinado termo é usado em um determinado campo. Considera-se que as revisões de escopo para cuidados de saúde e práticas baseadas em evidências contribuem na identificação de lacunas de conhecimento ou esclarecer conceitos-chave (Khalil, et al., 2021).

Posteriormente, foi feita uma revisão do tipo Estado da Questão (Violência Psicológica entre adolescentes e jovens adultos na parceria íntima) que consiste em auxiliar o pesquisador a identificar o estado atual da produção científica de seu tema. Diferentemente do Estado da Arte que tem o mesmo objetivo, porém, para uma determinada área (Nóbrega-Therrien & Therrien, 2004).

A revisão do tipo Estado da Questão contribuiu para o delineamento do problema de investigação e do objetivo da pesquisa, auxiliando na definição de categorias centrais no processo de investigação (Nóbrega-Therrien & Therrien, 2004).

Logo, as duas revisões feitas direcionaram para o terceiro estudo na perspectiva de compreender o discurso espontâneo sobre a diversidade de relacionamento entre jovens, a fim de compreender como a violência psicológica se insere nessas relações e, para tanto, foi feita uma pesquisa documental *online* a partir da netnografia.

A pesquisa documental proposta aqui foi feita nas redes sociais a partir da rede pessoal das pesquisadoras. Uma vez que o uso das tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), da internet e das redes sociais em meio eletrônico permeiam nossa vida cotidiana de forma quase indistinta, isto é, sem uma fronteira clara de onde começa e termina cada uma. Essa conectividade produz novas vivências e subjetividades, bem como revela um retrato da nossa cultura e do nosso tempo.

Nessa direção, a internet aparenta ser um lugar interessante para fazer a investigação sobre a narrativa social que se tem acerca da violência psicológica na parceria íntima, para Kozinets (2014): “é possível exibir uma compreensão complexa e sutil de um fenômeno, cultura ou comunidade (...) obter uma ideia das atitudes e opiniões das pessoas sobre uma comunidade *online*” (p.48-49).

A análise documental consiste em realizar a pesquisa em material que ainda não recebeu trato analítico (Gil,2002), ou melhor, trata-se de um procedimento de análise de documentos de variadas fontes como jornais, vídeos, leis, fotos, livros, prontuários, comunicados institucionais entre outros. Conforme Lüdke e André (1986, p. 38), “(...) pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja completando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema.” Essa análise documental, finalmente, foi apresentada no formato de dois artigos, ainda em formato não definitivo denominados “Amor e relacionamentos íntimos entre adolescentes e jovens adultos: um estudo netnográfico.” e “Da invisibilidade à compreensão: como a juventude interpreta a violência psicológica nos relacionamentos íntimos. Uma pesquisa documental nas redes sociais”.

ARTIGO I

**Violências psicológicas vivenciada por mulheres em seus
relacionamentos íntimos: uma revisão de escopo**

REVISTA DE
PSICOLOGIA DA IMED



**Violências Psicológicas Vivenciada por Mulheres em
Relacionamentos Íntimos: Uma Revisão de Escopo**

**Psychological Violence Experienced by Women in
Intimate Relationships: A Scoping Review**

**Violencias Psicológicas Vivida por las Mujeres en
Relaciones Íntimas: Una Revisión del Alcance**

Rosane Mantilla de Souza(1); Isabel Bernardes(2)

1 Professora Titular Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP.

E-mail: rosane@pucsp.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9936-8571>

2 Doutoranda Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP - Bolsista CNPq.

E-mail: bel Bernardes5@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4933-5026>

Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo, v. 15, n. 2, p. 54-75, julho-dezembro, 2023 - ISSN 2175-5027

DOI: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2023.v15i2.4940>

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*
Editora: Márcia Fortes Wagner

Como citar este artigo / To cite this article: clique aqui! / click here!

Digitalizada com CamScanner 54

de Souza, R., & Bernardes, I. (2023). Violências Psicológicas Vivenciada por Mulheres em Relacionamentos Íntimos: Uma Revisão de Escopo. *Revista de Psicologia da IMED*, 15(2), 54-75. doi: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2023.v15i2.4940>

<https://seer.atitus.edu.br/index.php/revistapsico/issue/view/228>

Resumo

As violências psicológicas em relação às mulheres no contexto de seus relacionamentos íntimos sustentam relações pouco saudáveis, de baixa satisfação, geradoras de adoecimentos físico e mental graves, além de poder escalar em ameaças à vida. Foi realizada uma revisão de escopo nas bibliotecas/bases de dados SciELO – Brasil, Index-Psi de Periódicos Científicos, Medline - PubMed, LILACS e APA/PsycArticles, com o objetivo identificar as características das publicações científicas sobre violência(s) psicológica(s), em relação às mulheres, praticadas em relacionamentos íntimos no período de 2006 a 2023. Foram selecionados 15 artigos que indicam diversidade de metodologia e público-alvo. Permanece a tendência de invisibilidade e naturalização das violências psicológicas nos relacionamentos e, embora se as defina como multideterminadas, o campo carece de produção que considere interseccionalidade de variáveis. Há sugestões no sentido de aparecer como expressão única, coocorrendo com violência física ou escalando. Concluiu-se que embora haja no Brasil, leis que permitam identificar e criminalizar as violências psicológicas, ainda há um campo carente de pesquisas que compreendam as especificidades regionais, causalidades e complexidade de efeitos sobre as mulheres que as vivem em relacionamentos íntimos.

Palavras-chave: violência contra parceira íntima; violência psicológica; revisão de escopo.

Abstract

Psychological violence towards women in the context of their intimate relationships sustains unhealthy relations, with low satisfaction, causing serious physical and mental illnesses, in addition to being able to escalate into threats to life. A scoping review was carried out in the libraries/databases SciELO – Brazil, Index-Psi de Periódicos Científicos, Medline - PubMed, LILACS and APA/PsycArticles, with the aim of identifying the characteristics of scientific publications on psychological violence(s) in relation to women, practiced by intimate partners from the year 2006 to 2023. Fifteen articles were selected, indicating diversity of methodology and target audience. The tendency towards invisibility and naturalization of psychological violence in relationships remains and, although it is considered as multi-determined, the field lacks production that considers the intersectionality of variables. There are suggestions that psychological violence appears as a single expression, co-occurring with physical violence or escalating. It was concluded that although there are laws in Brazil that allow the identification and criminalization of psychological violence, there is still a lack of research that understands the regional specificities, causes and complexity of effects on women who experience it in intimate relationships.

Keywords: Psychological violence, intimate partner violence; scoping review

Resumen

La violencia psicológica hacia las mujeres en el contexto de sus relaciones íntimas sustenta relacionamientos insanos, de baja satisfacción, generando enfermedades psicológicas y físicas severas, además de poder escalar en amenazas a la vida. Se realizó una revisión de alcance en las bibliotecas/bases de datos SciELO – Brasil, Index-Psi de Periódicos Científicos, Medline - PubMed, LILACS y APA/PsycArticles, con el objetivo de identificar las características de las publicaciones científicas sobre la (s) violencia(s) psicológica(s) en relación con las mujeres, practicadas en sus relaciones íntimas entre los años 2006 y 2023. Se seleccionaron 15 artículos, que indican diversidad de metodología y público seleccionado. La tendencia a la invisibilidad y naturalización de la violencia psicológica en las relaciones se mantiene y, aunque se la considera multideterminada, el campo carece de producción que considere la

interseccionalidad de las variables. Hay sugerencias de que la violencia psicológica aparece como una expresión única, coexistiendo con la violencia física o escalando. Se concluyó que aunque existen leyes en Brasil que permiten la identificación y criminalización de la violencia psicológica, todavía faltan investigaciones que comprendan las especificidades regionales, las causalidades y la complejidad de los efectos sobre las mujeres que la experimentan en sus relaciones íntimas.

Palabras clave: violencia contra parejas íntimas; violencia psicológica; revisión del alcance.

Introdução

Os estudos de gênero e o movimento feminista de segunda onda denunciaram, entre as décadas de 1960 e 1980, as desigualdades sociais entre homens e mulheres e trouxeram à luz a vulnerabilidade feminina em suas relações domésticas e íntimas (Saffioti, 2001). De lá para cá, as violências contra as mulheres foram combatidas no Brasil e no mundo, embora se esteja muito longe de coibi-las.

Os dados publicados no 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública mostram que em 2022, no Brasil, “245.713 mulheres registraram boletim de ocorrência para agressões ocorridas no ambiente doméstico ou dele decorrente”. Algo na ordem de “673 registros diários”. Também se verifica que as mulheres têm em seu principal agressor um parceiro íntimo -namorado, cônjuge ou ex-cônjuge - alguém com quem ela mantém ou manteve um vínculo afetivo (Bueno *et al.*, 2023, p. 138).

Outras informações contidas no 17º Anuário chamam a atenção para o crescimento das notificações de ameaça. Na ameaça, o agressor pode causar dano emocional, mantendo a mulher “sob seu jugo por medo” o que desafia a compreender, e tornar visível, um aspecto ainda mais complexo das violências, aquelas que ocorrem quando as agressões não deixam marcas visíveis, mas podem redundar em danos emocionais, mantendo-a em um relacionamento abusivo. Além disso, os dados sugerem que ameaça e perseguições são fatores de risco para o feminicídio (Bueno *et al.*, 2023, p. 139).

As ameaças são expressões de violência psicológica. Embora os conflitos conjugais que escalam em ataques físicos tenham progressivamente deixado o domínio do privado, sendo denunciados pelas próprias mulheres, por familiares e pela comunidade, evidenciando sua reprovação social crescente, as violências psicológicas podem ser naturalizadas e minimizadas socialmente, por seus perpetradores, por quem as sofre e pelos profissionais que as atendem.

Estudo recente (Mascarenhas *et al.*, 2020) destaca que a busca por ajuda por parte de mulheres, seja no serviço de saúde, seja no policial, geralmente ocorre a partir de lesões físicas. Há dificuldade de elas reconhecerem que concomitante ao abuso físico sofriam violências psicológicas múltiplas. De fato, o que chega aos serviços de saúde são as consequências: dores crônicas, síndrome do pânico, depressão, tentativas e suicídio, além de distúrbios alimentares. Assim, esses autores sugerem que há um sub-registro das notificações das violências psicológicas cometidas por um parceiro íntimo.

Por ter caráter subjetivo e por parecer não ter uma relação direta, e à curto prazo, com a integridade física, as violências psicológicas tendem a ser entendidas como atos de menor gravidade, a serem combatidas não por seus efeitos, mas somente para que o risco físico seja evitado. Apesar de a Lei 11.340 de 7 de agosto de 2006, reconhecida como Lei Maria da Penha, em seu Inciso II, já descrever as violências psicológicas, e

haver literatura disponível antes da promulgação da lei (Engel, 2002; Hirigoyen, 2006; Johnson & Leone, 2005; Miller, 1999; Saffiotti, 2001, 2004) o mais frequente é ser citada como problema menor das violências domésticas, sem destaque suficiente.

Recentemente, registrou-se um novo avanço legal que poderá contribuir para visibilidade das violências psicológicas por meio da aprovação da Lei 14.188 de 28 de julho de 2021, que inseriu no Código Penal Brasileiro o artigo 147-B que tipifica “violência psicológica contra a mulher como crime passível de 6 meses a 2 anos de detenção”. O artigo descreve:

Causar dano emocional à mulher que a prejudique e perturbe seu pleno desenvolvimento ou que vise a degradar ou a controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, chantagem, ridicularização, limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que cause prejuízo à sua saúde psicológica e autodeterminação (Art. 147-B. Incluído pela Lei nº 14.188, de 2021).

Como provável consequência, em 2022, foram registrados 24.382 boletins de ocorrência de violência psicológica, com taxa de 35,6 mulheres por grupo de 100 mil, mesmo considerando que oito unidades federativas incluindo o Estado de São Paulo, o mais populosos do país, não tenham enviado os dados sobre o crime (Bueno *et al.*, 2023).

Os efeitos das violências psicológicas vêm sendo identificados com precisão indicando danos múltiplos, como baixa autoestima, ansiedade, depressão e manter-se refém de algemas invisíveis em um relacionamento opressor. Pode trazer malefícios para a saúde mental (depressão, TEPT, distúrbios alimentares) e física (dores crônicas, insônia, cansaço crônico), associando-se a abuso de substâncias e tentativas e suicídio (Dempsey, *et al.* 2023; Engel, 2002; Hamel, *et al.*, 2023; Karakurt & Silver, 2013; Klencakova *et al.*, 2023; Miller, 1999; Njaine *et al.*, 2007).

Dada a complexidade de ações e efeitos, tende-se utilizar a terminologia violências psicológicas, no plural, descrita por meio de duas categorias principais: abuso emocional e comportamento controlador ou controle coercitivo. O primeiro consiste em desmoralizar e fazer com que a pessoa se sinta mal consigo mesma, hostilizando-a por meio de brincadeira perversas, nomes pejorativos, jogos mentais que redundam em dúvidas sobre a percepção da realidade e emoções; além de minimizar o abuso e desqualificar os sentimentos decorrentes, transferindo a responsabilidade pelo comportamento abusivo à vítima. Verifica-se também o uso de intimidação com olhares e gestos, ameaçar ferir entes queridos e animais, abandonar a mulher ou cometer suicídio. O abuso emocional tem por objetivo controlar, subjugar, punir e isolar por meio de humilhações e medo (Engel, 2002; Dempsey, *et al.*, 2023; Hamel, *et al.*, 2023; Klencakova *et al.*, 2023; Miller, 1999).

O comportamento controlador é identificado no ciúme patológico, no monitoramento *online* e *offline* das atividades cotidianas, questionando incessantemente com quem e onde a mulher está, perseguindo, solicitando fotos e vídeos em tempo real, excluindo contatos da rede pessoal e digital, determinando com quem e quando a parceira pode encontrar pessoas, mesmo que os familiares (Bueno *et al.*, 2023; Caridade *et al.*, 2020; Dichter *et al.*, 2018).

Apesar das descrições psicológica e legal detalhadas, nem sempre é fácil reconhecer as expressões das violências psicológicas ou dar-lhes a devida importância. O dia a dia dos relacionamentos, não é composto somente de comportamentos explícitos de desqualificação, ameaça ou intimidação. Esses atos se mesclam a gestos carinhosos ou aparecem disfarçados de atenção e cuidado. E, tampouco, acontecem em alta intensidade de um dia para o outro (Razera & Falcke, 2014). O isolamento social, a perda da própria identidade e da autoestima geram dependência do parceiro e do relacionamento, o que permite o aumento da frequência e intensidade dos abusos, bem como o medo de retaliação. Além disso, o controle pode ser interpretado como zelo (Karakurt & Silver, 2013). Essa compreensão distorcida demonstra como as violências psicológicas se mostram associadas ao gênero, meios de garantir a manutenção do poder em relacionamentos assimétricos, hierárquicos e desiguais (Miller, 1999; Saffioti, 2001, 2004; Hamel, *et al.*, 2023; Karakurt & Silver, 2013)

Embora não haja dúvidas de que possa existir violência psicológica por parte das mulheres em relação a seus parceiros heterossexuais (Cezario, *et al.*, 2016), ou entre casais de mesmo sexo (Souza, *et al.* 2022) não há estudos, nem manchetes na mídia, informando estas relações escalando em homicídio. De todo modo, compreender as violências, quer física, sexual ou psicológica, implica em identificá-las não só pelo gênero, mas como multideterminadas, associada a aspectos socioculturais desiguais no que se refere a: gênero; raça/etnia, orientação sexual, idade, características de personalidade, saúde mental, problemas socioeconômicos e cuidado parental, ou seja, em sua interseccionalidade. Mas há indicações de caminhos sócio-políticos de enfrentamento, por meio da promoção de relacionamentos familiares seguros, diminuição da tolerância às agressões, aprendizagem de habilidades sociais desde a infância, redução da disponibilidade de álcool e armas de fogo, promoção de equidade de gênero na sociedade, redução da pobreza e desigualdade social (Organização Panamericana de Saúde, 2020).

Quando se começou a construção dessa pesquisa identificaram-se muitos estudos internacionais específicos sobre as violências psicológicas, enquanto no Brasil elas ainda permanecem como item das violências domésticas, exigindo esforço do pesquisador na busca de evidências, quanto mais daqueles que tem seu cotidiano assoberbado no atendimento. Mas, se há Leis (11.340/06 e 14.188/21) e ainda assim, subnotificação, dificuldade e identificação/reconhecimento das violências psicológicas

no domínio privado, é fundamental que os profissionais de saúde, os que trabalham em delegacias e no Poder Judiciário, nas escolas, em clínicas e consultórios particulares e a mídia tenham acesso à produção nacional qualificada sobre o tema, facilmente identificada, como existe no caso das violências físicas.

Diante dessas constatações, avaliou-se a necessidade de identificar e analisar a produção especificamente assinalada sobre violências psicológicas em relação às mulheres no contexto de seus relacionamentos íntimos em nosso país. As violências como um todo, e as psicológicas, certamente, são eventos mundiais, mas a serem abordados em sua multideterminação e interseccionalidade regional. Nesse sentido, ponderou-se ser o mais adequado realizar uma revisão de escopo da literatura nacional sobre o tema, com os objetivos de contribuir para o reconhecimento das expressões e enfrentamento das violências psicológicas cometidos por homens em relação a suas parceiras íntimas no Brasil, de modo a obter subsídios baseados em evidências para o desenvolvimento de práticas educativas e psico-educativas, sociais e de atendimento público e privado.

Método

Foi organizada uma revisão de escopo com a finalidade de realizar uma “avaliação preliminar do potencial âmbito e abrangência da literatura disponível”. Este tipo de revisão se propõe a “identificar a natureza e a extensão das evidências dos estudos” (de Sousa *et al.*, 2018, p 49). Pode ter como objetivo explorar como, por quem e com que finalidade um determinado termo é usado em determinado campo. Considera-se que o valor das revisões de escopo para cuidados de saúde e práticas baseadas em evidências, diz respeito ao exame de uma área mais ampla para identificar lacunas de conhecimento ou esclarecer conceitos-chave, referindo tipos de evidências abordadas e informando a prática na área (Khalil, *et al.*, 2021).

As revisões de escopo podem fazer uso de dados de quaisquer fontes (teóricas, revisões), ou qualquer desenho de estudo, mas, tal qual outros processamentos sistemáticos, exige transparência no processo (Khalil, *et al.*, 2021). Os potenciais revisores têm disponível uma versão adaptada do *checklist* PRISMA no formato do PRISMA-ScR (PRISMA *Extension for Scoping Reviews*) sendo sugerido o uso da estratégia mnemônica PCC - População, Conceito e Contexto (Tricco *et al.*, 2018). Assim, a questão desta revisão de escopo se constituiu em: Quais são as características das publicações científicas sobre violência(s) psicológica(s), em relação às mulheres praticadas em relacionamentos íntimos?

Critérios de Elegibilidade

Foram considerados como critérios de inclusão: a) artigos publicados em periódicos revisados por pares: teóricos, relatos de pesquisas de quaisquer desenhos e revisões; b) datados desde 2006, ano da promulgação da lei 11.340, que especifica em seu inciso II a violência psicológica, até 2023; c) nível de qualidade do periódico da publicação no mínimo B2 segundo critério Qualis Periódicos 2017-2020; d) texto em português ou se referisse a trabalhos realizados com a população brasileira. Foram excluídos: a) artigos opinativos, resenhas, editoriais e monografias de especialização, dissertações e teses; b) artigos que não se referissem a populações brasileiras, dado o termo 'violência psicológica' ser semelhante em português e espanhol.

Procedimento de Busca

A busca foi realizada em periódicos indexados nas bases de dados e bibliotecas virtuais: SciELO – Brasil, Index-Psi de Periódicos Científicos, Medline - PubMed, LILACS e APA/PsycArticles. Estas bases foram selecionadas por sua confiabilidade, presença de mecanismos de busca com suporte a palavras-chave e operadores booleanos, bem como acesso aos artigos na íntegra. As ações de busca foram realizadas de modo independente pelas duas autoras, e definido um terceiro juiz que não atuou dada a coincidência dos acervos identificados. Após as extrações utilizou-se o aplicativo Zotero para construir banco, exclusão de repetições e elaboração de referências. A busca ocorreu durante o mês de julho de 2023.

Inicialmente, para identificação dos termos de busca, foram usados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/MeSH), no site da Biblioteca Virtual de Saúde. Neste, a 'violência psicológica' ainda não é classificada; e existem as opções: violência doméstica, violência contra a mulher e violência por parceiro íntimo. Combinando com os operadores booleanos, criou-se a sentença: violência por parceiro íntimo OR violência contra a mulher NOT violência física NOT violência sexual, com acesso ao Pub/Med Bireme e LILACS.

Dado o interesse de rastrear especificamente a violência psicológica, por meio da BVS-Psi Brasil, foi acessado o Terminologias em Psicologia que permitiu identificar o termo 'violência psicológica' utilizando, para a busca nas bases, INDEXPSI e SciELO-Brasil: violência psicológica AND violência contra mulher NOT violência física NOT violência sexual. Finalmente, utilizou-se o APA *PsycNet Thesaurus* da *American Psychological Association* que indica '*psychological violence*' e '*psychological abuse*', bem como '*intimate partner*' ou "*intimate partner violence*". Além disso, inseriu-se nessa sentença para selecionar somente estudos com populações brasileiras: *psychological violence* OR *psychological abuse* AND *intimate partner* OR *intimate partner violence*, AND ("Brazil" OR "Brazilian"). Posteriormente, foram usados os filtros: ano de

publicação (2006 a 2023), limitação dos artigos a língua portuguesa, que trouxessem “violência psicológica” em seu título e tivessem qualificação mínima B2 segundo o Qualis Periódicos-CAPES.

Seleção dos Estudos

Aplicada a cadeia de busca às bases e bibliotecas selecionadas e os filtros específicos permitidos à cada uma delas, foi organizado um banco de dados inicial em separado para cada seleção. Posteriormente sequenciou-se todas as referências de modo a excluir duplicações. A seleção do material constante nessa listagem se deu inicialmente por meio da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave, com o objetivo de verificar se correspondiam à questão de pesquisa, bem como a literatura brasileira. O processamento foi realizado independentemente pelas autoras, não sendo verificadas divergências.

A partir da seleção nas etapas anteriores, as duas autoras confirmaram se o conjunto selecionado preenchia os critérios de inclusão e exclusão e, finalmente, os artigos foram lidos na íntegra e excluídos os que ainda não fossem concernentes; finalmente, foram extraídos os dados relevantes para responder à pergunta mobilizadora da revisão.

Resultados

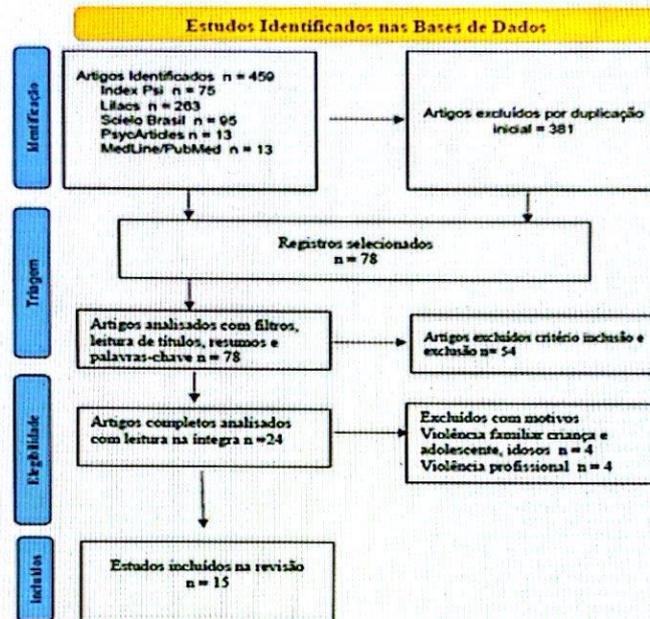
O retorno da busca inicial contabilizando todas as bases foi de 495 artigos. Seguindo-se as etapas determinadas, o corpo de análise se consolidou em 15 artigos, a maioria de alta qualidade segundo critério Qualis: cinco classificados como A1 ou A2 e sete A3 ou A4, dois B1 e apenas um B2.

A Figura 1 especifica os resultados de cada etapa de processamento seguindo o modelo *Prima* PRISMA-ScR. Todos os artigos selecionados, conforme critério de elegibilidade, tinham seu texto completo em português ou, quando em inglês tratava de pesquisa com amostras brasileiras.

Figura 1.
Diagrama do processo de inclusão e exclusão dos estudos usando o PRISMA-ScR

Figura 1

Diagrama do processo de inclusão e exclusão dos estudos usando o PRISMA-ScR



Nota: Baseado em Tricco et al., 2018.

Embora a estratégia de uso do termo 'violência psicológica', no título dos artigos, tenha facilitado a extração, houve a necessidade de excluir os textos que traziam amostras fora do escopo da revisão como: avaliação psicológica de violência, violência psicológica contra crianças, idosos e profissionais de saúde. Todavia, manteve-se os artigos que tratavam de outras violências combinadas às psicológicas, por não ser este um critério de exclusão.

Considerando a data de publicação dos artigos, observa-se que não há grande concentração, talvez uma tendência ao crescimento a partir de 2020, conforme indicado na Tabela 1 que apresenta os dados de identificação (título do estudo, autores, data de publicação), e as características dos estudos concernentes à pergunta mobilizadora (metodologia, objetivo e definição de violência psicológica utilizada).

Tabela 1.

Principais características dos artigos selecionados no que se refere a autoria, ano de publicação, tipo de estudo, objetivo e conceito de violência psicológica utilizado.

Título	Autoria e ano	Tipo de estudo	Objetivo	Conceito de violência psicológica utilizado
Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica	Silva <i>et al.</i> , 2007	Quantitativo descritivo	Análise números e tipo de vítimas em BO cidade Florianópolis SC.	Conceito Ministério Saúde sobre violência intrafamiliar, 2001.
Relação conjugal, violência psicológica complementaridade fusional	Levy & Gomes, 2008	Teórico – psicanálise	Caracterizar a dinâmica conjugal marcada pela violência psicológica.	Desqualificação do outro e formação de laço perverso e movimento recíproco de domínio do parceiro
Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados.	Barreira <i>et al.</i> , 2013	Pesquisa quantitativa	Estimar prevalência e fatores associados à violência física e psicológica e co-ocorrência entre adolescentes namoros.	Uso do <i>Conflict in Adolescent Dating Relationship Inventory</i> . Violência psicológica em três subtipos: ameaças, verbal/emocional e relacional.
Gritos do silêncio: a violência psicológica no casal.	Colossi & Flacke, 2013	Estudos de caso	Identificar a dinâmica da violência psicológica no casal e compreender o estabelecimento e perpetuação deste modelo relacional.	Uso da <i>Revised conflict tactics scale (CTS-2)</i> : Ações de violência: coerção sexual, violência física, injúria, negociação e agressão psicológica.
Pesquisa qualitativa da violência psicológica: um instrumento de análise da linguagem	Pimentel, 2013	Documental qualitativa	Analisar literatura para demonstrar a limitação da categoria “doméstica” da violência. Apresenta instrumento para identificação.	Forma de brutalidade que atinge o autoconceito, autoimagem e autoestima; expressa por meio da linguagem verbal e atos não verbais: intimidar, controlar, isolar, silenciar.

Título	Autoria e ano	Tipo de estudo	Objetivo	Conceito de violência psicológica utilizado
Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais	Oliveira <i>et al.</i> , 2014	Pesquisa quantitativa	Avalia a violência psicológica no relacionamento de adolescentes ambos os sexos em 10 capitais Brasil. Identificar a sua relação em outros contextos de vida.	Utiliza a <i>Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory</i> . Define violência psicológica como: a) verbal/emocional, b) relacional: c) ameaças.
Psychological violence against pregnant women in a prenatal care cohort: Rates and associated factors in São Luís, Brazil.	Ribeiro <i>et al.</i> , 2014	Pesquisa quantitativa	Estimar prevalência e analisar os fatores associados à violência psicológica exclusiva e recorrente em relação a mulheres grávidas.	Indicativos violência psicológica: a) insulto ou mulher se sentir mal consigo, b) menosprezo ou humilhação, c) assustar e intimidar, d) ameaçar, direta ou indiretamente.
Da dor no corpo à dor na alma: o conceito de violências psicológicas da lei Maria da Penha	Machado & Grossi, 2015	Pesquisa etnográfica	Compreender o conceito de violências psicológicas trabalhado pelos agentes da polícia, Delegacia da Mulher e Ministério Público.	Usa definição da Lei no 11.340, de 2006, denominada Lei Maria da Penha.
A violência psicológica sofrida pelas mulheres: invisibilidade e memória	Queiroz & Cunha, 2018	Pesquisa qualitativa	Investigar como a memória influencia a (in)visibilidade da violência psicológica no relacionamento conjugal.	Comportamentos que seguem padrão de comunicação verbal ou não, com intenção de causar sofrimento sem uso de atos físicos.
Violência psicológica contra mulheres usuárias da atenção primária à saúde	de Barros Siqueira <i>et al.</i> , 2018	Pesquisa quantitativa	Descrever a violência psicológica contra a mulher usuária da Atenção Primária à Saúde e fatores associados.	Usa definição da Lei no 11.340, de 2006, denominada Lei Maria da Penha.
Postura e intervenções do gestalt-terapeuta frente à violência psicológica contra a mulher por parceiro íntimo	Augustin & Albuquerque Bandeira, 2020	Revisão narrativa	Compreender a violência psicológica à luz da teoria gestáltica e sua aplicação no atendimento.	Usa definição da Lei no 11.340, de 2006, denominada Lei Maria da Penha

Título	Autoria e ano	Tipo de estudo	Objetivo	Conceito de violência psicológica utilizado
Violência psicológica contra a mulher praticada por parceiro íntimo: estudo transversal em uma área rural do Rio Grande do Sul, 2017.	Oliveira <i>et al.</i> , 2021	Pesquisa quantitativa	Estimar prevalência e fatores associados à violência psicológica praticada por parceiro íntimo contra a mulher residente em zona rural.	Usa definição Ministério da Saúde 2002
Violência psicológica: dificuldade em romper o vínculo afetivo em uma relação conjugal violenta	Portela, 2021	Revisão narrativa	Identificar razões para uma mulher se manter em relacionamento com violência psicológica; dificuldade de romper o vínculo com parceiro.	Usa definição da Lei no 11.340, de 2006, denominada Lei Maria da Penha.
Violência física, sexual e psicológica segundo a análise conceitual evolucionista de Rodgers.	Bonamigo <i>et al.</i> , 2022	Revisão conceitual crítica	Identificar semelhanças e diferenças entre os atributos, consequentes antecedentes de diferentes violências.	Não traz definição, somente utiliza o termo.
ENPODEREENF TM : construção de aplicativo para educação permanente de enfermeiros sobre violência psicológica contra a mulher.	Magalhães <i>et al.</i> , 2022	Pesquisa metodológica	Construir um protótipo de aplicativo móvel sobre violência psicológica contra a mulher para facilitar a educação permanente da enfermeiros.	Condutas que causam danos emocionais. A maioria dos casos resulta de forças desiguais, domínio, uso de forças simbólicas, como humilhações e chantagens.

Quanto às definições das violências psicológicas utilizadas, há os autores que explicitamente se remetem a documentos oficiais do Ministério da Saúde (Oliveira *et al.*, 2021; Silva *et al.*, 2007), ou à lei 11.340/06 (Augustin & Albuquerque Bandeira; 2020; de Barros Siqueira, *et al.*, 2018; Machado & Grosse, 2015; Portela, 2021); há os que as circunscrevem aos instrumentos de avaliação utilizados na pesquisa (Barreira *et al.* 2013; Colossi & Falcke, 2013; Oliveira *et al.* 2014); ainda outros trazem definições baseados em literatura pregressa, ressaltando comportamentos que causam danos emocionais, perda de autoestima, sofrimento sem atos físicos, expressos por meio da linguagem verbal (humilhar, desvalorizar etc.) e por condutas não verbais, como intimidar, controlar, isolar, silenciar. Portanto, há pouco avanços quanto a definição do fenômeno, somente o estudo de Bonamigo *et al.* (2022) traz novas possibilidade ao

identificar atributos diferenciais para as violências psicológicas, seus antecedentes e consequências comparados às físicas e sexuais.

Os artigos teóricos (Levy & Gomes, 2008), as revisões narrativas (Augustin & Albuquerque Bandeira, 2020; Portela, 2021), os estudos de caso (Colossi & Falcke, 2013) bem como a pesquisa qualitativa baseada em entrevistas clínicas (Queiroz & Cunha, 2018), tem o foco voltado ao atendimento psicoterapêutico e apoiam-se em experiências conjugais como contexto de reflexão.

A maioria das amostras dos estudos é composta por mulheres adultas, embora tenha se analisado duas pesquisas que trabalharam com adolescentes de ambos os sexos. Elas evidenciam expressões precoces e naturalizadas de vivência ativa e passiva de violências psicológicas (Barreira *et al.*, 2013; Oliveira *et al.*, 2014) que exigem confirmação e esclarecimento em outros grupos etários, mais jovens e mais velhos, e em diferentes recortes.

São poucas e dispares as informações sobre incidências e ausência de estudos sobre consequências, o que pode estar relacionada às definições parciais utilizadas pelos pesquisadores. Constatou-se estudos quantitativos de estrutura epidemiológicas indicando variabilidade na incidência, mas, considerando as dimensões do Brasil e as especificidades das amostras, as generalizações são inviáveis. No estudo de uma amostra de adolescentes em Recife, Pernambuco (Barreira *et al.*, 2013) obteve-se 82,8% de ocorrência de, ao menos um ato de violência psicológica, entre os 19,9% participantes que declararam estar em relacionamentos amorosos no ano anterior; já na outra pesquisa realizada com adolescentes, que eram provenientes de dez capitais brasileiras, o índice de violência psicológica em namoros passados foi da ordem de 29,8% (Oliveira *et al.*, 2014). Os demais índices relatados variam de 17,2% em estudo em uma amostra de mulheres adulta da zona rural do Rio Grande do Sul (Oliveira *et al.*, 2021) a 37,8% entre adultas de Pernambuco (de Barroso Siqueira *et al.*, 2018). Finalmente há o estudo que indica a alta incidência de violência psicológica vivida por mulheres grávidas – 41,6% casos - mencionada pelos autores como uma possibilidade de substituto da violência física e que conduz a interrogação da capacidade de autocontrole do parceiro em nome do feto e da paternidade o que também deve ser verificado em outros recortes (Ribeiro *et al.*, 2014).

Discussão

Considerando todo o material analisado permanece uma perspectiva dupla. Há os autores que analisam e consideram as violências psicológicas vivenciadas por mulheres em seus relacionamentos íntimos como uma expressão específica, que deve ser identificada e abordada como tal e estudada em profundidade, e aqueles que as concebem como elementos antecedentes nas violências domésticas que escalam em ataque físico. O

estudo quantitativo de Silva *et al.* (2007) indica a violência psicológica como predecessora à física, e poder-se-ia justificar que, na data da publicação, a visibilidade da mesma era menor; mas, tal concepção se repete em 2020 (Augustin & de Albuquerque Bandeira, 2020), permanecendo, portanto, a demanda de desconstrução teórica.

Na direção de analisar as violências psicológicas como um fenômeno específico trazem contribuição interessante as pesquisas com amostras de adolescentes, por indicarem a possibilidade de ocorrência como fenômeno específico, como coocorrência, e com potencial de escalada (Barreira *et al.*, 2013; Oliveira *et al.*, 2014). Seria importante considerar essas três alternativas em pesquisas com outras amostras e com uso de metodologias qualitativas que permitam a compreensão mais aprofundada do fenômeno em diferentes configurações de relacionamentos.

Também parecem promissores os resultados de Bonamigo *et al.* (2022) que permitiram identificar atributos diferenciais utilizados para violências psicológicas, físicas e sexual, tornando-as claramente distintas e oferecendo subsídio para o desenvolvimento de instrumentos, checklists, e programas educativos em múltiplos níveis: profissionais de saúde, famílias, educadores, policiais, promotores etc.

A visibilidade-invisibilidade das violências psicológicas permanece sendo um tema central na literatura analisada (Queiroz & Cunha, 2018; Machado & Grossi, 2015; Pimentel, 2013; Portela, 2021). Persiste a necessidade anteriormente identificada de desnaturalizá-las entre seus múltiplos partícipes: vítimas, perpetradores, profissionais e mídia (Hirigoyen, 2006; Mascarenhas *et al.* 2020; Miller, 1999; Saffioti, 2001, 2004; Karakurt & Silver, 2013).

Embora esteja estabelecido na literatura o papel do gênero subjacente às violências psicológicas vividas pelas mulheres, e todos os artigos analisados nesta revisão concordem com a multideterminação, a avaliação de determinantes, de prevalência e de efeitos é um campo quase vazio, exigindo pesquisas qualitativas para compreensão, tanto quanto quantitativas que busquem causalidades. Além disso, o que foi revisto indica se estar longe da produção de estudos que considerem a interseccionalidade, fundamental para a área, e mais ainda considerando um país imenso como o Brasil. Pouco ou nada se sabe dos regionalismos de expressão e prevalência. Há informações anteriores e corroboradas nesta revisão (Barreira *et al.*, 2013; Oliveira *et al.*, 2014) sobre o papel da idade/geração e tipo de relacionamento não só na identificação como na atribuição de significado aos atos de violência psicológica. Esses estudos tanto quanto o de Colossi e Falcke, (2013) reforçam a indicação tanto do papel da transmissão intergeracional, quanto a relevância do desenvolvimento de práticas educacionais alternativas às soluções violentas destinadas a crianças e adolescentes (OPAS, 2020; Razera & Falcke, 2014).

Apesar de os estudos mais voltados para as questões de atendimento (Augustin & Albuquerque Bandeira, 2020; Colossi & Falcke, 2013; Levy & Gomes, 2008; Portela,

2021) favorecerem o aprimoramento da psicoterapia à mulher e casais, a análise conjunta desses trabalhos leva a dúvidas acerca de a que tipo de atendimentos se referem. Ao pensar nas características definidoras de abuso emocional e controle coercitivo, é difícil imaginar que estes parceiros masculinos frequentem ou permitam que suas cônjuges busquem psicoterapia. O material descrito remete mais à definição de Karakurt e Silver (2013) de violência situacional, na qual ambos os parceiros perdem o controle, agem de forma violenta, mas, raramente escalam para as agressões graves ou consequências das violências psicológicas como depressão, TEPT, distúrbios alimentares, dores crônicas, distúrbios de sono, abuso de substâncias, tentativas e suicídio propriamente dito (Dempsey, *et al.*, 2023; Engel, 2002; Hamel, *et al.*, 2023; Karakurt & Silver, 2013; Klencakova *et al.*, 2023; Mascarenhas *et al.*, 2020; Miller, 1999; Njaine *et al.*, 2007).

É também relevante discutir as violências nos contextos das tecnologias de informação e comunicação (TIC). O Brasil é um dos países de maior uso de telefonia celular no mundo, e há literatura expressando como o aspecto controle, nas violências psicológicas, se tornou sofisticado com os meios tecnológicos, o que já vem sendo tratado anteriormente (Bueno *et al.* 2023; Caridade, *et al.*, 2020; Dichter *et al.*, 2018). No entanto, até o presente não se identificaram pesquisas por meio dos descritores aqui utilizados, mostrando outra urgência de produção de pesquisas. Por outro lado, a proposta *ENPODEREENF* (Magalhães *et al.*, 2022) de desenvolvimento de um aplicativo baseado em evidências, para educação permanente de enfermeiros sobre as violências psicológicas contra a mulher, mesmo que apoiada em resultados internacionais, poderá ser adaptada a um número expressivo de outros profissionais.

Ressalta-se como limitações que esta revisão de escopo se restringiu à busca de textos que trouxessem o termo 'violência(s) psicológica(s)' em relação às mulheres, praticadas por seus parceiros íntimos, no título do estudo, o que, por um lado trouxe restrições, por outro, evidenciou os limites da área. Também cabe mencionar que, embora tenha se usado os critérios Qualis Periódicos da CAPES, não foram aplicados instrumentos especiais de avaliação de qualidade dessas publicações. Finalmente, cabe notificar que a busca foi realizada com três sentenças diversas dada as limitações dos termos de busca disponíveis nas diferentes bases de dados.

Considerações finais

As violências psicológicas vividas pelas mulheres no âmbito de seus relacionamentos com parceiros íntimos – namorados, cônjuges, ex-cônjuges – já vem sendo estudadas a algumas décadas, mas com menos ênfase do que as violências físicas e sexuais. Por não deixarem marcas aparentes, tendem a ser de difícil identificação, quando não diminuídas em sua gravidade e periculosidade. No entanto, se a violência

física pode redundar em feminicídio, na psicológica pode haver suicídio, conforme identificou a literatura mundial.

Por seu caráter insidioso, de pouca visibilidade pública e privada e naturalização frequente, é fundamental que as violências psicológicas sejam objeto de estudos apurados, desenvolvimento de práticas de prevenção e promoção de saúde. Embora a literatura internacional tenha acumulado extensa produção sobre o tema, e no Brasil se tenha instrumentos legais que a caracterizam e delimitam punições, quem se dedicar à busca de evidências para atendimento e prevenção se deparará com informações dispersas e incluídas principalmente como parte das violências domésticas como um todo.

Frente a esta constatação, foi organizada esta revisão de escopo com a finalidade de identificar as características das publicações científicas sobre violências psicológicas, em relação às mulheres praticadas em relacionamentos íntimos, de modo a identificar ações e temas que contribuam para o reconhecimento em suas expressões regionais e nacionais. E, assim, obter subsídios baseados em evidências para o desenvolvimento de práticas educativas e de atendimento público e privado.

Após analisar detalhadamente os artigos selecionados reassegurou-se a urgência de desenvolvimento de pesquisas e intervenções na área e poucos avanços em relação à literatura que trata das violências psicológicas no escopo das domésticas em geral. Os estudos permanecem indicando a dificuldade de reconhecimento do fenômeno por parte das mulheres que o vivenciam, seus parceiros e os diversos técnicos que as atendem, a despeito de o fenômeno ser delimitável na teoria, na pesquisa e nos relacionamentos.

As violências psicológicas são complexas e esta revisão não identificou avanços expressivos nas definições, para além dos indicadores legais, nem nos índices de incidência e consequências, embora haja sugestões, a serem confirmadas, de tratar-se de um fenômeno em si mesmo, mas que também ocorre associado a outras violências e que pode escalar em risco significativo. Além disso, há que se produzir evidências que possibilitem discriminar o que são relacionamentos psicologicamente agressivos “brandos” e mútuos, daqueles que envolvem risco à saúde física, mental ou à vida.

Nessa busca pelo estado da arte do conhecimento sobre as violências psicológicas vividas por mulheres, há evidências de sua presença em todas as faixas etárias, e associação ao gênero, com forte tendência ao aprendizado no contexto familiar, indicando a urgência de produção de intervenções no âmbito educacional, tanto para alunos de todas as idades, quanto docentes. A revisão trouxe clareza da necessidade de produção nacional de pesquisa, instrumentos de avaliação e estudos epidemiológicos e compreensivos, dada a relevância do fenômeno e seu domínio compartilhado por profissionais de saúde, direito e educação.

Há também a notícia de faltas. A primeira diz respeito à ausência de estudos sobre práticas on-line, principalmente de vigilância por parte do parceiro, e neste contexto,

os profissionais de tecnologia precisarão ser convidados a colaborar com os tradicionais de saúde, do judiciário e de educação, para a geração de meios mais atuais de pesquisa, bem como para intervenções on-line.

Outra ausência se destaca quando se busca dimensionar as duas categorias maiores de ações de violências psicológicas, ou seja, as manifestações de abuso emocional e controle coercitivo. A revisão indica um campo vasto de ausência de conhecimentos precisos sobre incidência, evolução, motivações, expressões regionais e gerais, fatores associados e estudos que identifiquem as interseccionalidade de variáveis no Brasil.

Se a revisão trouxe a certeza da existência do fenômeno em relacionamentos íntimos femininos, a invisibilidade e menor preocupação pode ser caracterizada mesmo no que se refere aos descritores. Esta é a maior das limitações evidenciada; a precariedade de relevância do tema no próprio campo científico, como é expressa no caso da ausência do termo 'violência psicológica' no Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/MeSH). Considerando os efeitos sobre a saúde física e mental, a presença do descritor em saúde é uma emergência.

Referências

- Augustin, L. W., & Albuquerque Bandeira, C. C. (2020). Postura e intervenções do gestalt-terapeuta frente à violência psicológica contra a mulher por parceiro íntimo. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 26, 449-459. <https://doi.org/10.18065/2020v26ne.9>
- Barreira, A. K., Lima, M. L. C. D., & Avanci, J. Q. (2013). Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(1), 233-243. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000100024>
- Bonamigo, V. G., Torres, F. B. G., Lourenço, R. G., & Cubas, M. R. (2022). Violência física, sexual e psicológica segundo a análise conceitual evolucionista de Rodgers. *Cogitare Enfermagem*, 27. <https://doi.org/10.5380/ce.v27i0.82955>
- Brasil. (2006). Lei 11.340: *Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher nos termos do parágrafo 8º da Constituição Federal*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm
- Brasil. (2021). Lei 14.188: *Define o programa de cooperação Sinal Vermelho contra a violência doméstica como uma das medidas de enfrentamento da violência doméstica e familiar contra a mulher prevista na Lei Maria da Penha*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14188.htm
- Bueno, S.; Martins, J; Lagreca, A; Sobral, I; Barros, B.; Brandão, J.(2023). O crescimento de todas as formas de violência contra a mulher em 2022. In: *Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 17o Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. (pp. 136-145). <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>
- Caridade, S., Sousa, H. F. P., & Dinis, M. A. P. (2020). Cyber and offline dating abuse in a Portuguese sample: prevalence and context of abuse. *Behavioral Sciences*, 10(10), 152. <http://hdl.handle.net/10400.5/28371>
- Cezario, A. C. F.; C., L. L. de, & Lourenço, L. M. (2016). Violência Contra o Homem Perpetrada por Sua Parceira: Perspectivas de Psicólogos e Assistentes Sociais. *Psicologia em Pesquisa*, 10(1), 76-84. <https://doi.org/10.24879/201600100010049>
- Colossi, P. M., & Falcke, D. (2013). Gritos do silêncio: a violência psicológica no casal. *Psico*, 44(3), 310-318. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/11032>
- de Barros Siqueira, V., Leal, I. S., Fernandes, F. E. C. V., de Melo, R. A., & de Lacerda Campos, M. E. A. (2018). Violência psicológica contra mulheres usuárias da atenção primária à saúde. *Revista de APS*, 21(3). <https://doi.org/10.34019/1809-8363.2018.v21.16379>
- de Sousa, L. M. M., Firmino, C. F., Marques-Vieira, C. M. A., Severino, S. S. P., & Pestana, H. C. F. C. (2018). Revisões da literatura científica: tipos, métodos e aplicações em enfermagem. *Revista portuguesa de enfermagem de reabilitação*, 1(1), 45-54. <https://doi.org/10.33194/rper.2018.v1.n1.07.4391>

- Dempsey, F., Hammond, M. D., & Dixon, L. (2023). Examining self-reported motivations for physical and psychological intimate partner aggression: A systematic review. *Aggression and violent behavior*, 69. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2023.101822>
- Dichter, M. E., Thomas, K. A., Crits-Christoph, P., Ogden, S. N., & Rhodes, K. V. (2018). Coercive control in intimate partner violence: Relationship with women's experience of violence, use of violence, and danger. *Psychology of Violence*, 8(5), 596-604. <https://doi.org/10.1037/vio0000158>
- Engel, B. (2002). *The emotionally abusive relationship: How to stop being abused and how to stop abusing*. John Wiley & Sons.
- Hamel, J.; Cannon, C. E., & Graham-Kevan, N. (2023). The consequences of psychological abuse and control in intimate partner relationships. *Traumatology*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1037/trm0000449>
- Hirigoyen, M. F. (2006). *A violência no casal: da coação psicológica à agressão física*. Bertrand Brasil.
- Johnson, M. P., & Leone, J. M. (2005). The differential effects of intimate terrorism and situational couple violence: Findings from the National Violence Against Women Survey. *Journal of Family Issues*, 26, 322- 349. <https://doi.org/10.1177/0192513X04270345>
- Karakurt, G., & Silver, K. E. (2013). Emotional abuse in intimate relationships: The role of gender and age. *Violence and Victims*, 28(5), 804-821. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-12-00041>
- Khalil, H., Peters, M. D., Tricco, A. C., Pollock, D., Alexander, L., McInerney, P., & Munn, Z. (2021). Conducting high quality scoping reviews-challenges and solutions. *Journal of clinical epidemiology*, 130, 156-160. <https://doi.org/10.1016/j.jclinepi.2020.10.009>
- Klencakova, L. E., Pentaraki, M., & McManus, C. (2023). The impact of intimate partner violence on young women's educational well-being: A systematic review of literature. *Trauma, Violence, & Abuse*, 24(2), 1172-1187. <https://doi.org/10.1177/15248380211052244>
- Levy, L., & Gomes, I. C. (2008). Relação conjugal, violência psicológica e complementaridade fusional. *Psicologia clínica*, 20, 163-172. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000200012>
- Machado, I. V., & Grossi, M. P. (2015). Da dor no corpo à dor na alma: o conceito de violências psicológicas da Lei Maria da Penha. *Revista Estudos Feministas*, 23(2), 561-576. <https://doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n2p561>
- Magalhães, B. de C., Silva, M. M. de O., Silva, C. F., Alcântara, P. P. T. de., Oliveira, C. A. N. de., Araújo, M. M. D., & Albuquerque, G. A. (2022). "EMPODEREENF": construction of an application for nurses' continuing education on psychological violence against women. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 75(5). <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0391>
- Mascarenhas, M. D. M., Tomaz, G. R., Meneses, G. M. S. de., Rodrigues, M. T. P., Pereira, V. O. de M., & Corassa, R. B. (2020). Análise das notificações de violência por parceiro íntimo contra mulheres, Brasil, 2011-2017. *Revista Brasileira de epidemiologia*, 23, e200007-SU-PL. <https://doi.org/10.1590/1980-549720200007.supl.1>

- Miller, M. S. (1999). *Feridas invisíveis: abuso não-físico contra mulheres*. Summus.
- Njaine, K., Assis, S. G. D., & Constantino, P. (2007). *Impactos da Violência na Saúde*. Editora FIOCRUZ. <https://doi.org/10.7476/9788575415887>
- Oliveira, A. S. L. A. de., Moreira, L. R., Meucci, R. D., & Paludo, S. dos. S. (2021). Violência psicológica contra a mulher praticada por parceiro íntimo: estudo transversal em uma área rural do Rio Grande do Sul, 2017. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 30(4), e20201057. <https://doi.org/10.1590/S1679-49742021000400017>
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G. de., Njaine, K., & Pires, T. O. (2014). Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. *Ciência & saúde coletiva*, 19, 707-718. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.19052013>
- Organização Panamericana de Saúde. (2020). *Violência contra as mulheres* <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>
- Pimentel, A. D. S. (2013). Pesquisa qualitativa da violência psicológica: um instrumento de análise da linguagem. *Contextos Clínicos*, 6(1), 15-24. <https://doi.org/10.4013/ctc.2013.61.02>
- Portela, Y. (2021). Violência psicológica: dificuldade em romper o vínculo afetivo em uma relação conjugal violenta. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 32(2). <https://doi.org/10.35919/rbsh.v32i2.987>
- Queiroz, R. A., & Cunha, T. A. R. (2018). A violência psicológica sofrida pelas mulheres: invisibilidade e memória. *Revista Nupem*, 10(20), 86-95. <https://www.sumarios.org/artigo/viol%C3%Aancia-psicol%C3%B3gica-sofrida-pelas-mulheres-invisibilidade-e-mem%C3%B3ria>
- Razera, J., & Falcke, D. (2017). Por que eles permanecem juntos? Contribuições para a permanência em relacionamentos íntimos com violência. *Psicologia Clínica*, 29(3), 543-562. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-56652017000300010&script=sci_abstract&tlng=pt
- Ribeiro, M. R. C., da Silva, A. A. M., Batista, R. F. L., de Rocha, L. M. L. N., Schraiber, L. B., Medeiros, N. L., & Barbieri, M. A. (2014). Psychological violence against pregnant women in a prenatal care cohort: rates and associated factors in São Luís, Brazil. *BMC pregnancy and childbirth*, 14(1), 1-9. <https://doi.org/10.1186/1471-2393-14-66>
- Saffioti, H. I. (2001). Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagú*, 115-136. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644541>
- Saffioti, H. I. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. Ministério Público do Estado da Bahia.
- Silva, L. L. da., Coelho, E. B. S., & Caponi, S. N. C. de (2007). Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 11, 93-103. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000100009>
- Souza, D. C., da Silva, M. A., & Beiras, A. (2022). Violência Íntima entre Homens que se Relacionam com Homens-Revisão da Literatura. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 22(4), 1709-1728. <https://doi.org/10.12957/epp.2022.71775>

ARTIGO II

A violência psicológica em relacionamentos amorosos-sexuais de adolescentes e jovens: uma revisão do estado da questão.

Em 1996, na 49ª Assembleia Mundial de Saúde adotou-se a Resolução WHA 49.25, declarando a violência como um problema importante, e crescente, de saúde pública no mundo. A resolução chamou a atenção para as sérias consequências da violência – no curto e no longo prazo – para indivíduos, famílias, comunidades e países. Desde então, no mundo e no Brasil, criaram-se instrumentos teóricos e de intervenção para atuar no que, atualmente convencionou-se utilizar o plural: violências.

Compreender as violências, física, sexual ou psicológica, implica em identificá-las como multideterminadas, associadas a aspectos socioculturais desiguais no que se refere a: gênero; raça/etnia, orientação sexual, idade, características de personalidade, saúde mental, problemas socioeconômicos e cuidado parental, ou seja, em sua interseccionalidade (Organização Panamericana de Saúde – OPAS, 2012, 2020). Estudos consistentes (Barbosa, Corrêa, Zimmer & dos Santos Paludo, 2019; Razera & Falcke, 2017; Rolim & Falcke, 2017; Colosse & Falcke, 2013) também identificam as relações entre violências e transmissão transgeracional ressaltando a importância de estudarmos no contexto das relações vinculares.

Embora as violências física e sexual, no âmbito das relações amorosas e conjugais, tenham deixado o domínio do privado, sendo denunciadas e havendo equipamentos legais e sociais para coibi-las, as psicológicas podem ser naturalizadas e minimizadas socialmente, por seus perpetradores, por quem as sofre e pelos profissionais que as atendem. Em 2023 (Souza & Bernardes, 2023) as autoras realizaram revisão de escopo sobre as violências psicológicas em relação às mulheres no contexto de seus relacionamentos íntimos delimitada na literatura brasileira, tendo-se concluído que embora haja em nosso país, leis que possibilitam identificar e criminalizar as violências psicológicas, a violência permeia todo o tecido social e se

expressa em todas as faixas etárias e não só nos relacionamentos conjugais ou de longa duração.

Minayo et al (2011) realizaram ampla pesquisa sobre amor e relacionamentos adolescentes no Brasil, tratando de temas gerais como virgindade, aborto, relacionamentos ocasionais como o ficar, namoro, violência e sexo. Consideram que a violência psicológica subdivide-se em verbal, ameaças e relacional em que o ciúme é destacado como um fator importante que leva os jovens a serem vítimas ou perpetradores de algum tipo de violência. Além disso, indicam fatores que contribuem para que um adolescente tenha um comportamento violento para com seus parceiros, entre eles testemunhar violência no âmbito familiar e de convivência. Os resultados apresentados no livro são condizentes com os de Caridade e Machado (2006) que tratavam da população portuguesa. As autoras apresentam dados de estudos anteriores que revelam uma confusão entre os adolescentes quanto a crenças e valores envolvendo a violência no relacionamento amoroso. Para a maior parte dos jovens portugueses, a violência não deve fazer parte do namoro, mas concluem que parte da reprovação é minimizada a partir de crenças como o ciúme, que significa amar demais e dessa forma a violência é perdoada.

As violências psicológicas consistem em agressões verbais ou gestuais cuja finalidade é amedrontar, humilhar, ameaçar, constranger, assustar, intimidar a vítima, gerando medo e insegurança acerca de si, seus relacionamentos interpessoais e no ambiente que vive e frequenta (Brasil, 2021). Seus efeitos são diversos, entre eles baixa autoestima, ansiedade, depressão e manter-se, muitas vezes, refém de algemas invisíveis em um relacionamento opressor e que traz malefícios para sua saúde mental e física (Dempsey, et al. 2023; Engel, 2002; Hamel, et al., 2023; Karakurt & Silver, 2013; Klencakova et al., 2021; Miller, 1999; Njaine et al., 2007; Smith, 1989).

Embora venha sendo identificada em diferentes faixas etárias como um tipo agressão presente em outras expressões de abuso, tanto quanto uma violência de natureza específica que sustenta relações pouco saudáveis, de baixa satisfação, geradora de adoecimentos psicológico e físico, bem como com potencial de escalada em suicídio, ainda assim permanece sendo percebida como fenômeno de menor importância e de difícil identificação mesmo pela própria vítima.

Também é possível encontrar a presença de violência psicológica em relações ocasionais ou de curta duração entre jovens e adolescentes. Antunes e Machado (2012) trabalhando com uma amostra de 600 estudantes de Ensino Médio e Superior, de ambos os sexos, verificou que os níveis de violência física encontrados nas relações ocasionais excedem os níveis das relações de namoro. Segundo os autores, relacionamentos ocasionais ou solteiros apresentam maiores riscos de sofrerem violência física enquanto relacionamentos de longo prazo apresentam maior prevalência da violência psicológica.

As violências psicológicas são fenômeno multifatorial associado a aspectos socioculturais, características de personalidade e comportamento, saúde mental, problemas socioeconômicos e cuidado parental (Filipi, 2013). Embora chame a atenção quando em relações amorosas e conjugais adultas, é frequente em relacionamentos pais-filhos o que redundam em um procedimento de reprodução ao longo das gerações. O Instituto Europeu de Igualdade de Gênero (2022) destaca as consequências para os familiares das vítimas de violência psicológica, com ênfase nas crianças que, ao presenciarem os abusos, seriam mais propensas a perpetuar as violências ou tornarem-se vítimas delas.

As constatações acerca da reprodução das violências e da naturalização e pouco relevância social das psicológicas, também indicam caminhos políticos e educacionais necessários voltados à promoção de saúde, dirigidas ao desenvolvimento de relacionamentos familiares seguros, diminuição da tolerância às agressões, aprendizagem de habilidades sociais desde a infância, redução da disponibilidade de álcool e armas de fogo, promoção de equidade de gênero, redução da pobreza e desigualdade social (OPAS, 2012, 2020; *European Institute for Gender Equality, 2022*).

A revisão de escopo a respeito das violências psicológicas em relacionamentos íntimos femininos (Souza & Bernardes, 2023) chamou a atenção à presença de violências psicológicas em alta frequência em relacionamentos entre adolescentes e na vida de adolescentes. Além disso, a constatação da frequência e reprodução transgeracional das violências, conduzem à necessidade de identificar e analisar a produção especificamente voltada aos relacionamentos entre adolescentes e jovens com o objetivo de contribuir para o reconhecimento da incidência, expressões e

enfrentamento das violências psicológicas cometidos nesses relacionamentos obtendo-se, assim, subsídios baseados em evidências para o desenvolvimento de práticas educativas, psico-educativas, sociais e de atendimento que permitam prevenção de sua perpetuação.

Método

Tendo em vista a especificidade do objetivo, considerou-se o mais adequado realizar uma revisão do tipo Estado da Questão que tem como finalidade situar como se encontra um tema ou objeto de interesse no estado atual da ciência. Enquanto as revisões do tipo Estado da Arte ou do Conhecimento identificam e analisam a produção, revelando os múltiplos enfoques e perspectivas utilizados em uma área do conhecimento, apontando as diferentes facetas da literatura, o estado da questão se propõe a delimitar, clarificar e caracterizar um objeto específico de estudo ou investigação, por meio de pesquisa bibliográfica restrita aos interesses do pesquisador (Nóbrega-Therrien & Therrien, 2004).

Sob esta perspectiva, a presente revisão buscou identificar a incidência, significado atribuído, preditores, impactos e práticas de intervenção, descritas em pesquisas sobre violências psicológicas no contexto do namoro/relacionamentos amorosos íntimos, contínuos ou ocasionais, que envolvam adolescentes e jovens⁴. A busca usou o cruzamento dessas palavras-chave utilizando como critérios de elegibilidade artigos publicados em periódicos revisados por pares, teóricos, de pesquisas de quaisquer desenhos e revisões; datados na última década; publicado em periódicos revisados por pares em português, espanhol ou inglês. Foram excluídos: artigos opinativos, cartas, resenhas, editoriais e trabalhos de conclusão de cursos de especialização, mestrado e doutorado.

A busca foi realizada em periódicos indexados nas bases de dados e bibliotecas virtuais: SciELO – Brasil, Index-Psi de Periódicos Científicos, Medline - PubMed, LILACS e APA/PsycArticles e viabilizados por meio do Portal da Capes. Os

⁴ Utilizamos as referências da OMS que considera adolescentes-jovens os indivíduos que têm de 15 à 19 anos e adultos jovens de 20 à 24, sendo esse o período que compreende a juventude, de 15 à 24.

resultados obtidos são apresentados narrativamente nas categorias de interesse que subsidiariam a compreensão e possibilidades de atuação sobre as violências psicológicas no contexto do namoro/relacionamentos amorosos íntimos, contínuos ou ocasionais, que envolvam adolescentes e jovens, a saber: incidência, significados atribuídos, preditores, impactos e práticas de intervenção.

Incidência

As violências psicológicas têm sido reconhecidas como um problema de saúde em diferentes países. Hossain et al (2020), realizaram revisão guarda-chuva em dez grandes bases de dados, analisando 16 revisões sistemáticas ou meta-análises sobre violências de todos os tipos, ocorridas no namoro, e publicadas como artigos em língua inglesa, em periódicos revisados por pares até o ano de 2019. Segundo os autores, a maioria desses estudos foi realizada em países desenvolvidos e indicam uma prevalência de violência física variando de 0,1% a 57,5%, sexual da ordem de 0,1% a 64,6%, psicológica/emocional variando de 4,2% a 97% e assistida por tecnologia entre 5,8% e 92%. Os estudos acessados por essa revisão que se referem, especificamente, a violência psicológica/emocional e tecnológica, também apareceram na busca realizada para a presente revisão, de modo que serão descritos a seguir.

A revisão de Rubio-Garay et al. (2017) analisa todos os tipos de violência no namoro em estudos primários envolvendo mais de 500 participantes. Especificamente no que se refere a violência psicológica, analisou 19 pesquisas realizadas de 1999 a 2013, provenientes da Espanha (cinco), USA (cinco), Canadá (dois), Colômbia, Israel, Tailândia, Chile, Suécia, México e Portugal (uma). A porcentagem de violência psicológica cometida identificada situou-se entre 4,3% e 95,3% entre o sexo masculino e entre 4,2% e 97% no feminino. Na violência psicológica sofrida, os dados variaram de 8,5% a 94,5% entre os jovens, e de 9,3% a 95,5% entre as jovens, o que são porcentagens bastante semelhantes entre os sexos. Frente à uma enorme variabilidade de taxas os revisores as consideram decorrência da multiplicidade de metodologias usadas nos estudos.

A variação de índices também ocorre nos estudos brasileiros, na qual Oliveira et al (2014) tratando de dados coletados de 2007 a 2009, provenientes de pesquisa

realizada em dez capitais brasileiras com adolescentes de 15 a 19 anos, não só indicam a presença de violência psicológica na ordem de 29,8 % em relacionamentos afetivo-sexuais anteriores do adolescente, como se referem a presença de violências psicológicas em relacionamentos pregressos, acarretando um aumento de 53,1% na ocorrência dessa mesma forma de agressão no relacionamento atual. O estudo também destaca a presença mais frequente de perpetração de violência no namoro ou “ficar” pelas mulheres. Tratando dos dados da sub-amostra de 408 adolescente de Recife-Pernambuco, Barreira et al (2014) indicam que violência verbal/emocional foi a mais prevalente (87,9%), seguida de ameaça (36,1%) e, por fim, a violência relacional (24,5%).

Ainda no Recife, Beserra et al. (2015) obtiveram que 19,2% dos adolescentes já tinham sido agredidos(as) pelo namorado(a) e neste subgrupo a violência mais frequente foi a verbal/moral (60,4%), seguida da física (28,3%), com a ressalva de que um mesmo participante poderia ter sofrido mais do que um tipo de violência; além disso, 22,7% dos participantes afirmaram já ter agredido o(a) namorado(a), com maior prevalência da violência verbal/moral (60,3%) e física (35,3%). Outra amostra (Brançaglioni; Fonseca; 2016) indica a presença de ter sofrido violência psicológica entre 30,9% das adolescentes e 19,0% dos adolescentes, enquanto 21,2% da amostra feminina e 14,3% masculina a perpetraram. Finalmente, em 2018, estudo mais recente brasileiro (Verissimo et al, 2022) trabalhou com 396 estudantes matriculados no 8º e 9º anos do ensino fundamental II e no 1º ano do ensino médio, obtendo a presença de violências psicológicas na ordem de 81,8% (166M/203H) categorizados como vítimas e 86,2% (175/203) como perpetradores. O sexo masculino apresentou maior percentual de vitimização física (52,9%), enquanto o sexo feminino sofreu mais agressões sexuais (52,5%) e psicológicas (55,4%). Como na revisão de Rubio-Garay et al. (2017) os índices são muito variáveis, mas ressaltam o quanto o fenômeno é evidente em ambos os sexos, cabendo compreender o que o sustenta.

Ainda cabe mencionar os autores que retratam a violência que ocorrem nas plataformas digitais no contexto de relacionamentos afetivos-sexuais de adolescentes e jovens. Stonard et al (2014; 2017) identificou de 12% a 54% de ações e 12% a 56% de vitimização. Na mesma direção entre populações portuguesas, Caridade et al

(2019) verificaram que a prevalência da perpetração de abusos em encontros cibernéticos varia de 8,1% a 93,7% e a vitimização de 5,8% a 92%, enquanto os resultados de Nelas, Chaves e Coutinho (2021), em amostra de universitários portugueses, destacam a violência psicológica (80,7%) e a stalking (91,67%)⁵ como as violências mais evidentes em seu estudo. Nelas, et al 2016 traz outras informações, de que os estudantes do sexo masculino em cursos na área da tecnologia, manifestam mais comportamentos de violência no namoro, sobretudo a violência stalking e a violência psicológica. O aumento crescente de uso das redes sociais entre a população jovem aponta a necessidade de identificar e compreender o que e como está ocorrendo.

Significados atribuídos

Se as violências psicológicas são tão frequentes, torna-se importante compreender seus significados ou como são avaliadas pelos jovens. Já foi mencionado o quanto se trata de fenômeno minimizado socialmente entre adultos (Souza & Bernardes, 2023) e geralmente justificado por descontrole frente ao ciúmes (Minayo, 2011; Caridade & Machado (2006). Os estudos analisados na presente revisão corroboram essas conclusões e ressaltam o papel das normativas de gênero.

Andrade e Lima (2018) realizaram revisão sistemática da produção científica sobre as violências no namoro entre adolescentes nos idiomas português e espanhol, no período que compreende os anos de 2006 a 2016. Ressaltam resultados importantes sobre as violências em geral, ocorridos no namoro durante a adolescência, no que se refere aos sentidos conferidos aos episódios agressivos, que tem como base as representações dos papéis de gênero e o que se espera do desempenho de homens e mulheres nas relações íntimas.

Nessa direção analisando a aceitação da violência no namoro, os adolescentes (Barreira et al 2014) consideraram mais grave “namorado humilhar namorada” do que

⁵ Ao nível das relações de namoro, a violência stalking consiste num padrão de comportamentos de assédio persistente, repetido e indesejado, cujo objetivo é a vigilância e o controle de uma pessoa alvo por parte de um stalker.

a “namorada humilhar namorado”. Da mesma forma, consideram mais grave “namorado agredir namorada”. As construções de gênero são mencionadas por muitos outros autores (Andrade, Moraes e Martins, 2023; Ataíde 2015; Cecchetto, Oliveira, Njaine, Minayo, 2016; Brancaglioni, Fonseca, Gómez & García 2015; Garcia, Wlodarczyk, Reyes, San Cristobal, Osadey, 2014) e frequentemente embasam intervenções como aparecerá mais adiante.

As violências, frequentemente são bidirecionais (Barreira et al 2014; Andrade, Moraes e Martins, 2023; Cecchetto et al, 2016) ou seja, cometida tanto pelos meninos quanto pelas meninas em um relacionamento, porém, são explicadas de maneiras distintas por eles e elas. A violência física cometida por mulheres é considerada de menor importância e a violência cometida por homens é justificada por ciúme ou pela conduta indesejada da parceira. Além disso, o discurso do amor romântico sustenta relacionamentos permeados pela violência, justificando os atos agressivos e mantendo os papéis tradicionais de gênero (Caridade & Machado, 2006; Andrade & Lima; 2018; Cecchetto, Oliveira, Njaine, Minayo, 2016). No discurso de seus participantes, Andrade, Moraes e Martins (2023) observam com clareza que o controle e a vigilância são compreendidos como manifestação do “amor”, provas de confiança e “cuidado” para com a parceria, mas não como perpetração da violência.

O controle e a vigilância acabam por se manifestar como conduta preventiva. Cecchetto et al (2016) tratando com dados obtidos em amostra masculina adolescente, proveniente de 10 capitais brasileiras, esclarecem que a traição feminina é considerada um ato violento e a maioria das falas dos participantes centra-se nos temas de ciúme, traição, fofocas e xingamentos como fatores que desencadeiam as agressões verbal e física. Esclarecem, ainda, outros aspectos indicando que as ameaças são consideradas uma forma de agressão psicológica na medida em que são usadas como meio de pressionar ou constranger a parceira, além de serem, muitas vezes, predecessoras das agressões físicas.

Em revisão de artigos brasileiros, Carvalho, Souza e Souza (2018) também identificam que o sentimento de ciúmes se apresenta como um fator importante entre adolescentes, sendo desencadeante de agressões e explosões de raiva, sobretudo quando se manifesta como um alicerce para a construção da masculinidade ainda

presentes na sociedade atual. O jovem acredita que tem poder sobre a parceira, considerando a infidelidade masculina normal e entende que as crises de ciúme são manifestação de amor. Assim, banalizam a violência, pois passam a aceitar com naturalidade a agressão e, mais alarmante, tanto quem a sofre quanto quem a comete, o que é corroborado e esclarecido em estudos qualitativos (Andrade, Moraes e Martins, 2023; Cecchetto et al 2016).

Alguns aspectos desta relação entre controle e invisibilidade são esclarecidos no estudo de Souza, Pascoaletto, Mendonça (2018) que trabalharam com uma amostra de brasileiros de sexo masculino, maiores de 18 anos, tendo verificado que as violências de caráter psicológico e moral foram as mais presentes no namoro. Os participantes reconheceram mais facilmente a violência quando esta ocorria de forma mais visível, enquanto as psicológicas, de caráter subjetivo, e que eram as mais frequentes, foram percebidas como menos abusivas. Embora tenha se identificado maior prevalência da violência psicológica, visto que 46,8% dos sujeitos assinalaram já ter investigado ou questionado, reiteradamente, a namorada acerca dos lugares que ela frequentava, geralmente não era reconhecida como violência propriamente dita, mas como estratégia para supostamente evitar traições e controlar o comportamento da parceira, como se tal atitude tivesse a intenção de evitar algo pior ou ruim para o relacionamento, sem discriminar esses comportamentos como violentos. No que se refere ao reconhecimento das práticas abusivas, os participantes apresentaram maior dificuldade em reconhecer as ofensas de caráter subjetivo (xingar, perseguir e manipular) como agressões. Os pesquisadores avaliaram ainda que tanto a violência psicológica quanto a sexual são usadas como estratégias para solução de conflitos.

Em síntese, as crenças acerca da qualidade de relacionamento, amor romântico e construção das masculinidades e feminilidades são variáveis fundamentais para a construção dos sentidos atribuídos às violências e, principalmente aos atos que são ou não significados e justificados como tal, em período em que, de certo, ainda há impacto da história familiar, mas o adolescente está mais aberto às crenças dos pares e da comunidade em geral, bem como vai se tornando capaz de refletir sobre seus próprios comportamentos como sujeito amoroso.

Preditores

A OMS (2012) concluiu que um modelo particularmente adequado para mapear as violências é a perspectiva ecológica de Bronfenbrenner e seus colaboradores, pois favorece a análise dos fatores que as predizem ou sustentam no crono, macro, meso, micro e auto sistemas, permitindo uma compreensão de complexidade envolvida. Parte expressiva da literatura trabalha sob este fundamento, entretanto no campo do namoro e/ou relacionamentos afetivo-sexuais de longa duração ou ocasionais envolvendo adolescentes e jovens, ainda são poucas os estudos voltados especificamente sobre as violências psicológicas, não obstante de como evidenciou-se aqui, ser a mais praticada.

O esquema proposto por Murta et al (2016), apresentado abaixo, parece facilmente compreensível desses vários fatores mesmo que trate das violências em geral.

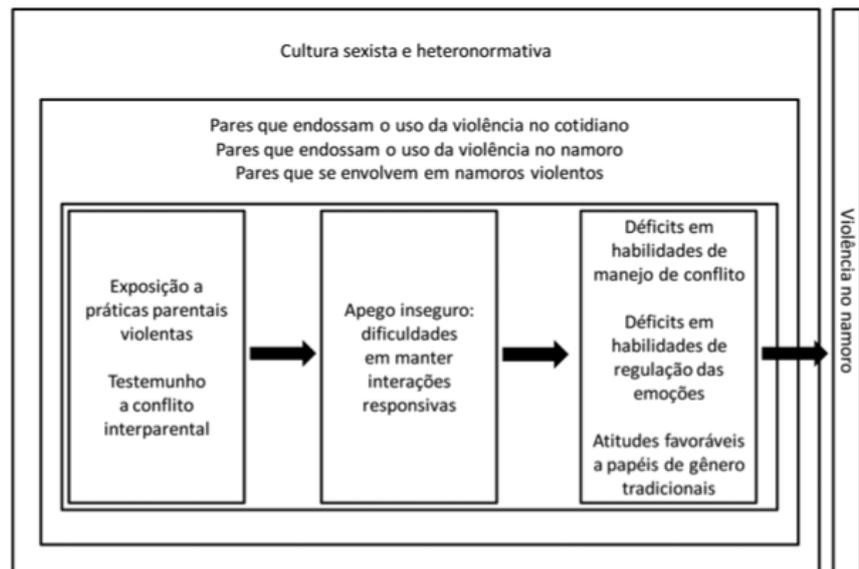


Figura 1. Fatores de risco para a violência no namoro.

Extraído de Murta et al. 2016

No item anterior já se assinalou a importância das normas de gênero praticadas na sociedade atual e como atuam na construção dos sentidos e na avaliação de trocas violentas. Considerando os temas de cronos e macro sistema pode-se identificar na revisão de Andrade e Lima (2018) que as maiores chances de se perpetrar violência psicológica foram identificadas entre os adolescentes que vivenciaram violência na comunidade, os quais apresentam quatro vezes mais chances de perpetrar esse tipo de violência no namoro. Ainda no que se refere a aspectos comunitários, Santos e Murta (2016) em revisão narrativa específica sobre a influência dos pares, alertam para o fato de como são estes que tem maior acesso aos episódios de violência e, além disso, o desenvolvimento de habilidades específicas para conduzir interações difíceis nos relacionamentos com amigos e colegas pode ser um fator de proteção a ser considerado. As autoras destacam a relevância de se atuar na prevenção de violências no namoro por meio de inclusão de relação com pares, bem como o envolvimento de educadores ou líderes nessas estratégias de prevenção. A influência dos pares também é indicada em outros estudos (Lessinge, Heine e Dell'Anglio, 2020; Carvalho, Souza & Souza, 2018).

No que se refere ao microcosmos, já foi mencionada a concordância dos autores acerca do papel das relações familiares na sustentação e dessensibilização de violências (Barbosa, Corrêa, Zimmer & dos Santos Paludo, 2019; Razera & Falcke,

2017; Rolim & Falcke, 2017; Colosse & Falcke, 2013; Carvalho, Souza & Souza, 2018). A respeito, especificamente, da violência psicológica, o estudo de Oliveira et al (2014) conclui que o número de eventos dessa natureza perpetrada pelos adolescentes em seus relacionamentos íntimos se correlaciona com a alta agressão verbal da mãe e do pai e a mais frequente vivência de violência psicológica entre pais, irmãos, amigos e a presente nos namoros anteriores. Os resultados reforçam a compreensão da circularidade da violência psicológica nos diversos contextos de socialização e convivência dos adolescentes e jovens o que é corroborado em estudos mais recentes (Carvalho, Souza e Souza, 2018; Lessinge, Heine e Dell'Anglio (2020; Willie & Kershaw, 2019; Song-Choi, Woodin, 2021) que ainda chamam a atenção para o papel dos maus tratos na infância e presenciar a violência conjugal.

Segundo Lessinge, Heine e Dell'Anglio (2020) que trabalharam com 403 adolescentes, de 14 a 19 anos, provenientes de escolas públicas e privadas da Região Metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, ter sofrido maus-tratos psicológicos na infância aumenta em 5,37 vezes a probabilidade de um adolescente ser perpetrador de violência verbal ou emocional no namoro. Além disso, as violências presenciadas podem, no futuro, contribuir para uma forma perniciosa de resolver conflitos interpessoais e dificultar a elaboração de sentimentos negativos, como frustração e raiva (De Queiroz & Cunha, 2018; De la Rubia & Rosales, 2014).

Finalmente, no que se refere aos preditores pessoais (autossistema) e de relacionamento que podem levar a violência psicológica entre parceiros íntimos identifica-se: dependência emocional, baixa autoestima, desamparo aprendido, padrão de apego inseguro e baixa habilidade socioemocional e de comunicação. A literatura também aponta para a manutenção de estereótipos relativos aos papéis de gênero, culpa, vergonha, crença na mudança do agressor ou constante justificativa das ações de violência do parceiro/a (Riina, 2021; Miller-Graff, Graham-Bermann, 2016; Stein et al., 2019). Por outro lado: distúrbios da personalidade antissocial, uso de álcool e outras drogas, baixa habilidade de lidar com sentimentos como raiva e hostilidade, dificuldade com o relacionamento materno (figura feminina), insegurança, baixa autoestima, vivência de violência na família de origem tendem a se associar a produção de atos violentos (Souza, 2015; Willie & Kershaw, 2019; Song-Choi, Woodin, 2021). No que se refere a prática de atos violentos, estudo recente (Nelas, Chaves,

Coutinho, 2021) sugere que a procura por sensações sexuais também é um preditor a ser considerado no que se refere ao grau de violência no namoro.

Também contribuem para situações de violência em geral, os problemas psicológicos e de saúde mental, como transtornos mentais graves, uso de álcool e outras drogas (Sunami, Hammersley, Keefe, 2019; Eckhardt, 2020; McKinley, 2021; Xavier Hall et al., 2021; Bresin et al., 2021).

Além de fatores contextuais e individuais, a violência no namoro entre adolescentes ocorreria, segundo Nelas, Chaves, Coutinho (2021) como uma estratégia de resolução de conflitos ou, melhor, como falta de repertório para manejar conflitos interpessoais e de relacionamento. Os autores também destacam que a violência cometida por parceiro íntimo, por ser uma violência interpessoal no âmbito da intimidade, torna-se mais difícil de ser percebida por terceiros e ser compartilhada por aqueles envolvidos. Além de que, ambos indivíduos da díade ignoram e desvalorizam os primeiros sinais de violência o que contribuiria para sua perpetuação. Mas os sinais de sua presença estariam lá desde o início do relacionamento (Garcia, Wlodarczyk, Reyes, San Cristobal, Solar Osadey, 2014).

Finalmente, os fatores de proteção que têm sido apontados ou indicados para a (não) vivência da violência no namoro seriam: ser empático, ter boas notas, ter um QI verbal alto, uma relação positiva com a mãe e um sentimento de apego à escola (Nelas, Chaves, Coutinho, 2021). De acordo com esse estudo, muitos desses preditores são semelhantes entre os sexos.

Efeitos-Impactos

Contrariando a minimização da importância, a naturalização e a invisibilidade das violências psicológicas identificam-se estudos que mostram seus efeitos e impactos de curto e longo prazo pessoais e relacionais. Porrúa-García et al. (2016) observaram que os impactos emocionais da violência psicológica são mais graves e duram mais tempo depois de passar por essa vivência. Além disso, as pessoas estariam sujeitas tanto a consequências mais comuns, como insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração e queixas somáticas até

transtornos psiquiátricos como TEPT, ansiedade e depressão e suicídio (*European Project on Forced Suicides*, 2021; Mendonça & Ludermir, 2017; Zancan & Habigzang, 2018; De Miranda Silva, & Assumpção, 2018; Martins & Burd, 2018; Almeida et al, 2017; Paiva, Pimentel & Moura, 2017; Porrúa-García et al, 2016; Colossi, Razera, Haack & Falcke, 2015; Coelho, Silva & Lindner, 2014).

O estudo de Caridade & Barros (2018) procurou analisar a relação entre violência nas relações íntimas juvenis e a ocorrência de ideação e comportamentos suicidas. Para tanto aplicou entre os participantes a Escala Tática de Conflitos, bastante utilizada nas pesquisas empíricas de violência, e o Inventário de Ideação e Comportamentos Suicidas e, confirmando os resultados de outros estudos, identificaram que o abuso psicológico assume maior preponderância sobre todos os outros tipos de abuso, tanto na perpetração (51.1%) quanto na vitimação (45.4%). E o dado interessante é que tanto ofensores quanto vítimas apresentam pensamentos e/ou comportamentos suicidas. Havia maior associação estatisticamente significativa entre a ideação e/ou comportamentos suicidas no gênero feminino, logo esse seria um grupo de risco no que se refere as consequências das violências nos relacionamentos íntimos durante a juventude.

Finalmente, cabe mencionar que Garcia, Wlodarczyk, Reyes, San Cristobal, Osadey (2014) em seu estudo descrevem ações e atitudes que configuram a violência psicológica, como: indiferença, ameaças, manipulação através de mentiras, falar sobre relações imaginárias, humilhação, críticas que minam a autoestima, atitudes de superioridade e condutas sexistas. Tais atitudes presentes na violência entre parceiros íntimos afetam o bem-estar psicológico. Por outro lado, o apoio social percebido, que consiste no valor atribuído a rede de apoio e os recursos que esta pode lhe ofertar quando em uma situação de vulnerabilidade ou necessidade de apoio e ajuda, é a percepção de poder contar com pessoas e instituições que irão lhe fortalecer em determinada situação, ajuda a minimizar os efeitos da violência psicológica cometida entre parceiros íntimos. E, portanto, as políticas e programas de prevenção à violência entre parceiros deve incorporar as redes familiares, sociais e comunitárias que ofertem apoio social aos jovens para que possam, inclusive, falar sobre suas experiências em espaços e relações livres de julgamento.

Práticas de intervenção

Há algumas revisões consistentes que identificam e avaliam práticas de intervenção em prevenção de violências, embora não tenha se identificado alguma especificamente voltada para as violências psicológicas, nem tratando de ações intermediadas por plataformas digitais. Mesmo tratando de violências em geral, optou-se por trazê-las à análise de modo a facilitar a identificação de estudos e favorecer novos estudos.

Na mais antiga das revisões identificada, Gómez e Ancona (2014) avaliaram a literatura acerca das práticas de intervenção em prevenção da violência no namoro no período de 1990 a 2011. Os 13 artigos analisados relatam programas realizados primordialmente na América do Norte - USA (8), Canadá (2), México (1) – além de um na Espanha e outro no Chile; envolviam estudantes adolescentes de ambos os sexos, e variavam muito na duração e tempo das sessões, isto é, de 5 sessões de duas horas e 30 minutos a 24 de 55 minutos. Destacaram-se temas como atividades de desenvolvimento de gestão de conflitos, capacidade de resolução de problemas, conhecimentos sobre relações saudáveis, bullying/agressão sexual, mudança de atitudes sobre violência no namoro e treinamento em habilidades de busca de ajuda. Em geral, os programas obtiveram diminuição das atitudes violentas e um aumento do conhecimento sobre a violência, embora a maioria dos envolvidos no estudo não tenha realizado uma avaliação da mudança comportamental e não tenha participado de *follow up* inviabilizando o conhecimento a respeito da manutenção dos benefícios obtidos.

A revisão integrativa realizada por Oliveira et al (2016) sobre a prevenção da violência por parceiro(a) íntimo(a) entre adolescentes analisou 30 artigos publicados de 1997 a 2013, período pouco maior do que o coberto pela revisão anterior e como naquela, repete-se a predominância de estudos realizados em países de língua inglesa - USA 17, Canadá 1, Austrália 1, Reino Unido 1 África do Sul - quatro de língua espanhola - México, Chile, Colômbia e Espanha- , dois em português provenientes de Portugal e do Brasil, e finalmente um da Tailândia, e outro na Suécia. A maioria das intervenções foram realizadas em contexto educacional formal (21 em escolas e duas em universidades). A maior parte dos estudos que avaliam intervenções de prevenção da violência por parceiro(a) íntimo(a) jovem ou

adolescente tem como foco o reconhecimento e a tomada de consciência sobre as violências, assim como habilidades de gestão de conflitos e resolução de questões de estereótipos de gênero. Tais questões são reconhecidas como estratégias que possibilitam instrumentalizar adolescentes para gerenciar relacionamentos problemáticos, antes de que hábitos interpessoais vulneráveis se estabeleçam. A revisão, no entanto, não traz indicativos de *follow up*.

Murta et al 2016 propuseram estudo com o objetivo de avaliar os efeitos de uma intervenção sobre intenções de enfrentamento às violências em geral no namoro, dificuldades em regulação das emoções e endosso a normas tradicionais de papéis de gênero masculino entre 45 adolescentes de ambos os sexos, com idades variando entre 15 e 17 anos, estudantes do primeiro ano do ensino médio de uma escola pública de Brasília, DF. Foram realizados nove encontros semanais de 80 minutos cada. A sessão inicial e a final utilizaram instrumentos de avaliação, enquanto as demais trouxeram informações sobre violência no namoro, habilidades sociais, tomada de decisão, papéis de gênero, direitos sexuais e reprodutivos e empoderamento. Os resultados obtidos são condizentes com a abordagem dos autores que trabalham com habilidades mais inclusivas de promoção de saúde do que específicas de prevenção; indicam que a intervenção foi parcialmente eficaz no que se refere a papéis de gênero masculinos voltados para restrição emocional, crescimento das intenções de uso de estratégias positivas de condução de conflitos no namoro e indicadores qualitativos de desenvolvimento de habilidades mais flexíveis de relacionamentos interpessoais.

Lourenço et al (2019) focalizaram sua revisão nas intervenções direcionadas ao enfrentamento da violência entre parceiros íntimos na adolescência, que endossam a ação especificamente nas categorias gênero e geração, tendo trabalhado com 31 artigos. A maior parte dos estudos foi publicada nos Estados Unidos (n=22), seguido da Espanha (n= 2) e do México (n=2). Canadá, Suíça, Haiti e Caribe produziram um estudo cada, e outro foi realizado por uma parceria entre Canadá e Reino Unido, cobrindo publicações que vão de 1998 a 2017. A maioria das intervenções foi realizada no âmbito escolar, com focos de interesse em desenvolvimento de habilidades para manutenção de relacionamentos saudáveis; tipos de violência; conhecimento de alternativas não violentas para a resolução de conflitos; recursos

para auxílio aos envolvidos; e papel dos amigos como interventores. Os resultados indicam que intervenções para o enfrentamento desse fenômeno podem modificar os relacionamentos afetivos e sexuais na adolescência, embora, novamente não se tenha notícia de follow up.

Pegorin e Silva (2022) também conduziram revisão sistemática com objetivo de analisar os resultados de intervenções realizadas especificamente em escolas, visando prevenção ou redução da ocorrência de violência nas relações de namoro. Oito artigos atenderam aos critérios de inclusão sendo a maioria dos desenvolvida nos Estados Unidos da América (n = 5), seguidas por África do Sul (n = 2) e Espanha (n = 1) identificados no período de 2014 a 2018. O tamanho das amostras variou entre 82 e 3451 participantes de ambos os sexos. A idade dos participantes variou entre 10 e 20 anos. Apenas um dos estudos que buscava avaliar um programa de prevenção destinado a adolescentes cubano-americanos não trouxe resultados positivos. Os demais se mostraram eficazes para redução tanto na vitimização quanto na agressão. No entanto, as descrições indicam estratégias muito diversas desde a análise de um filme a uso de role playing e leitura de textos. Também não há informações específicas sobre duração da intervenção e tempo de sessões, além de as habilidades descritas como desenvolvidas não serem muito consistentes de um programa para outro, trazendo especificidades de adiamento de iniciação sexual à transferência mensal de dinheiro condicionada à frequência escolar de estudantes do sexo feminino e aconselhamento sobre prevenção de HIV. Alguns atuam só com os jovens enquanto outros envolvem equipe escolar e sensibilização de pais, facilitando apenas a escolha de um programa que mais sensibilize o leitor.

Finalmente, Lowe et al (2022) realizaram uma análise dita, realista, das intervenções de prevenção primária para a violência produzida por parceiro íntimo entre adolescentes em países de baixo e médio rendimento com o objetivo de sintetizar evidências sobre como funcionam, para quem e em que circunstâncias. Consideram que, apesar de a adolescência ser amplamente considerada como uma janela de oportunidades para influenciar atitudes e comportamentos relacionados com a igualdade de gênero, as evidências sobre o que funciona para prevenir as violências produzidas por parceiros íntimos, nesta fase crítica, são limitadas em sua grande maioria aos ambientes escolares de países de elevado rendimento. Os autores

identificaram onze intervenções realizadas com adolescentes em países de baixa e média renda, dez das quais demonstraram um impacto positivo na experiência e/ou perpetração de violências. A maioria das intervenções (n = 9) implementou educação interativa de grupos de pares e foram realizadas na escola ou na comunidade com a finalidade de transformar atitudes e normas em torno de gênero e mudança de comportamento. O mecanismo central de mudança relaciona-se ao conteúdo transformador de gênero que leva os adolescentes a refletirem criticamente sobre suas atitudes e relacionamentos, levando a um reprocessamento de seus valores e crenças. Este mecanismo central foi apoiado por dois mecanismos secundários: a concepção e execução de intervenções no sentido de uma educação interativa e apropriada à idade, ministrada em grupos de pares e que ofereciam aos adolescentes um espaço seguro para se envolverem com o conteúdo e desenvolverem competências de comunicação; o segundo mecanismo referia-se ao público de destinação no sentido de que as intervenções sobre normas sociais dirigidas à comunidade em geral criaram ambientes propícios que apoiam a mudança individual. Os autores concluem por ressaltar o imenso potencial das intervenções transformadoras de gênero durante o período crítico da adolescência para a prevenção das violências nos relacionamentos íntimos adolescentes.

Considerações Finais

As violências psicológicas nos relacionamentos afetivo-sexuais durante a adolescência e no início da vida adulta são fenômenos de alta incidência, associados à agravos na saúde mental e física, bem como a repetição de padrões violentos nas relações conjugais atuais e adultas. É consenso que se fazem presentes nos relacionamentos entre parceiros íntimos na adolescência e no início da vida adulta, caracterizando um problema de saúde pública em diversos países do mundo como atestam a presença de publicações provenientes de países europeus, norte e sul-americanos, da Oceania e mesmo da África.

As pesquisas localizadas na presente revisão foram, em sua maioria, grandes revisões e investigações de natureza quantitativa com número de participantes significativo o que possibilitou acesso a dados consistentes no que se referiu ao

reconhecimento da violência entre parceiros íntimos e sua perpetração. Por outro lado, como geralmente tratam de todos os tipos de violências, torna-se importante apontar no presente trabalho, a necessidade de se aprofundar as especificidades das violências psicológicas para além das incidências o que também requer estudos qualitativos mais extensivos. E, em um mundo cada vez mais permeado pelas experiências digitais, cabe mencionar a sua baixa presença na literatura analisada.

Pode-se concluir que os estudos de gênero permitiram o avanço na compreensão das desigualdades entre homens e mulheres e suas consequências, como as violências nas relações de intimidade e que a violência das diversas naturezas acomete as pessoas de ambos os sexos, desde muito cedo, nas relações de namoro e relações ocasionais, mas o papel de outras variáveis como etnia/raça, religião também devem ser melhor investigadas.

As violências psicológicas, por seu caráter subjetivo, são mais difíceis de serem reconhecida dentre aqueles que cometem a agressão, bem como aqueles que são vitimados. As crenças e valores sociais e pessoais foram identificadas como barreiras para sua percepção, cometida ou sofrida. A narrativa de amor romântico permeado por ciúme, a possessividade masculina ainda são compreendidas pelos jovens como sinônimo de amor, assim, muito embora sejam contra a violência, confundem violência com amor.

Crenças familiares, violência familiar e maus-tratos infantis interferem na forma como os adolescentes estabelecem suas primeiras relações amorosas. Caso tenham presenciado violência entre o casal parental podem naturalizar ou, ainda, terem como referência relacionamentos mediados por gritos, xingamentos, coerção e ameaças e a violência como uma forma de estabelecer um relacionamento e de resolução de conflitos. A violência urbana e comunitária também reforça comportamentos violentos nas relações interpessoais e de intimidade.

Para que se chegue a uma sociedade com adultos com saúde mental e bem-estar, que vivam relacionamentos conjugais satisfatórios e saudáveis é preciso olhar para a geração mais nova. Não minimizar as violências psicológicas, seus efeitos e agravos, em todo o tecido social e ampliar os recursos comunitários e sociais para

que haja rede de apoio fortalecida e espaços de sociabilidade que estimulem vivências de educação, lazer e desenvolvimento pessoal e profissional.

As intervenções em escola realizadas para os alunos têm sido as mais praticadas e em geral são efetivas pelo menos no curto prazo e, portanto, devem ser sustentadas, mas ações em outros espaços e relações comunitárias que envolvam atores como os pais e responsáveis, educadores, políticos e formadores de opinião e demais pares também se fazem necessárias.

A revisão presente conduz a considerar que intervenções mais voltadas às violências psicológicas e à sociabilidade, que tratem dos impulsionadores mais amplos das violências entre adolescentes, como significados, normas de gênero, autocuidado e autoconhecimento, que favoreçam habilidade socioemocionais, comunicação e resolução de conflitos, desenvolvidas de forma interativa e envolvendo os vários segmentos da sociedade, provavelmente poderão maximizar o potencial e capitalizar a janela de oportunidade que a adolescência representa no sentido de romper com a perpetuação familiar e social da violências.

PROLEGÔMENOS

Glossário de termos extraídos das redes sociais (Instagram e TikTok)

Afetos são vínculos amorosos, geralmente, relacionado às relações românticas, mas também podem se referir a outras relações, como as de amizade. “Meus dengos e meus xodós, sendo afeto romântico ou de amizade...descolonizar a linguagem é necessário e urgente.”

Affair.....um relacionamento romântico ou sexual, geralmente, visto como experiência passageira e podem ou não ser mantido em segredo.

Amor Romântico um constructo social moldado por ideais como alma gêmea, amor eterno e a busca da felicidade através da relação amorosa. Expectativas irrealistas que leva jovens a recorrer a um ideal inatingível e se a ver com constante desilusão; pressão para relacionamentos e pessoas perfeitas; dificuldade em lidar com o término uma vez que tem em seu cerne o discurso do amor eterno.

Amores/Relacionamentos Líquidos conceito cunhado por Zygmunt Bauman que ganhou popularidade nas redes sociais e fora delas. Refere-se a uma forma de interação social caracterizada pela fluidez, transitoriedade, instabilidade e falta de compromisso duradouro. Nos relacionamentos líquidos, as conexões entre as pessoas tendem a ser superficiais e temporárias; há uma busca por um prazer imediato e satisfação de impulsos. O autor traça um paralelo com as redes sociais em que é fácil conectar-se e desconectar-se do outro.

Benchingquando um vínculo amoroso é mantido a partir do interesse e disponibilidade de uma das partes. A outra, fica à mercê da vontade de procura da outra pessoa. Quando acontece o encontro, há um investimento de modo que parece que aquele vínculo está sendo nutrido e cuidado, mas na ausência há certo abandono afetivo.

Blame-shifting/Manipulação termo em inglês que diz respeito a uma estratégia de manipulação nas relações interpessoais em que a pessoa tenta desviar a responsabilidade por suas ações ou comportamentos culpabilizando a outra pessoa, de modo que, busca proteger a própria imagem ou manipular a percepção das outras pessoas sobre determinada situação. Impede a comunicação honesta e mina a confiança da outra pessoa nela mesma e no vínculo.

Boy lixo reflexo de uma masculinidade predatória. Homem que tem por objetivo seduzir e conquistar as mulheres com vistas a form

Boy probleminha se apresenta como alguém frágil e desprotegido que precisa de apoio, compreensão e acolhimento de suas inseguranças. Tal postura, contribuiria para uma manipulação da parceira lhe fazendo se sentir culpada

Cisgênero termo usado para descrever a pessoa cuja identidade de gênero está alinhada com o sexo que lhe foi atribuído no nascimento.

Conchinha dormir abraçado, com intimidade e conotação amorosa.

Contatinho alguém com quem se tem uma relação casual ou ocasional, muitas vezes, para trocar mensagens, flertar ou se encontrar de forma não comprometida. Ter um contatinho pode ser visto como uma maneira de manter opções abertas ou desfrutar da companhia casual de uma ou mais pessoas sem se comprometer com um relacionamento mais sério.

Conversante o termo viral é usado por jovens nas redes sociais, aqui no Brasil, para descrever um relacionamento que não evolui além das mensagens – pessoas que conversam com frequência, mas que não se conhecem pessoalmente.

Crush Se refere a uma atração romântica ou interesse por alguém. “Ter um crush” significa que a pessoa se sente atraída pelo outro, muitas vezes de forma inicial ou superficial, e pode desejar iniciar um relacionamento ou simplesmente apreciar a presença e as qualidades da pessoa que desperta esse

sentimento. É um termo usado de forma acasual e pode variar a intensidade de um leve interesse a uma paixão.

Curving..... Quando se estabelece um contato por troca de mensagens e demonstrações de interesse virtualmente, o encontro presencial nunca é concretizado. Em alguma medida, é a definição do ‘conversante’, entretanto, a decisão em manter a relação somente no âmbito virtual com pequenas expressões de interesse e investimento afetivo e sexual se dá através de uma das partes, somente. A outra pessoa fica na espera de que algo se desenvolva.

Date um encontro romântico ou socialmente planejado entre duas pessoas que estão interessadas uma na outra. Esses encontros podem variar em termos de contexto e atividades, podendo incluir jantares, idas ao cinema, passeio ao ar livre, tomar uma cerveja entre outros. É uma oportunidade para os envolvidos se conhecerem melhor, compartilharem experiências e estabelecerem uma conexão emocional ou romântica.

Demissexual é uma orientação sexual em que uma pessoa só sente atração sexual por alguém após desenvolver um forte vínculo afetivo. Para essas pessoas, a atração sexual não é baseada na aparência física, mas sim, na conexão emocional e na intimidade compartilhada com a outra pessoa.

Dependência Emocional Dependência emocional é insistir em ficar na vida de alguém em que estamos recebendo menos que o mínimo (como as coisas que ela mencionou). Se conformar em receber migalhas, isso é dependência. Obrigada pelo conteúdo emjoi coração/

Dexting.....a contração das palavras em inglês, date (encontro) e texting (enviar mensagem de texto). O termo foi criado por Amanda Bradford, especialista em namoro que diz que essa conexão pode ser tão forte como de um relacionamento no mundo físico. Segundo ela, a prática é conveniente porque a pessoa ‘economiza’ seu tempo e esforço e, além disso, tem um menor risco de ser rejeitada.

Emocionadoalguém que está muito entusiasmado e empolgado com algo ou alguém, podendo expressar suas emoções de diversas maneiras: com emojis, letras maiúsculas, múltiplos pontos de exclamação ou compartilhando conteúdos em

relação àquilo que está lhe deixando emocionado. Entre jovens e adolescentes que estão se conhecendo, flertando ou ficando, significa deixar transparecer o entusiasmo, alegria e apaixonamento que se sente em relação a outra pessoa. Não esconder admiração e vontade de estar junto e, até, de fazer planos e desejar ter um compromisso mais sério com aquela pessoa. Mostrar-se emocionado em uma relação em que a outra pessoa não sente o mesmo pode ser interpretado como uma fragilidade e sinal de vulnerabilidade.

Esquerdomacho apresenta-se como alguém alinhado à perspectiva progressista e, portanto, no discurso é apoiador das pautas feministas e respeita mulheres e demais minorias. Na prática, entretanto, revela certa contradição. É autocentrado e com “autoestima delirante” tem atitudes abusivas: interrompe mulheres, desconsidera que elas saibam mais do que eles sobre determinados assuntos, dando “palestrinha” sobre tópicos de propriedade dela, comete traição sob justificativa da liberdade dos afetos dentre outras coisas. Ou seja, são homens que apropriados do discurso feminista e progressista perpetuam o machismo de um jeito mais sutil e, cometem abusos nas relações de intimidade. Homens cishetero que buscam pela manutenção da imagem de poder. Não objetificam a mulher, a exaltam, num primeiro momento, depois promovem desqualificações sistemáticas que geram inseguranças e minam a autoestima de companheiras.

Feministadefinição semelhante ao Esquerdomacho. Homem cishetero que se apresenta alinhado à perspectiva progressista e apoiador das pautas feministas de igualdade de gênero, é tão defensor das mulheres, que no discurso diz saber mais sobre seu lugar de fala do que elas próprias, se colocando no papel de explicar-lhes questões próprias do feminino.

Ficante um status de relacionamento mais casual, concretiza o encontro, mas é casual e não exclusivo, nem sempre os ficantes circulam juntos entre o grupo de amigos e, tampouco, são apresentados às pessoas da rede de relacionamentos. A ideia é não oficializar aquela relação para que outras possam ser vividas sem estar traindo ou enganando. Não há o compromisso de manter encontros frequentes e, por vezes, determinado ficante não tem prioridade em ter encontros nos finais de semana. Os finais de semana geralmente são dedicados aos ficantes sérios

ou até mesmo aos amigos e festas. Essa prática reflete um relacionamento mais descontraído e flexível em relação ao namoro.

Outras expressões em português revelam a diversidade de modelos de relacionamento íntimo e compromisso que existem hoje em dia. “conversante”, “ficante”, “ficante sério”, “rolo” e “contatinho” são estágios anteriores a oficialização do namoro e, muitos dos relacionamentos, permanecem nesses status de relacionamento. Tais nomenclaturas tratam dessa possibilidade de se estabelecer um vínculo com alguém através da troca de mensagens e conversas sem necessariamente estabelecer outros níveis de intimidade como beijo, abraço e sexo.

Ficante Premium O ficante sério é aquele com quem se tem mais contato e interesse em estabelecer um compromisso, geralmente, de todas as pessoas com as quais se mantém contato, é a que desperta maior interesse e por quem se está apaixonado. A ideia é que, passado um período de tempo, possa começar um namoro.

Ficante Premium Confort Plus A pessoa pela qual mais se tem interesse e por quem mais oferta concessões em termos de intimidade, reciprocidade, disponibilidade, investimento de tempo e atitudes no sentido de estabelecer e manter o vínculo amoroso e a parceria.

Flerteé uma forma de comunicação romântica e leve que pode envolver elogios, piadas, toques sutis e linguagem corporal expressiva. É uma maneira de expressar interesse romântico ou atração por alguém de forma casual. Pode ocorrer pessoalmente, através de mensagens de texto, redes sociais e outras formas de comunicação digital.

Gaslightingdesqualificação da percepção e reivindicação de alguém sobre uma situação, atos ou sentimentos, fazendo com que essa pessoa passe a duvidar daquilo que acredita e vê e imputando a ela um caráter de loucura ou insanidade, de modo que a própria pessoa desacredite de si mesmo e de sua percepção da realidade. Tal atitude permite que novas manipulações discursivas e emocionais e violências se instalem em um relacionamento amoroso. Trata-se de um

constante questionamento acerca das próprias emoções promovido por outrem. O objetivo é ganhar e manter o poder da narrativa dentro da relação a dois.

Gatilhos para a Psicologia Comportamental, um gatilho refere-se a estímulos ambientais, pensamentos, emoções ou situações que desencadeiam uma resposta comportamental e estão, frequentemente, associadas a padrões de comportamento aprendidos. Nas redes sociais, o mesmo termo ganhou relevância, ao ser utilizado para indicar que determinados conteúdos, palavras, imagens ou interações poderiam provocar reações emocionais intensas nas pessoas que entram em contato com os referidos conteúdos, de modo a desencadear respostas e emoções negativas como ansiedade, tristeza ou raiva.

Ghosting..... A pessoa que some sem dar qualquer explicação. Deixa de responder mensagens, não aparece no dia de um encontro marcado ou, ainda, bloqueia nas redes sociais. Pode dizer respeito à dificuldade em comunicar um sentimento ou a falta de interesse em seguir determinada relação. A escolha por evaporar revela a falta de responsabilidade afetiva e deixa a outra pessoa responsável por elaborar o ocorrido sozinha, as vezes, se culpabilizando pelo rompimento abrupto. O ghosting pode acontecer depois de um único encontro ou depois um relacionamento mais duradouro.

Heterossexual orientação sexual na qual a pessoa sente atração predominantemente por uma pessoa do gênero oposto ao seu.

Homossexual orientação sexual na qual a pessoa sente atração predominantemente por uma pessoa do gênero semelhante ao seu.

Hoovering Quando um ex-parceiro/a não permite que a relação se encerre, ou seja, mesmo depois do término, segue acessando a pessoa de diversas formas, às vezes, sutilmente, sem declarar que há interesse em retomar o vínculo, às vezes, pedindo que reatem o relacionamento. Aqui, não se trata de um verdadeiro interesse em cuidar da relação, mas sim, garantir que a outra pessoa não consiga encerrar o relacionamento, deixar de investir no ex-parceiro e se voltar a novas experiências. Algumas páginas de apoio à mulheres que sofrem violência psicológica explicam que o abusador sempre busca retomar o contato impedindo que o término se concretize e que a mulher siga interessada nesse vínculo, assim, ensinam a manter

o 'contato zero', ou seja, bloquear, apagar e excluir a pessoa da rede de contatos para que não a procure e não volte a cair na manipulação discursiva e nos pedidos de reatar o relacionamento.

Linguagens do amor “As 5 linguagens do Amor” desenvolvido por Gary Chapman, ganhou popularidade por conceituar 5 formas de demonstrar amor, carinho e importância por alguém e buscar alinhar expectativas e interpretações sobre o que o/a parceiro/a sente em relação à pessoa, promovendo melhor comunicação e conexão emocional. As linguagens seriam: palavras de afirmação; tempo de qualidade; presentes recebidos; atos de serviço; toque físico;

Love Bombing Termo em inglês para “explosão de amor”. A pessoa faz manifestações de amor exageradas. Gestos grandiosos durante a conquista e o flerte que não são consoantes com nível de envolvimento emocional de ambos. Impressiona e cativa a pessoa que está sendo paquerada, pois demonstra um interesse significativo e uma paixão intensa. “*Lovebombing* dura poucos segundos, mas deixa gostinho de quero mais. no *lovebombing* é uma brochada, ele tá ali, mas mais seco, frio, distante. Passa tempo para abastecer o ego dele.. exagerado demais, desconfie. Gostosas, não se iludem com qualquer obcecado.” “Totalmente passageiro.”

Mansinterrupting combinação entre as man (homem) e interrupting (interrupção), é um termo em inglês que refere-se a uma situação em que um homem constantemente interrompe a fala de uma mulher, não permitindo com que ela se expresse, comunique e exponha conhecimentos e saberes sobre determinados assuntos ou sobre ela mesma ou uma situação.

Mansplaning..... combinação entre as palavras man (homem) e explaining (explicando), é um termo em inglês que refere-se a uma situação em que um homem toma a palavra para explicar a uma mulher, de forma condescendente, determinado assunto ou temática que ela domine ou tenha conhecimento, mas ele parte do pressuposto que não tenha conhecimento suficiente a respeito. Ou seja, é uma forma de subestimar o conhecimento ou competência das mulheres, perpetuando a desigualdade de gênero e o poder masculino.

Mimetismoa pessoa se apropria da personalidade e gostos da outra como forma de forjar aproximações, semelhanças e criar a atmosfera de encontro de almas gêmeas. A pessoa apresenta interesse em assuntos, hobbies e gostos semelhantes da outra dando a entender que é o encontro perfeito. Com o passar do tempo, vai desqualificando aquilo que antes era valorizado e compartilhado. Deixando a pessoa num vazio e se sentindo desinteressante de uma hora para outra. Depois que se viu apaixonada. Em alguma medida, no apaixonamento, projetamos no outro desejos e interesses próprios. Mas nesse caso, o mimetismo é utilizado de forma intencional para manipular o interesse da pessoa na outra.

Monogâmiaé um estilo de relacionamento em que a pessoa se compromete romanticamente e sexualmente com apenas uma pessoa de cada vez. Esse compromisso envolve exclusividade emocional, sexual e física. Tem como pressuposto dedicar atenção e afeto a um único parceiro ou parceira.

Namorado o namoro é um período de um relacionamento romântico entre duas pessoas que estão se conhecendo melhor, geralmente, com o objetivo de estabelecer uma ligação emocional mais profunda e, futuramente, avançar para um relacionamento com mais compromisso e planos em conjunto, como o casamento. Durante o namoro, as pessoas passam tempo juntas, compartilham experiências, interesses e valores. É um estágio de relacionamento que pode variar em termos de duração e nível de intimidade. Questões como consentimento, respeito e comunicação clara são enfatizadas na cultura do namoro entre os jovens.

Pansexual é uma orientação sexual na qual uma pessoa é atraída por indivíduos independentemente de seu sexo, gênero ou identidade de gênero. Nela é reconhecida a diversidade e fluidez das identidades de gênero e se baseia na atração emocional, física e ou romântica.

Patriarcado sistema de poder que se baseia na dominação masculina e subordinação feminina com vistas a manutenção do poder masculino e das relações desiguais entre os gêneros. Permeia toda a estrutura social e é reproduzida por homens e mulheres através da vida privada, pública, da política, economia, cultura, família e relações afetivas.

Piranhage uma gíria usada informalmente para descrever comportamentos de flerte excessivo ou tentativas de conquista romântica. Pode denotar aspecto negativo desse flerte quando o mesmo é inconveniente, indesejado ou invasivo.

Poliamor uma prática de relacionamento consensual em que uma pessoa mantém relacionamentos românticos ou afetivos simultâneos com múltiplos parceiros, com o conhecimento e consentimento de todos os envolvidos. Esse estilo de relacionamento enfatiza a transparência, comunicação aberta, respeito mútuo.

Red Flags.....sinais vermelhos em um relacionamento que indicam que ele pode ou é marcado por abusos e atos de violência psicológica e desrespeito. São comportamentos que indicam potenciais problemas ou preocupações na relação. Esses sinais podem incluir desrespeito, falta de comunicação, ciúme excessivo, falta de comprometimento. Exemplos levantados nas redes sociais: só seguir mulheres nas redes sociais; comunicação zero; agressividade no ar (violência verbal); gritos e perda de controle; manipulação sorrateira (chantagem emocional, diminuir o outro, gerar dúvidas sobre si mesmo); gera sentimentos de ansiedade, tristeza ou medo

Relacionamento abusivo caracterizado por comportamentos desrespeitosos que incluem manipulações de narrativas e das emoções, controle sobre as atividades e relacionamentos da outra pessoa, isolamento social, humilhação, ameaças, atitudes agressivas na direção da pessoa ou, ainda, de pessoas, animais e objetos que são estimados por ela. O relacionamento abusivo, para ser definido como tal, é uma ação intensificada no tempo. Fica claro que uma pessoa está lesando a outra, pois as atitudes são feitas de forma proposital e calculada. De modo geral, a pessoa abusiva se sente bem quando a outra pessoa se sente mal. Os relacionamentos abusivos podem acontecer em qualquer tipo de vínculo: profissional, familiar, de amizade e romântico, mas tem ganhado destaque nas relações românticas, vínculo este que é muito valorizado na sociedade atual e que, portanto, quando ocorre, é gerador de muito sofrimento. Também há consenso de que os relacionamentos abusivos quando estabelecidos na vida adulta, podem ter sido apreendidos em relacionamentos familiares abusivos.

Relacionamento Tóxico muitas vezes definido de forma similar aos relacionamentos abusivos, mas é possível apontar que o relacionamento tóxico, neste contexto, trata de atitudes nocivas que podem não fazer bem. Caso tais atitudes sejam recorrentes e se intensifiquem, podemos dizer que determinada pessoa de atitudes tóxicas estabeleceu um relacionamento abusivo. Geralmente, nos relacionamentos amorosos, as pessoas alternam tanto nas posições de poder quanto nas atitudes tidas como tóxicas. Nos vídeos sobre relacionamento tóxico e abusivo, jovens explicam que: tratamento do silêncio; “fazer cara de bunda” e ignorar para punir a outra pessoa, deixando-a nervosa, ansiosa, inquieta e com culpa; críticas abertas ou veladas; ser intolerante na escuta e impedir a outra pessoa de falar e verbalizar desejos e opiniões, demonstrando desprezo pelos argumentos dela; justificar as próprias ações a partir de atitudes da outra pessoa, ou seja, responsabilizar o/a parceiro/a por são atitudes tóxicas; não validar ou desconsiderar os desconfortos verbalizados pela outra pessoa; controle disfarçado de cuidado.

Rolo refere-se a um relacionamento romântico ou sexual sem compromisso sério ou exclusividade.

Roatingpalavra em inglês para sigilo. A pessoa demonstra forte interesse e envolvimento nos momentos a dois, todavia, mantém a relação em sigilo, no âmbito privado. Não apresenta para amigos, não faz publicações em redes sociais e se apresenta para a rede social como se não estivesse em um relacionamento afetivo.

Situationship termo em inglês que pode ser traduzido para ‘estar em uma situação’, um tipo de vínculo que equacionaria a necessidade de sexo, intimidade e companheirismo, sem necessariamente, vislumbrar um relacionamento a longo prazo com aquela pessoa e, ainda, sem a exigência da exclusividade das relações monogâmicas, ou seja, há o compartilhamento de uma conexão física e emocional ao mesmo tempo em que tal relação não é prioridade, pois concorre com outras, como as de amizade, outros amores e a vida profissional, estudantil e, até, familiar.

Timeline Uma linha cronológica na qual postagens e atividades de um usuário ou comunidade são exibidas em ordem sequencial, geralmente do mais recente ao mais antigo.

Trend..... É um tópico ou hashtag, ou padrão de comportamento que ganha popularidade rapidamente sendo discutido ou compartilhado por um grande número de usuários em um curto período de tempo. Se refere a uma tendência ou padrão de mudança em uma determinada direção, muitas vezes associada a comportamentos, estilos, tecnologias ou ideais que ganham popularidade ou aceitação em um período específico. Podem ser notícias, memes, desafios, danças entre outros.

Violência Psicológica qualquer conduta que cause dano emocional, diminuição da autoestima, perturbação ou transtorno psicológico. Se manifesta como ameaças, humilhações, constrangimentos, manipulação, isolamento, controle e isolamento social. Segundo registros nas redes sociais: “uma violência silenciosa, a alma da gente que fica machucada. Não tem uma marca aparente. É tudo o que atinge o seu existir, quando você é xingada, tudo que ofende sua existência é violência psicológica. A gente tende a minimizar a violência psicológica, mas todas as demais violências partem dela.”

Xoxação Elogio de forma depreciativa, ou seja, na mesma sentença enaltece determinado valor da pessoa e desqualifica apontando uma falta ou algo a melhorar. Tem um caráter dúbio. É uma forma sutil de provocar insegurança e manter posição de superioridade em relação a alguém.

ARTIGO III

Amor e relacionamentos íntimos entre adolescentes e jovens adultos: um estudo netnográfico.

Introdução

O amor é uma construção social e os sentidos e significados a ele atribuídos variam de acordo com o tempo e a cultura. Se olharmos para a história do Ocidente, a vida pública e privada, os papéis de gênero, a relação com a sexualidade e as formas de conjugalidade, veremos que tudo isso passou por significativa transformação.

Na Idade Média, por exemplo, o amor à Deus tinha de ser maior do que o amor entre homens e mulheres e o casamento, de tradição judaico-cristã, tinha por objetivo garantir a procriação e a transmissão geracional do patrimônio. Neste contexto, a sexualidade e o amor apaixonado ficavam de fora da conjugalidade.

O amor cortês, do século XII, inaugura o amor romântico, idealizado, torna o amor objeto de desejo, mas deixa o objeto amado inalcançável. O modelo de casamento e de família era o patriarcal, em que o homem ocupava papel central nas relações, tinha autoridade na tomada de decisão e a mulher, seja como esposa ou filha, era sua dependente. A instituição era marcada pela dupla moral: homens livres, mulheres reféns (Giddens, 1993; Oltramari, 2009; Kuss, 2020).

Já a Era Moderna, foi marcada por guerras, revoluções (sociais e tecnológicas), pelo advento do Capitalismo e do liberalismo e, assim, novas mudanças nas relações de intimidade e na formação social aconteceram. A promulgação dos Direitos Humanos, a luta por igualdade de gênero, a proteção da Infância e a importância do reconhecimento das necessidades dos sujeitos em sua individualidade modificaram, novamente, a maneira como se estabeleceram os relacionamentos amorosos e a relação com o amor e o desejo sexual.

Os avanços nessa Era são mais rápidos, ao mesmo tempo em que a apropriação e disseminação de novos valores, crenças e costumes nem sempre

acompanham tais mudanças. De todo modo, é a partir desse período que a satisfação de desejos sexuais e amorosos torna-se um objetivo a ser alcançado e vivido tanto nos relacionamentos informais quanto no casamento e as formas de estabelecimento da conjugalidade se multiplicam.

A paixão, antes associada à doença e à loucura, vira ingrediente primordial para os encontros amorosos, bem como o gozo e o prazer da atividade sexual. O amor maduro, da parceira e estabilidade, não deixa de ser almejado e, na realidade, há uma expectativa de viver tudo isso junto simultaneamente numa só relação. A expectativa de satisfação e complementaridade na vida a dois ganha destaque.

Tamanha trajetória humana não podia deixar de ter seus impasses, o que se viveu no passado traz suas marcas para o presente e as tradições antigas passam a conviver com as expectativas modernas. O casamento, a formação da família patriarcal burguesa, a fidelidade e monogamia permaneceram como modelo principal no estabelecimento das parcerias amorosas na Pós-Modernidade, todavia, os princípios de liberdade, individualismo e autossuficiência emergiram com força, de modo que, por vezes, parece que o desencontro amoroso se intensificou (Oltramari, 2009; Chaves, 2010).

Giddens (1993) e Freire Costa (1998) trazem a ideia de confiança e a aposta no cenário de relacionamento amoroso da contemporaneidade, e afirmam que a busca para se viver uma história de amor se tornou um objetivo almejado por quase todos, de modo que, aqueles que ficam de fora sentem-se como se fossem fracassados. Ao mesmo tempo em que abrir-se para o amor é se vulnerabilizar, o que vai contra os ideais contemporâneos. O amor, portanto, é um sentimento socialmente partilhado que mobiliza nas pessoas uma série de afetos.

Para a Psicologia, a condição de amar e ser amado é estabelecida, essencialmente, nos primeiros anos de vida em que o bebê e a criança recebem cuidados primordiais para sua sobrevivência e tamanho investimento lhe permite ser inaugurado como um sujeito.

A Teoria do Apego (Bowlby, 2006; Ainsworth, 2015), que ajuda a compreender os primeiros anos de vida no desenvolvimento psicoemocional, explica que o apego

que um bebê estabelece com seu cuidador principal consiste num conjunto de comportamentos do bebê pela busca de proximidade física da mãe (ou cuidador significativo) e pela exploração do ambiente. As relações estabelecidas nesses contextos darão base à organização de modelos de funcionamento psicológico e a estilos de regulação de emoções, os quais, posteriormente, poderão ser generalizados para situações similares.

Nesse sentido, para Bowlby (2006), as relações de apego seguro colaboram com o desenvolvimento de modelos internos caracterizados por valorização e apoio. Por outro lado, nas relações de apego inseguro, a criança pode desenvolver expectativas negativas, especialmente, em torno da disponibilidade dos outros em momentos de necessidade e estresse, evidenciando, posteriormente, receio, medo, raiva, agressão e falta de empatia nas relações que desenvolver no futuro.

O estilo de apego desenvolvido na infância contribui para a construção de um padrão de apego que pode vir a ser replicado nas relações posteriores na vida adulta e na formação e manutenção dos vínculos afetivos, mas que por não ser estático, pode se alterar e se moldar a depender do encontro e do tipo de vínculo que se estabelece e o contexto em que se está inserido (Olttramari, 2009).

Os vínculos afetivos e os estados subjetivos de forte emoção tendem a ocorrer juntos (...) assim, muitas das mais intensas emoções humanas surgem durante a formação, manutenção e rompimento e renovação de vínculos emocionais. Em termos de experiência subjetiva, a formação de um vínculo é descrita como “apaixonar-se”, a manutenção de um vínculo como “amar alguém”, e a perda de um parceiro “como sofrer por alguém”. Analogamente, a ameaça de perda gera ansiedade e a perda real gera tristeza; ao passo que ambas as situações podem despertar raiva. (Bowlby, 2006, p.98)

Para a Psicanálise, o amor também trata de um estado de experiência subjetiva, que depende de fantasias, memórias e desejos de cada indivíduo, geralmente, forjadas nos primeiros anos de vida. Para Freud, nos “Três ensaios da sexualidade” (1905) encontrar um objeto de amor na vida adulta era um reencontro com o objeto perdido da infância: o desejo edipiano proibido e também o narcisismo primário (Freud, 2016).

No modo narcísico a escolha do objeto seria feita em conformidade com o que a própria pessoa é, isto é, de uma forma especular, de acordo com o que a pessoa foi, remetendo para o passado e para a juventude; de acordo com o que a pessoa gostaria de ser, de forma que a pessoa amada representariao Ideal de Eu; ou ainda de acordo com alguém que em tempos fez parte dela mesma, representando o amor em relação ao que teve de ser reprimido no próprio, sendo agora procurado. (MESQUISTA, 2013, p.92)

Conforme Mesquista (2013), a idealização opera em muitos casos no sentido da escolha de um objeto que possua qualidades as quais julga faltar ao próprio *self*. É uma opção narcísica. Assim, o que é procurado no outro é o que falta para o *self* se sentir completo e coeso e/ou para ter uma visão mais positiva de si. Mas aquilo que se busca no outro ou que se acha que o outro tem e vai lhe entregar, não passa de uma ilusão, o outro é tão faltante quanto o indivíduo que busca e disso consiste a incompletude do encontro amoroso, que para alguns é intolerável.

Desse modo, a escolha do parceiro amoroso seria composta de questões conscientes e inconscientes da personalidade. Busca-se no outro aquilo que se percebe faltante em si mesmo, mas também, aquilo que mais se reprime na personalidade própria. Mesquista (2013) explica que a escolha inconsciente do parceiro está pautada, por vezes, na identificação projetiva de conteúdos agradáveis e desagradáveis do *self*.

Talvez, o mecanismo da identificação projetiva possa ser uma explicação psicológica da ideia popular de que o outro seja “a minha cara metade”, tecida pela projeção do Ideal do Eu, “sem dúvida, o amado é uma pessoa, mas é primeiramente e sobretudo essa parte ignorada e inconsciente de nós mesmos (...)” (Mesquista, 2013, p.38)

A autora segue explicando que a fantasia sobre o outro instala a insatisfação e assegura a homeostase do sistema inconsciente, ou seja, aquele que se ama continua sendo inevitavelmente o ser que mais nos insatisfaz. É objeto de amor, mas também de queixas, acusações e insatisfações.

“Às vezes, percebemos uma imagem exaltante de nós mesmos, que reforça nosso amor narcísico; outras vezes, uma imagem decepcionante que alimenta nosso ódio por nós mesmos; e

frequentemente uma imagem de submissão e de dependência em relação ao amado que provoca nossa angústia.” (Mesquista, 2013, p.47)

Násio (1997) segue na mesma linha ao afirmar que amar também é idealizar o eleito e, somente assim, é possível tê-lo como ser único e insubstituível. Que deve sobreviver à minha necessidade de amar e estar disponível para satisfazer meus caprichos, mas ainda que submisso, deve conseguir conservar sua individualidade e autonomia para não depender somente do outro.

A escolha do ser amado, portanto, é determinada por aspectos conscientes, inconscientes, de história de vida, das relações parentais e da cultura. E o encontro ou desencontro amoroso pode ser caracterizado por complementariedades que geram mais sofrimento do que satisfação.

Diante do exposto até aqui e a partir daquilo que compreendemos sobre o que é amor, relacionamento afetivo, cabe perguntar: o que nos aguarda no futuro das relações? Como as gerações futuras têm experienciado todas essas coisas? Como os adolescentes e jovens adultos tem interpretado e vivido as relações amorosas e de intimidade na atualidade?

Chaves (2010) propôs um estudo para investigar a percepção atual dos jovens sobre relacionamento amoroso, como entendem, sentem e imaginam as relações amorosas e qual a compreensão que eles têm de amor. E em sua investigação, o autor pôde observar que manter uma relação amorosa, em tempos de Capitalismo e da lógica neoliberal, é percebido pelos jovens como uma responsabilidade a mais diante de uma rotina de muitas obrigações e compromissos, assim, ainda que desejem manter um relacionamento estável, podem não se sentir capazes de manter mais essa responsabilidade.

De acordo com Chaves (2010), a lógica do consumo também tem sua influência de modo que os jovens estabelecem relações casuais e as nomeiam de “ficar”, observando a diversão e prazer que obterão em uma circunstância pontual.

O investimento em um relacionamento amoroso também demanda tempo, elemento disputado na cultura atual, assim foi possível observar por Chaves (2010) um adiamento do relacionamento com maior compromisso em vistas a “aproveitar”

mais a vida e a liberdade individual, bem como os projetos acadêmicos e profissionais, para mais tarde investir em um relacionamento duradouro que conduza à conjugalidade e formação de família. Ou seja, é possível compreender que há uma escolha por estabelecer relações que não tragam possíveis limitações, demandas de outrem e disputa por atenção e tempo.

Na atualidade, os jovens e adolescentes estariam engajados em outras atividades que compõe a vida cotidiana como hobbies, estudos, trabalho e outras relações significativas, como as amizades. E um relacionamento amoroso aparenta concorrer com essas outras dimensões, como se fosse demandar exclusividade ou muita responsabilidade afetiva.

O autor destaca ainda estudos anteriores Chaves (2004) e Lipovetsky (2000), em que se constatou a importância dada à formação acadêmica, à carreira profissional, à independência financeira e às possibilidades de autossatisfação e de autorrealização por meio de outros planos da existência, diferentes do amoroso.

Assim, Chaves (2010) conclui que as formas relacionais amorosas da atualidade se caracterizam, em grande parte, pela flexibilização de normas e regras que passam a ser autorregulamentadas e avaliadas constantemente pelo valor atribuído à autossatisfação e autorrealização, pela ênfase dada ao tempo presente, à novidade e à liberdade individual, e pelo maior pragmatismo e contextualização dos relacionamentos.

Todavia, na pesquisa supracitada, os adolescentes surpreendem ao darem preferência às relações de namoro. Muito embora “ficar” seja a forma de relacionamento mais vivida, não foi citado como a forma preferida de relacionamento. Assim, Chaves (2010) questiona se, ainda que sinalizem no discurso a busca por manter a liberdade e o prazer imediato, existiria uma demanda emocional por amparo e pertencimento em que o “ficar” geraria desamparo e insegurança.

O autor segue sua análise reconhecendo que o ideal romântico ainda tem efeitos tanto nas fantasias quanto nas escolhas amorosas. Em suma, existe na contemporaneidade maior liberdade para vivências afetivas de diversos formatos e a vivência da sexualidade e do prazer sem necessariamente o estabelecimento de

intimidade e parceria, todavia, os anseios por pertencimento, reconhecimento e se sentir amado permanecem como uma demanda subjetiva.

Já a pesquisa de Smeha & de Oliveira (2013) com objetivo parecido de se aproximar da visão dos jovens sobre os relacionamentos afetivos, indica que os relacionamentos amorosos da contemporaneidade poderiam ser caracterizados pelos seguintes aspectos: menor durabilidade das uniões, menor tolerância aos conflitos, menos paciência e mais imediatismo. Há ainda a ideia de que nada dura para sempre e a rapidez com que as pessoas constituem vínculos afetivos seria proporcional ao tempo que levam para rompê-los.

Nessa pesquisa surgiram termos como: individualidade, liberdade, superficialidade, descartabilidade, busca do romantismo, prazer, igualdade de gêneros e impulsividade na tomada de decisões. E que, portanto, as relações na contemporaneidade estariam pautadas no imediatismo, mas também na impulsividade.

A atração sexual e o vínculo estabelecido no período do apaixonamento dá a estes jovens a sensação de terem encontrado a pessoa ideal, e quando as diferenças começam a surgir, a frustração em relação ao parceiro(a) aparecem e não são elaboradas pelo casal. Nessa pesquisa, os entrevistados disseram que as dificuldades em manter o relacionamento seriam: falta de respeito, traição, desconfiança, ciúme exagerado, excesso de responsabilidade, muito investimento em apenas uma relação, priorização da vida profissional e desrespeito à individualidade do parceiro.

Talvez pelo excesso de responsabilidade ao assumir um compromisso sério, por isso preferem aventura. Esse estudo corrobora os achados de Chaves (2010) em que os jovens acreditam que um relacionamento mais duradouro e estável deva acontecer em idade mais avançada.

Por fim, a pesquisa de Takiuti, Keer, Takiuti e Poços (2007) aponta que os jovens se sentem atraídos por aquilo que intitularam por “jeito de ser” e atitudes, como tipo de olhar e de sorriso, jeito meigo e carinhoso, simpatia, ser alegre, extrovertido, amoroso, companheiro. Para as autoras, a forma e os padrões de ordem afetiva e psicológica influenciam o processo de escolha e decisão.

Com base no que aponta a literatura, a presente pesquisa tem por objetivo investigar, a partir das redes sociais digitais e através do procedimento da netnografia, como adolescentes e jovens adultos têm estabelecido parceria, compromisso e relacionamentos íntimos com a perspectiva de comparar tais achados com a literatura e aprofundar o conhecimento acerca da vivência da intimidade e do relacionamento amoroso nas novas gerações.

Atualmente, no Brasil e no mundo, a participação nas mídias sociais ocorre em altas frequência, em todas as faixas etárias, e mais ainda entre adolescentes e jovens. Segundo a pesquisa TIC Kids Online Brasil 2023 (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação) no mínimo 96% de adolescentes a partir dos 11 acessam a Internet, 83% o fazem todos os dias na zona urbana e 79% na zona rural. A taxa de acesso a redes sociais varia de 68% de 9 a 10 anos a 99% dos 15 aos 17 anos.

Objetivo

Diante do exposto, buscamos explorar e conhecer como adolescentes e jovens adultos concebem amor, parcerias, relacionamentos íntimos e compromisso a partir das redes sociais e compará-las com a literatura.

Método

Para a elaboração do presente estudo, realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa. Essa modalidade de pesquisa tem como principal característica a interpretação subjetiva dos dados coletados, de modo a extrair sentido das informações obtidas através dos documentos e textos investigados. O principal objetivo das pesquisas qualitativas é conhecer, através de aproximações sucessivas, determinada situação social, valores, condutas e pensamentos de um grupo social. Portanto, o foco reside em observar e descrever a percepção de um grupo de sujeitos acerca de determinada experiência (Creswell & Poth, 2007).

Para a realização do presente estudo foi feita uma pesquisa netnográfica. “A netnografia adapta os procedimentos etnográficos comuns de observação participante às contingências peculiares da interação social mediada por dispositivos eletrônicos” (Kozinets, 2014, p.60) usa os dados e informações publicadas *online* e que se encontram disponíveis ao observador.

“A análise das redes sociais é um método analítico que focaliza as estruturas e os padrões de relacionamento entre atores sociais de uma rede” (Kozinets, 2014, p. 52).

Os levantamentos *online* são interessantes, pois auxiliam a tirar conclusões sobre as comunidades *online* que sejam representativas de determinada população; permite tirar conclusões sobre determinados padrões de comportamentos nas redes; compreender atitudes e valores expressos online e obter correlação com o que se vive offline. O procedimento consiste em fazer “observações de atos interativos no campo da comunicativo da cultura online” e sua análise deve ter uma teoria como norte que contribua nas interpretações indutivas e na elaboração de possíveis generalizações (Kozinets, 2014, p.127).

Contexto de observação

A partir do acesso às redes sociais mais frequentadas por adolescentes e jovens fizemos uso dos resultados da pesquisa nacional TIC Kids Online Brasil 2023 (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação) que apresentou dados de que dos adolescentes de 15 a 17 anos, 96%, tem perfil em rede social. Considerando as faixas etárias dos 9 aos 17 anos que a pesquisa cobre, as redes de uso mais frequente são o WhatsApp que reúne 78% desses usuários, o Instagram com 66% e o TikTok com 63% de usuários. Optamos pelas duas últimas dado seu caráter de divulgação de conteúdos.

O **Instagram** é uma plataforma de mídia social focada no compartilhamento de fotos e vídeos. O aplicativo se conecta à câmera do celular e permite que os usuários capturem, editem, compartilhem e façam transmissões de conteúdo visual com seus seguidores. É possível seguir outros perfis para visualizar suas publicações em um *feed* (publicações que ficam fixas na *timeline*) e nos *stories* (publicações que desaparecem após 24h de sua postagem). Além disso, é possível interagir por meio de comentários, curtidas, reações e mensagens diretas (DMs). O Instagram é um produto do grupo Meta (responsável pelo Facebook, Tumblr e Threads). Segundo pesquisa da Opinion Box, a rede é mais popular em uso no Brasil e entre o público de 16 a 29 anos, 83% a usam várias vezes ao dia ou deixam aberto o dia todo.

O **TikTok** é uma plataforma de mídia social, chinesa, que permite aos usuários criar, compartilhar e descobrir vídeos curtos, de 15 segundos até 3 minutos. Com amplos recursos para editá-los, é possível incluir filtros, legendas, trilha sonora, fazer cortes e dublagens. Foi lançado em 2016 e ganhou popularidade globalmente devido à sua abordagem de conteúdo criativo e de fácil consumo. O público-alvo principal do TikTok é formado por jovens, entre 16 e 24 anos.

Procedimento

As autoras já tinham contas pessoais no Instagram e criaram conta no TikTok, baixando o aplicativo. Buscou-se nas redes sociais, perfis, páginas, grupos e vídeos sobre os temas: amor, relacionamento íntimo, parceria, compromisso na perspectiva de adolescentes e jovens adultos, tendo-se realizado observações sistemáticas. O período de observação aconteceu diariamente entre os meses de outubro e novembro de 2023.

Foi elaborada uma tabela na qual registrou-se o nome de cada perfil, número de seguidores, título/tema da publicação, conteúdo da publicação, quantidade de curtidas e comentários e conteúdo dos comentários.

O conteúdo que emerge nas redes sociais é ininterrupto e de grande quantidade, especialmente no TikTok. Assim optou-se por encerrar as observações quando os conteúdos acessados começaram a se repetir e não apresentaram relevância para a pesquisa.

Análise dos resultados

Nesse estudo, foi possível explorar e identificar a perspectiva e a maneira de pensar do público alvo da pesquisa – adolescentes e jovens adultos - e a partir da observação e leitura das fontes de coleta dos dados e com base na pergunta de investigação, foram criadas duas categorias a priori de análise (parceria e compromisso e relacionamentos íntimos).

Os dados coletados foram transcritos e delimitados nas categorias a priori foram tematizados e depois interpretados a partir da triangulação com a literatura produzida previamente sobre o assunto.

Também se observou linguagem e comunicação, público alvo, quem são os produtores de conteúdo, qualidade da informação apresentada, coerência, número de seguidores e/ou curtidas, postagens com fundamento teórico e de qual área com vistas a conhecer e contextualizar os espaços virtuais de onde foram coletados os dados.

Resultados

O Instagram

Como descrito anteriormente no Instagram, existem conteúdos mais densos e produzidos por especialistas, dessa forma, o interessante foi observar os comentários feitos pelos adolescentes e jovens acerca dos temas postados.

Nos posts com os temas: “Precisa terminar com ficante?”; “7 frases tão gostosas quanto o te amo” e “Mas sua relação tá bem?” foi possível compreender como as relações informais têm sido a escolha relacional da geração de adolescentes e jovens.

Há significativa distinção entre sexo casual e relacionamentos mais duradouros e, assim, esse público tem buscado pensar e “criar” regras e combinados para esses modelos de relacionamento que envolvam responsabilidade afetiva, ainda que o relacionamento não seja oficial e nem tenha em si o projeto de ser duradouro, mas o cuidado com o sentimento alheio e com o seu próprio, bem como, a busca por viver momentos de felicidade livre de sofrimento é objetivo para essa geração e talvez seja a justificativa para a procura mais frequente de relacionamentos informais.

A responsabilidade afetiva é um termo usado com frequência na internet e diz respeito a:

‘se relacionar com respeito e responsabilidade para com o sentimento da outra pessoa, prima honestidade e diálogo.’

A relação pode durar horas, dias ou semanas, todavia, o compromisso nesse caso é com o respeito e o diálogo.

Agora, muito embora nos pareça que o intuito da ascensão dos relacionamentos informais seja a busca por respeito e melhor comunicação, os discursos observados na internet denunciam a dificuldade que as pessoas têm de estabelecer tais relações tidas como mais saudáveis quando na verdade, denunciam os *ghostings*, sumiços, tratamento de silêncio, não poder se mostrar “emocionado” entre outras situações que, consideram, como atitudes tóxicas.

‘Não seja um emocionado, não priorize quem não te valoriza.’

‘Tava ficando com uma mina muito emocionada, fui gentil e ela já queria casar.’

As liberdades individuais têm sido valorizadas por essa população e a escolha em se relacionar com alguém passa por abrir mão, em certa medida, da própria autonomia. Quando estabelecem um relacionamento oficial, formalizado e enquadrado nos moldes de um namoro, os adolescentes e jovens ficam em dúvida de quando e como podem estar sem o/a parceiro/a.

A publicação afirma que muitas vezes quando alguém está sem seu/sua companheiro/a em algum evento social é logo questionado: “*Mas sua relação tá bem?*”. Neste post há comentários interessantes que revelam como os jovens interpretam o compromisso a dois, ou seja, o que é permitido fazer quando se é um casal de namorados?

‘porque, infelizmente, fomos educados a acreditar que o relacionamento romântico demanda um vínculo simbiótico com outra pessoa...’

‘tenho que ouvir perguntas como mas ele deixa você viajar sozinha?’

A afirmativa acima nos conta como ainda é presente a ideia de que um homem tem autoridade sobre sua companheira/namorada dando-lhe permissão ou não para sair ou fazer coisas sem sua companhia, ao mesmo tempo em que, a indignação da interlocutora revela que tais ideias são questionáveis e, por vezes, não aceitas.

‘tem um negócio bem importante pra manter na relação que chama individualidade, tenta aí’

A maioria dos comentários revela discordância com a ideia de não se ter liberdade para sair sozinho, sem a companhia do parceiro/a amoroso/a. E muito embora haja um consenso entre os comentários sobre a importância em se preservar a individualidade, fiquei pensando como se dão as negociações entre os casais na vida cotidiana.

Assim, para se preservar de ter de compartilhar a tomada de decisões, negociar desejos e agenda, adolescentes e jovens estão criando diferentes formas de se relacionar, ou seja, estabelecem intimidade e troca, mas também querem preservar a individualidade. A ideia de ser ter um ‘ficante’ ou até mesmo um ‘conversante’ seria a busca por se vincular a alguém, mas com menos compromisso. A questão que se impõe é se seria possível ter controle do quanto se vincula e se sente interessado por alguém.

Esse *post* levanta um debate importante apontado previamente na literatura (Chaves, 2010; Smeha & de Oliveira, 2013) sobre o tempo investido nos relacionamentos íntimos e, portanto, ainda que se invista tempo na manutenção de uma conversa e compartilhe aspectos de sua vida íntima e cotidiana, a ideia de conversar sem encontrar traz a perspectiva de não se comprometer afetivamente, como se esse investimento cauteloso pudesse evitar possíveis sofrimentos.

Estabelece-se vínculo a partir de conversas e trocas de mensagens sem o encontro presencial e as outras vivências que isso proporciona, como beijo, carícias e sexo.

Porém, na medida em que, há uma tentativa de se preservar e não se vincular formalmente com alguém, em tempos em que a vida virtual ganhou destaque, especialmente, após a pandemia de COVID-19, esse relacionamento baseado na troca de mensagens é uma forma de se estabelecer relacionamento e compromisso com alguém. A parceria é virtual.

Esse modelo de relacionamento é tão atual quanto antigo e me remeteu às formas de namoro de outros tempos em que os casais apaixonados trocavam cartas

por longos períodos antes de se encontrar e, às vezes, o encontro nunca acontecia por se tratar de amor platônico e impossível, típico do amor romântico.

Em outra postagem, acessamos o vídeo de um rapaz que de maneira descontraída e irônica questiona seus interlocutores se eles sabem identificar um verdadeiro interesse da pessoa com quem se está conversando: *‘Essa pessoa que tu tá de casinho, ela realmente está interessada ou só te responde quando você puxa conversa? Ela pergunta do seu dia, te manda memes, troca uma ideia, ela tá ali disposta ou só reage a sua interação? Fica aí a pergunta’.*

As perguntas trazem conteúdos sobre a paquera nos tempos atuais que, por sua vez, acontece também com auxílio do ambiente *online* e envolve a comunicação via as redes sociais. O influencer problematiza se os jovens sabem distinguir quando o flerte revela verdadeiro interesse ou se consiste em apreciação pontual que mantém uma ilusão de um possível interesse que não dá início a nenhuma forma de relacionamento.

O que ele questiona, portanto, é o quanto que a troca de mensagens curtas e reação às publicações e *stories*, é sinônimo de flerte e paquera, revela interesse verdadeiro e disponibilidade de estabelecimento de um compromisso e um relacionamento amoroso.

Alguns dos comentários feitos na referida publicação reafirmam o descontentamento com quem só reage e não investe mais no flerte.

‘Me livrei de todo tipo de gente que só reage. Seja affair, amizade, coleguinha de trabalho. Não tem o mínimo de interesse meu anjo? Vai com deus.’

‘Terminei um relacionamento de 3 anos amando a pessoa, mas percebi que nesses 3 anos, só reagia. Foi necessário achar uma forma de recomeçar e achar alguém que esteja disposta. Dá medo, mas melhor tentar, né? Rs’

‘Meu maior medo de solteira era ser a pessoa que tava sempre puxando a conversa, q se eu não falasse ela acabava [carinha triste] gatilhos’

A partir dos comentários é possível observar que a parceria e compromisso são almeçados pelos jovens adultos, porém difíceis de serem vividos, como se o

desencontro amoroso fosse mais frequente do que a possibilidade de viver a reciprocidade nos relacionamentos íntimos e estabelecer um compromisso mais sério com as pessoas com quem se escolhe relacionar.

O desencontro típico do encontro amoroso, como nos explica Nasio (1997), cuja medida para o desejo emergir é tolerar um tanto de falta e incompletude, parece ser reforçado pelos ideais da pós-modernidade de busca pela preservação das individualidades.

‘tô safe porque não tenho nem casinho, nem rolo, celibato compulsório.’

‘linguagem do amor ‘te manda memes’

Outro *post* com o título: “*Checklist da paquera*” traz o assunto sobre a dificuldade feminina em encontrar um parceiro para estabelecer um relacionamento íntimo, pois, por vezes, o mínimo do que é desejado não é encontrado nos pretendentes. O texto segue problematizando o que consiste esse “mínimo” exigido por jovens mulheres:

‘será que os requisitos de paquera também nos afastam do amor? Muitas vezes as mulheres vão para um encontro amoroso como se estivessem indo entrevistar alguém para uma vaga de emprego em que a falta não pode aparecer.’

Se por um lado, o gênero masculino ainda é acusado de se esquivar do compromisso e dos relacionamentos íntimos duradouros, por outro, as mulheres aprenderam a reconhecer seus anseios na relação a dois e com alto investimento em si buscam parceiros que apresentem o mesmo nível de investimento em si mesmo, no que se refere escolaridade, autocuidado, desenvolvimento de carreira etc.

A problematização levantada na postagem é se as pessoas estão preparadas para lidar com a falta, com a incompletude do encontro amoroso e com as diferenças.

Um perfil muito popular pelo número de seguidores (308 mil) e pelas repostagens é de uma profissional da Psicologia e escritora que, através de poemas, fala sobre o amor, relações íntimas, encontros, desencontros, fins e afetos.

Foi possível identificar que a influencer é uma pessoa progressista nos costumes e valores, assim, seus seguidores compartilham desse perfil e são, em sua maioria, adolescentes e jovens adultos, que buscam compreender os modelos de relacionamento íntimo presentes na atualidade e problematizam os impactos do amor romântico nas crenças e escolhas amorosas.

Também debatem a associação entre amor e sofrimento e amor, privação e falta de liberdade. São pessoas que estão tentando construir relações íntimas com menos hierarquia de gênero, mas igualdade entre os pares, mais respeito e menos amarras.

Todavia, o discurso nem sempre acompanha a prática e alguns comentários revelam que a incorporação desse “novo ideal” para as relações afetivas não é tão natural como indicam alguns e, por mais que desejem viver relacionamentos livres de sentimentos como ciúme, inveja, medo e insegurança, tanto as histórias pessoais quanto a crença social de amor romântico se impõe e o sofrimento se revela na tentativa em “ser mais livre” e não conseguir.

‘ser não monogâmica me dá tanto nervoso, tristeza, angústia, desespero, frustração, não compreensão que desisti. Hoje não tenho vergonha em dizer que sou monogâmica, apesar de meus amigos me julgarem e dizerem que sou fraca’

‘a não mono bateu errado pra mim. Tentei muito, estava apaixonada, mas chegou um ponto que me senti abandonada. E talvez tenha sido mesmo, não sei. Entrei em depressão, tentei suicídio e ai realmente fui abandonada.’

Em geral, os comentários elogiam a coragem dos não monogâmicos, revelando que é preciso coragem para romper com velhos padrões, mas também para buscar romper com afetos como ciúme e posse (termos usados nos posts) e muitos fazem uma ode à liberdade. Todavia, também se fazem presentes confissões de quem diz que não aguentaria ou não conseguiria estabelecer esse tipo de vínculo e relacionamento íntimo.

‘eu acredito no amor romântico e nas liberdades individuais e comecei a experimentar a não monogamia por conta de uma pessoa e estou percebendo que estou experimentando por mim e é um grande desafio ainda tenho traços do patriarcado.’

Afetos como ciúme e o modelo de relacionamento não-monogâmico são abordados pelos usuários das redes sociais a partir de uma lógica sociológica e de crítica ao Capitalismo e suas nuances. Ou seja, compreendem as relações amorosas localizadas nesse sistema de produção capitalista pautada na propriedade privada, como se os afetos e relacionamentos também seguissem esse curso e, de fato, até seguem, todavia, essas discussões deixam de fora aspectos subjetivos da formação do ID/Ego e Superego e da identidade que, numa perspectiva Psicanalítica, passam pelo Complexo de Édipo, Castração, relações parentais e familiares, entre outros processos subjetivos.

Num outro post, a influencer traz o seguinte texto: “(Não) definir relações amorosas: algumas nuances e problemáticas.” e nele problematiza o uso das terminologias namorada, esposa, noiva como forma de manutenção do controle dos desejos.

Este post teve 428 comentários e nos pareceu um dos que mais causou controvérsia, pois as pessoas questionaram até onde é saudável não nomear as relações e a importância em se dar nome às coisas.

‘Esse pessoal quer se desconstruir tanto que daqui a pouco não sobra mais nada, tá td fragmentando rs’

‘Não acho que querer ter alguém significa só a posse do capitalismo acho que quando a gente ama, a gente quer a pessoa.’

‘Exclusividade sexual nem sempre é sobre controle.’

Outras, concordaram com a influencer:

‘tenho percebido um forte condicionamento para usar o pronome meu/uma pessoa.’

‘nessa estrutural patriarcal em que vivemos, com nomenclatura ou sem, os homens cishetero continuam usufruindo de todos os benefícios.’

Em uma postagem cujo título era “Guia básico para levar no date na casa dele”, de um jeito bem-humorado, o influencer vai se arrumando e mostrando os itens que levará para o encontro e discorre sobre a importância de ser gentil, não chegar de

mãos abanando, ser limpo, higiênico e educado. Ele diz: *Levar vinho, escova de dente, preservativo, cueca limpa.*

É uma postagem que trata de um encontro casual e revela como os jovens vivem a intimidade e a sexualidade na atualidade. Interessante observar que, também por influência da Pandemia de COVID-19, os primeiros encontros passaram a ser nas casas das pessoas e não mais em locais públicos. Estar em um espaço privado, pode conduzir os possíveis casais a compartilhar mais rapidamente a intimidade. Transar, acordar juntos e compartilhar rotina do dia a dia compõem os encontros dos jovens de hoje em dia, sem que isto, necessariamente, signifique o início de um relacionamento íntimo com maior grau de comprometimento.

É possível inferir que os relacionamentos íntimos, na contemporaneidade, são marcados por intensidade, rapidez e fluidez.

Os 853 comentários citados no referido post dizem que se a pessoa chegar tão bem preparada para um encontro casual será mal interpretada, ou seja, a pessoa do encontro vai entender que a outra deseja algo mais sério do que realmente se trata aquele encontro.

‘se você leva tudo isso para a casa de um homem hetero cis ele vai achar que você quer casar com ele e vai panicar – true fact.’

Outros comentários apontam como esses cuidados na hora de um encontro não estão presentes nas atitudes de algumas pessoas do gênero masculino e que o vídeo publicado é importante na medida em que ele ensina o básico:

‘eu estou amando você ensinando o homem médio a se comportar num date, sério.’

‘a heterossexualidade cis tá falida né que dureza’

“os homi não lavam nem o pinto, moço”

O gênero masculino também está sempre em evidência nos comentários feitos, há uma crítica a respeito da socialização masculina, do comportamento dos homens nas relações de intimidade e a possível dificuldade deles de conseguirem se vincular

em um relacionamento íntimo. Muito embora seja reconhecido na literatura (Saffioti, 2002) que homens se beneficiam de relacionamentos amorosos no sentido de aumentar qualidade de vida, saúde e bem-estar, bem como, tempo de investimento na vida profissional e acadêmica, além de proteção contra envolvimento em brigas e outras violências e, ao contrário, o relacionamento amoroso ainda ser um lugar de sobrecarga mental e riscos à saúde da mulher, nas redes sociais, a narrativa apresentada é de homens se esquivando do estabelecimento da parceria e do compromisso e mulheres desejosas por estabelecer essas relações.

Muitos comentários seguem a linha da ironia e do humor e deixam claro que essa preocupação é característica de relacionamentos entre aquelas pessoas que estão solteiras, ou seja, estabelecem relacionamento de intimidade para transar e ter um bom momento, mas que será pontual e casual.

‘Eu chamo isso de kit piranhage.’

‘Quem sabe ser solteiro deixa o kit dobradinho na mala do carro.’

‘Carregador, se deu ruim chama o uber, se deu bom precisa mandar a fofoca.’

Em outro vídeo, intitulado “Time calma”, o influencer levanta um questionamento entre escolher viver um amor ou uma paixão. Ele resgata em sua fala, muitos comentários sobre como as pessoas se queixam da dificuldade em estabelecer um relacionamento íntimo hoje em dia, mas estão sempre em busca da intensidade da paixão e afirma que uma coisa não é compatível com a outra:

‘intensidade é coisa de adolescente, tudo que eu quero é um amor tranquilinho, calma, uma pessoa que eu sei q não vai meter o louco. Conchinha, carinho, conversas existenciais e intenções claras, é tudo o que peço.’

‘ain, mas intensidade não é sinônimo de imaturidade não, homi!’

‘intensidade não é sinônimo de relacionamento tóxico ou conturbado. Pra mim ser intensa significa ter coragem e coragem vem de fazer as coisas do coração.’

‘Odeio indiferença, quem quer paz não quer amor. Amor da trabalho, exige dedicação e negociação. Acho engraçado quem quer conversa profunda sem conflitos.’

Os comentários e posts citados revelam a ambivalência presente nas relações íntimas atuais: as pessoas expressam desejar viver um amor seguro, compartilhar carinho, se sentir desejado, ter intimidade e ter com quem contar ao mesmo tempo em que preservam a liberdade, não estão dispostas a negociar vontades e nem renunciar a momentos individuais e se assustam com a proximidade por um período mais logo de tempo.

O mesmo assunto foi abordado em outra página “viver uma paixão cheio de frio na barriga versus amor tranquilo e sem estresse”.

Em ambos, é possível observar o amor e a paixão são postos como escolhas distintas, como se um não fosse caminho para o outro. E o amor como um objetivo muito distante de ser alcançado, às vezes, sem graça e não compatível com a vida intensa da juventude. Como se fosse careta. Muito embora, traga um aspecto de pertencimento e segurança desejado, mas que fica no campo da idealização.

Além disso, é como se amar fosse campo desconhecido, difícil de ser reconhecido, é possível observar isso no comentário *‘Não era amor, só fui respeitada.’*

Em uma postagem de uma psicóloga e produtora de conteúdo, ela anuncia: “Vocês pediram, então estão aqui alguns critérios básicos para a construção do amor e de um relacionamento.”.

A profissional segue explicando que, muito embora, as pessoas do gênero masculino tenham sido socializadas até o momento de forma a não entrar em contato com as próprias emoções, desse modo, se esquivam de ter conversas sobre como se sentem e também apresentam dificuldade em acolher as emoções alheias, ou seja, não são letrados na linguagem emocional, mas aponta, com ironia, que eles são alfabetizados em português e devem conseguir estabelecer algum tipo de comunicação. Ela reafirma que existem várias formas de comunicar seus sentimentos e afetos.

‘Excelente isso. As pessoas acham que isso é carência, porém não é. As pessoas perderam a capacidade de interpretar sentimentos positivos’.

‘Caraca! Que tudo essa colocação. Sempre achei que fosse carência. Me senti tão melhor agora.’

‘Querer tá junto 100% do tempo é, né? Querer estar junto 100% do tempo significa não haver espaço para individualidade, trabalho, amizades...Precisamos sempre lembrar que relacionamentos é apenas uma área da nossa vida’

‘parece que normalizaram tanto essa questão de ain não quero responsabilidades de um relacionamento estando em um que quando quer o básico é tido como dependência emocional.’

‘sim!! Propagam que temos que ser igual pedras, não podemos sentir medo, não podemos nos preocupar genuinamente, não podemos dia ou outro sentir mais saudade. Aiaia os tais amores líquidos, onde só o EU importa como se fosse um jogo de benefício próprio e omissão dos sentimentos.’

Por fim, em outra página, uma influenciadora pergunta: “Estou encantada pelo amor ou pelo drama que se tornou essa história?”

‘É muito real. Você conhece uma pessoa com traços ‘tóxicos’, mas vê que ela tem algo de bacana. Investe nisso e fica 100% considerando que aquele será o fator dominante. Mas após a conquista, é arquivado. E você já está preso a fantasia que acreditou.’

O comentário acima nos chama a atenção uma vez que a postagem tem a intenção de ajudar os seguidores a problematizarem a forma como estabelecem um relacionamento íntimo e a resposta dada no comentário aponta uma possível “toxicidade” do outro, como se a conexão com o drama fosse responsabilidade da pessoa por quem ela/e se apaixonou.

Outro comentário traz a frase: ‘viciado em se apaixonar.’ revelando como essa geração se conecta à intensidade da paixão dos inícios de relacionamento e talvez tenha desinteresse em investir mais tempo em uma história relacional mais duradoura.

O TikTok

Localizamos um perfil interessante em que duas jovens amigas debatem entre si temas contemporâneos e sobre relacionamento interpessoal através de um diálogo bem-humorado entre as duas.

Geralmente, elas propõem uma conversa em que discordam uma da outra, mas apresentam seus pontos de vista com respeito e graça: *Dormir de conchinha com ficante*, uma afirma: *‘Adoro dormir de conchinha mesmo com ficante.’*, já a outra, afirma: *‘Não trate como namorado quem não te pediu em namoro.’*

E assim vão dialogando e apresentando como a geração de adolescentes e jovens pensam sobre a intimidade e os relacionamentos, quais são os conflitos, bem como, possíveis saídas para os dilemas dessa geração.

Analisando os *posts*, verifica-se que o centro de todas as questões é o quanto a pessoa pode se expor no início de um relacionamento em que já há certa intimidade, especialmente promovida pelas relações sexuais, mas há a busca pela preservação das próprias emoções e sentimentos, como se isso pudesse afugentar o potencial parceiro amoroso e vulnerabilizar a pessoa.

Na dinâmica da conquista entre adolescentes e jovens adultos, a entrega ao outro acontece em doses homeopáticas.

Os comentários dos seguidores da página trazem elementos sobre como pensam e sentem a respeito desses assuntos.

‘Tenho 16 anos, acho que tô gostando de um menino, mas eu não tenho certeza, por meu ego ser muito alto não sei se eu quero ele ou que ele me queira. Ele não sabe que eu gosto dele, não é a primeira vez que acontece isso, odeio isso.’

‘Recentemente eu sai de um love bombing. O fato de você não perceber que está caindo em um é MUITO real e depois quando você rompe com essa pessoa dói muito.’

‘Qual a dificuldade de simplesmente ter um relacionamento normalllll?’

‘Tenho um amigo que é narcisita e faz isso pra caralho.’

‘Se a mulher fala meia palavra fofa e a conexão bate, eu já quero ter 2 filhos, 2 cachorros, pra que enrolar gente? Se a mulher enrola aí que eu desisto mesmo.’

‘Reciprocidade afetiva: se ganhou migalha, da migalha, se fizer você tá sendo otário. Já chamei 2x a pessoa não saiu e nunca me chamou, ela não quer te ver e tá td bem, só esquece.’

‘Ficar parecendo emocionada? Eu faço, vamos ver o que acontece, pensar naquilo que você acha q o outro vai fazer não da.’

‘Sabe o que me buga? Eu queria muito tratar como princesa, mas não sei quando tô só fazendo o mínimo...como eu posso saber se to indo além do mínimo?’

Nos perfis e comentários, os jovens e adolescentes falam com frequência dos desencontros amorosos. Falam sobre demonstrar interesse e disponibilidade enquanto o outro o ignora ou só o procura quando quer. Alguns vão nomeando isso de dependência emocional, expressam culpa por ceder aos próprios desejos mesmo quando não se sentem valorizados.

As mídias sociais

Nos antigos fóruns e grupos fechados das primeiras redes sociais da Internet, pessoas desconhecidas umas às outras desabafavam e se apoiavam em situações difíceis. Mas, por vezes, também eram expostas e ridicularizadas. A partir da nossa observação da interação nas redes sociais, tal dinâmica continua a acontecer, ou seja, as redes sociais são tanto um lugar de apoio e suporte, como de exposição e sofrimento.

A comunicação nas mídias sociais contém bastante ironia, especialmente nos comentários dos usuários. Muitas gírias e *emojis* que caracterizam o público jovem e toda uma geração. Muitos comentários elogiando os donos das postagens, revelando admiração que seus seguidores têm por aqueles que produzem conteúdo na internet.

Há com frequência declarações sobre como determinado *post* tocou a pessoa em uma questão que para ela é muito significativa. Afirmativas de que o conteúdo postado a atingiu de forma certa e em congruência com que o seguidor sente a respeito do assunto.

Expressões como “bateu forte aqui”; “alugou um triplex na minha cabeça”; “foi certo”; “jogando verdades na minha cara logo cedo”; “acabei de levar um tapa na minha cara, vou ali me recompor e já volto” são frequentes.

Nas postagens cujos conteúdo apresentam maior embasamento teórico, os comentários também são mais longos e com maior profundidade em nível de reflexões, problematização e crítica. Há expressão de opinião política e ideológica, mas também de sentimentos e vivências pessoais.

Parte dos produtores de conteúdo compartilham informações, pensamentos e reflexões a partir de suas próprias experiências de vida. Já outros, passaram a convidar especialistas em determinado assunto e fazem uma espécie de entrevista, outros citam livros e intelectuais.

Foi possível observar que quem produz conteúdo consegue viver de parceria paga, ou seja, faz propaganda de alguns produtos durante suas falas e produções. O produto que está em questão é o estilo de vida. Assim, ao revelarem parte do que seria sua intimidade, sentimentos, pensamentos e relacionamentos, esses influenciadores e produtores de conteúdo estão sugerindo um modo de ser e de estar àqueles que são seus seguidores.

Portanto, as mídias sociais cumprem seu objetivo de propagar valores e costumes. É um ambiente onde a vida subjetiva dos adolescentes e jovens é impactada significativamente por esses conteúdos.

Como dito anteriormente, o tema das relações interpessoais e amorosas recebe muitas curtidas, compartilhamentos e comentários. O número de pessoas que alcançam o conteúdo produzido é grande.

Quando convidados a emitir opinião técnica, os profissionais *Psis* são convocados a ocuparem esse lugar de suposto saber e, muitas vezes, assumem tal posição e dão explicações e prescrevem caminhos para que os seguidores consigam relacionamentos saudáveis, conquistem o ser amado e coisas do gênero.

Muitos comentários citam a terapia e a saúde mental, o que indica que uma parcela dos jovens está em processo de psicoterapia e talvez o estigma com o cuidado à saúde mental tenha diminuído.

Muitos dos comentários fazem menção à terapia: “a terapia da semana tá paga”, “ainda não chegou o dia da terapia”, “foi exatamente isso que eu levei pra minha última terapia”.

O cuidado em saúde mental ganhou notoriedade com a Pandemia de COVID-19 e, em decorrência disso, muitas pessoas nos comentários fazem menção aos próprios processos de análise e terapia, quase como se este espaço fosse mais um interlocutor ali na conversa, levando o terapeuta “a tira colo” nas discussões sobre os diversos assuntos.

Outro aspecto observado é que a maioria dos comentários são de pessoas do gênero feminino. Parece que as mulheres ainda são as maiores consumidoras de conteúdos sobre relacionamento interpessoal e amoroso. Homens, por vezes, surgem nos *posts* para dizer: “pera lá não é bem assim, pessoal.”, mas desenvolvem menos o assunto. Alguns, claro, participam.

Casais e amigos se marcam nos *posts*, às vezes como forma de indireta, às vezes como uma forma de dizer “lembrei de você” ou, ainda, como forma de iniciar uma conversa sobre o próprio relacionamento.

As pessoas marcam os @ umas das outras para que a pessoa tenha acesso aquele conteúdo que lhe pareceu interessante. É um jeito de interação entre casais e amigos e, a depender da publicação, um jeito de dizer ‘ei eu me lembrei de você, logo, eu gosto de você.’. Ou seja, uma forma de estabelecer intimidade e compromisso nos tempos atuais.

Com isso, fica claro que os relacionamentos íntimos na contemporaneidade são atravessados pelas mídias sociais. Seja porque as pessoas se conhecem através de aplicativos e redes sociais, seja porque flertam, mandam declarações, mostram interesse e se mostram ou, por fim, porque se informam e refletem sobre seus relacionamentos a partir do que é publicado.

Discussão

As mídias sociais, muito embora sejam jovens, estão em constante transformação. O Instagram, por exemplo, já sofreu diversas mudanças na apresentação e conteúdo. Antes, essa mídia se caracterizava por postagens da vida pessoal de seus usuários, pratos de comida, momentos especiais, registros de viagens e declarações de amor.

Atualmente, há uma redução desse tipo de *post*, ou seja, as pessoas estão mostrando menos seus momentos íntimos e espontâneos e apresentam fotos e *stories* com maior produção – cuidado com a vestimentas, maquiagem e paisagem – além disso, aparecem com maior frequência nas *timelines* conteúdo de perfis pagos e profissionais, assim temos mais acesso à vida de celebridades, profissionais, produtores de conteúdo e influenciadores do que dos amigos e familiares.

Mas, ainda assim, as redes sociais se revelam como um espaço interessante de interação social, como afirma Kozientes (2014):

“A interação social virtual é um híbrido do público-privado sem igual que oferece aos participantes a sedução de ser o centro das atenções perante uma ‘audiência’ sem deixar os limites seguros de seu próprio lar. As oportunidades são abundantes não apenas para divulgar suas próprias informações privadas, mas também para participar publicamente das informações privadas dos outros. Esse novo nível de voyerismo e exibicionismo é significativamente diferente de qualquer coisa que um etnógrafo encontraria face a face” (p.72)

Para a presente pesquisa foi possível observar uma quantidade significativa de conteúdos produzidos por diversos atores sociais acerca dos relacionamentos íntimos e da violência psicológica entre parceiros íntimos.

Existem tanto conteúdos elaborados por especialistas no assunto como especialistas em redes sociais. Se há produção em quantidade significativa desse assunto, podemos inferir que há um consumo importante desse conteúdo pelos jovens e adolescentes que utilizam das mídias como nova forma de adquirir conhecimento e refletir sobre as próprias vivências.

Todavia, também foi a partir dos comentários dos usuários, nas páginas das redes sociais, que foi possível se aproximar mais das opiniões, valores e comportamentos dos adolescentes e jovens nestes assuntos. Nos comentários de cada postagem, eles expressam como se sentem, verbalizam as angústias e dúvidas que vivem na vida *offline* e trocam sugestões e apoio.

Sobre relacionamento íntimo, há uma ambivalência no jovem e no adolescente quanto à forma de viver essas relações. Nos pareceu que buscam encontrar um meio termo entre se entregar para um relacionamento afetivo-sexual e se preservar emocionalmente, para não se sentir rejeitado. Além disso, foi possível observar, a partir do discurso, que essa população oscila entre postergar encontros, para não ter de abrir mão de projetos pessoais, e desejar se sentir amado por alguém (Chaves, 2010; Smeha & de Oliveira, 2013).

A discussão latente nos *posts* trata da ambivalência entre avaliar as prioridades de agenda e o interesse na outra pessoa. Caso alguém não o coloque na lista de prioridades, a sugestão é que se faça o mesmo e não seja “um emocionado”. É preciso se preservar e não demonstrar muito interesse por quem não está na mesma sintonia emocional.

Os novos status de relacionamento emergentes (olhante, conversante, rolo, ficante, peguete, *crush*, *date*) indicam que o período de avaliação e “*test drive*” foram ampliados e, aquilo que ficava condensado no namoro, agora é fragmentado em várias etapas. Será que tanta experimentação contribui para escolhas mais satisfatórias? Nas pesquisas de Chaves (2010), Smeha & de Oliveira (2013) e Takuti, De Jesus, Kerr, Takuti, & Poço (2007) os autores observaram a predileção pelo namoro em detrimento ao “ficar” ainda que o discurso seja todo voltado à valorização do “ficar”, os adolescentes revelaram o desejo por estabelecer um relacionamento íntimo através do namoro como forma de terem segurança emocional.

Também foi possível observar na presente investigação que parte do grupo de adolescentes e jovens adultos vive a sexualidade de forma mais fluida e com menos tabus do que as gerações anteriores. E a separação entre amor e sexo não é mais exclusividade do gênero masculino (Falcke & Zordan, 2010). Jovens mulheres

também estão mais apropriadas da própria sexualidade e do corpo e escolhem quando e como vão se relacionar sexualmente e decidem o que querem viver.

Ainda há sim, a estigmatização de algumas condutas femininas e objetificação do corpo feminino. Mas há mais liberdade sexual e interesse das próprias meninas em se descobrir sexualmente antes de estabelecer relacionamento sério com alguém.

A fluidez na orientação sexual parece ter um impacto na maneira como vivenciam a sexualidade e essa geração demonstra não se preocupar mais em se “assumir” gays ou lésbicas, pois declaram interesse por pessoas em geral. Assim, num dia podem estar apaixonadas/os por alguém do sexo oposto e no outro por alguém do mesmo sexo sem isso ser um tabu, um dilema e algo a ser problematizado, somente, vivido e experimentado. Pelo menos entre aqueles que vivem a própria sexualidade dessa maneira menos estereotipada.

Pessoas da comunidade LGBTQIA+ também produzem conteúdo nas redes sociais, assumindo publicamente seus relacionamentos homoafetivos e sentimentos por pessoas do mesmo gênero.

Não há mais o anseio pela manutenção da virgindade e as relações sexuais podem e acontecem em relações casuais e pontuais. Há mais conhecimento sobre as doenças sexualmente transmissíveis, sobre práticas sexuais e como obter prazer nas relações sexuais e maior conhecimento sobre a própria sexualidade. Nomenclaturas como demissexual, pansexual, heterossexual e cisgênero são corriqueiras nos comentários e debates sobre o assunto. Ou seja, é uma geração que carrega conhecimento significativo acerca de interesses e assuntos que lhes são caros, mas talvez seja possível inferir que não integram emoção e razão, assim, o discurso fica destoante dos afetos.

Conseguem viver a intimidade através da sexualidade de maneira mais confortável, possuem conhecimento intelectual sobre assuntos pertinentes à faixa etária, mas os sentimentos e emoções são pouco acessados e expressados.

A exploração da autoimagem e de um corpo mais sexualizado através das dancinhas abre caminho para uma vivência da própria sexualidade que aparenta ser mais fluida e confortável. Entretanto, também foi possível observar que uma parcela

desses jovens vive sua sexualidade de forma virtual e se satisfaz com o compartilhamento de atos sexuais na própria rede, sem estabelecer o contato físico. Talvez não sintam mais a necessidade de corresponder a um padrão de desempenho sexual como em gerações anteriores.

Já sobre sentimentos e emoções, um grupo mais progressista de adolescentes e jovens vem problematizando a monogamia e o amor romântico a partir da perspectiva de que ambos contribuíram para a idealização das parcerias e limitaram a liberdade na vivência do amor, da sexualidade e dos projetos pessoais.

Contudo, cabe destacar que a idealização do parceiro/a, bem como do relacionamento a dois, está presente nos discursos dos adolescentes e jovens. Com a prepotência típica da juventude, parecem acreditar que farão melhor que as gerações anteriores, estão mais preparados e informados sobre como sobreviver ao amor e se relacionar a partir da satisfação pessoal e livre de sofrimento, o que, por vezes, os lançam para um lugar solitário e de muitos desencontros.

Muito embora haja um discurso em defesa do poliamor, das relações abertas e da experimentação, o desejo por intimidade, compromisso e confiança segue presente, de modo que, a depender do grupo social a qual pertencem, alguns jovens e adolescentes dizem se sentir fracassados por não conseguirem sustentar o projeto de liberdade nos relacionamentos que estabelecem Smeha & de Oliveira (2013) e Takuti, De Jesus, Kerr, Takuti, & Poço (2007).

Patriarcado e gênero são conceitos conhecidos por um grupo de adolescentes e jovens que, ao falar das relações de intimidade, traz esses conceitos.

Já outro grupo de jovens e adolescentes faz defesa por uma parceria em que haja conexão, fidelidade e uma fusão entre os parceiros. Ou seja, defendem que, uma vez apaixonados e em um relacionamento íntimo, é necessário abrir mão de se sentir desejado e atraído por outras pessoas. Isso significa, para alguns, não ter segredos e nem mentiras, compartilhar senhas de acesso às redes sociais, fazer programas sempre em casal, postar fotos do casal com declarações e ter perfil de casal na rede social.

A parceria e o compromisso são selados a partir da exposição pública do casal nas redes sociais.

Nessa perspectiva, é possível verificar que o ideal de amor romântico, por vezes questionado por essa geração, ainda se faz presente quando estabelecem um relacionamento íntimo, o que corrobora achados anteriores da literatura (Minayo et al.,2011).

Dentro do tema de relacionamentos íntimos emergiu um debate sobre o que é traição e como o comportamento nas redes pode caracterizar ou não infidelidade, traição e desrespeito.

Como observado, curtir e comentar *posts* e *stories* de terceiros é um tipo de flerte e fazer isso enquanto se está em um relacionamento sério com alguém é visto como desrespeito e traição por uma boa parte dos adolescentes e jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os paradigmas e normas que regem as parcerias amorosas e os relacionamentos íntimos têm experimentado mudanças significativas ao longo das últimas décadas. No entanto, persistem valores e comportamentos mais conservadores que entram em conflito com as tendências emergentes da conjugalidade contemporânea.

Os adolescentes e jovens adultos integram uma geração que enfrenta essas tensões, muitas vezes, sem consciência do contexto de transformações no qual estão inseridos e de sua contribuição para a sua configuração.

A crescente liberdade, particularmente observada em certos estratos urbanos, para busca de realização pessoal e investimento em si mesmo tem ampliado as possibilidades de aspiração e sonho. Por outro lado, tem proporcionado maior angústia diante da multiplicidade de opções disponíveis em termos de identidade e conquistas pessoais.

Simultaneamente, também é possível observar uma geração de pais que já não mais desempenha o papel tradicional de contraponto à geração mais nova, mas que, ao invés disso, tende a conceder uma maior liberdade e permissividade, como se ao fazê-lo estivesse também buscando a realização de seus próprios desejos e fantasias. Os adolescentes e jovens adultos não encontram mais nas gerações anteriores um modelo a seguir ou contestar, mas sim, um paralelo com o qual se identificam.

O ambiente familiar tem proporcionando conforto e bem-estar, embora a ausência de desafios possa gerar desconforto. A perspectiva de se aventurar nas ruas e enfrentar os perigos externos parece menos atraente quando se consideram os riscos envolvidos. Além disso, os relacionamentos afetivo-sexuais tornaram-se mais associados às preocupações do que a possíveis fontes de felicidade.

Através da pesquisa documental feita nas redes sociais com auxílio do procedimento da netnografia, foi possível confirmar os achados da literatura no que diz respeito às particularidades da adolescência e início da vida adulta como uma fase do ciclo vital composta por desafios psicossociais de separação da família de origem e individuação, fortalecimento dos vínculos externos ao núcleo familiar, maior proximidade dos pares, busca por pertencimento e reconhecimento, busca por

autonomia, realização acadêmica e profissional e estabelecimento das primeiras parcerias afetivo-sexuais.

São muitos aspectos do desenvolvimento que estão em transformação e as relações sociais e amorosas tem importância significativa para a realização pessoal.

A partir do nosso estudo foi possível constatar que uma parcela significativa de adolescentes e jovens adultos sabe o que deseja viver nos relacionamentos íntimos. A troca, a parceria, a cumplicidade, o respeito e o diálogo são prerrogativas para o estabelecimento de um relacionamento amoroso e avaliam que, caso não seja possível entregar isso para o/a parceiro/a, o razoável é não se comprometer em um relacionamento como o namoro e estabelecer modelos de relacionamento mais informais que possam consistir em sexo casual, conversas virtuais e encontros esporádicos.

A transparência na comunicação é um objetivo a ser alcançado nas relações, muito embora, o medo de se mostrar vulnerável ao apaixonamento, alimente um discurso de buscar garantias antes de revelar os sentimentos a alguém.

A fluidez das relações, as decisões impulsivas e a intensidade dialogam com a fase de desenvolvimento dos adolescentes e jovens, bem como com o discurso sociocultural que tem marcado o compasso dos encontros amorosos.

Medo e desejo nunca estiveram tão perto um do outro e cabe a nós promovermos ações e políticas que contribuam para o desenvolvimento de competências socioemocionais que proporcionem mais satisfação e qualidade nas relações amorosas para essa população.

REFERÊNCIAS

Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. N. (2015). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Psychology press.

Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bowlby, J. (2006). Psicanálise e cuidados com a criança. *J. Bowlby, Formação e rompimento dos laços afetivos*, 13-41.

Chaves, J. C. (2010). As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. *Psicologia em revista*, 16(1), 28-46.

Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.

Creswell, J. W., & Poth, C. N. (2007). *Qualitative inquiry and research method: Choosing among five approaches*.

Falcke, D., & Zordan, E. (2010). Amor, casamento e sexo: opinião de adultos jovens solteiros. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(2), 143-155.

FREUD, S. (2016). *Três ensaios sobre a sexualidade e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp.

Kozinets, R. V. (2014). *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Penso Editora.

Kuss, A. S. S. (2020). *Amor, desejo e psicanálise*. Curitiba: Juruá.

Mesquita, I. (2013). *Disfarces do amor: Relacionamentos amorosos e vulnerabilidade narcísica*. Climepsi Editores.

Minayo, M. C. D. S., Assis, S. G. D., & Njaine, K. (2011). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Editora Fiocruz.

Nasio, J. D., & MAGALHAES, L. (1997). *O livro da dor e do amor*. Zahar.

Norgren, M. B. P. (2002). Para o que der e vier”: Estudo sobre casamentos de longa duração. *Mestrado em Psicologia Clínica. PUC-SP*.

Oltramari, L. C. (2009). Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. *Psicologia em estudo, 14*, 669-677.

Smeha, L. N., & de Oliveira, M. V. (2013). Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. *Psicologia: teoria e prática, 15(2)*, 33-45.

TAKIUTI, A. D., DE JESUS, N. F., KERR, J., TAKIUTI, F. D., & POÇO, R. R. (2007). O traçado e o discurso do relacionamento amoroso das adolescentes. *R evistada SOGIA BR, 8(2)*, 3-9.

TIC Kids Online Brasil 2023: pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil [livro eletrônico]. Coordenação executiva e editorial Alexandre F. Barbosa. São Paulo: Comitê Gestor da internet no Brasil, 2023

ARTIGO IV

Da invisibilidade à compreensão: como a juventude interpreta a violência psicológica nos relacionamentos íntimos. Uma pesquisa documental nas redes sociais.

Introdução

As violências psicológicas têm sido reconhecidas como um problema de saúde em diferentes países (Hossain et al, 2020) e consistem em agressões verbais ou gestuais cuja finalidade é amedrontar, humilhar, ameaçar, constranger, assustar, intimidar a vítima, gerando medo e insegurança acerca de si, seus relacionamentos interpessoais e no ambiente que vive e frequenta (Brasil, 2021).

Embora tenha sido identificada como uma questão de saúde pública, bem como, uma natureza específica de violência, com ocorrência em diferentes faixas etárias, classe social, gênero e formatos de conjugalidade, a violência psicológica permanece sendo percebida como fenômeno de menor importância e de difícil reconhecimento mesmo pela própria vítima (Dempsey, et al. 2023; Engel, 2002; Hamel, et al., 2023; Karakurt & Silver, 2013; Klencakova et al., 2021; Miller, 1999; Njaine et al., 2007; Smith, 1989).

A invisibilidade da violência psicológica foi explorada no estudo de Souza, Pascoaleto & Mendonça (2018) que trabalharam com uma amostra de brasileiros de sexo masculino, maiores de 18 anos, tendo verificado que as violências de caráter psicológico e moral foram as mais presentes no namoro. Os participantes reconheceram mais facilmente a violência quando esta ocorria de forma mais visível, enquanto as psicológicas, de caráter subjetivo, e que eram as mais frequentes, foram percebidas como menos abusivas. Embora tenha se identificado maior prevalência da violência psicológica, no que se refere ao reconhecimento das práticas abusivas, os participantes apresentaram maior dificuldade em reconhecer as ofensas de caráter subjetivo (xingar, perseguir e manipular) como agressões e justificaram tais atos como

forma de evitar supostas traições, como se tais atitudes tivessem a intenção de evitar algo pior ou ruim para o relacionamento, sem discriminar esses comportamentos como violentos. Geralmente o controle da parceira e demais agressões eram justificados por descontrole frente os ciúmes (Minayo, 2011; Caridade & Machado (2006).

Estudos como o de Levy e Gomes (2008) descrevem como a complementaridade fusional pode estar relacionada à violência psicológica em uma relação conjugal. Segundo as autoras, a violência psicológica entre casais contribui para a manutenção de um laço perverso cujo vínculo sadomasoquista propõe o controle e a desorganização narcísica do outro.

De um vínculo violento e simbiótico, as individualidades e autonomia são diminuídas, a cumplicidade e parceria desaparecem e sofrimento psíquico com diversas consequências passam a compor a rotina conjugal.

A queda de braço pelo poder no relacionamento tem bases nas mudanças culturais observadas nas últimas décadas em que as desigualdades de gênero foram diminuídas em alguns contextos e a perda do privilégio e do poder masculino não são aceitas por homens e também, às vezes, por mulheres. O ressentimento, a agressividade e a inveja circulam entre os parceiros o que molda a comunicação e a forma de se relacionarem, gerando um escalonamento em várias formas de violência, especialmente, a violência psicológica.

Estudos atuais (Caridade & Machado, 2006; Andrade & Lima; 2018; Cecchetto, Oliveira, Njaine, Minayo, 2016) revelam que é possível encontrar a presença de violência psicológica em relações ocasionais ou de curta duração entre jovens e adolescentes.

Minayo et al (2011) realizaram ampla pesquisa sobre amor e relacionamentos adolescentes no Brasil, tratando de temas gerais como virgindade, aborto, relacionamentos ocasionais como o ficar, namoro, violência e sexo. Consideram que a violência psicológica se subdivide em verbal, ameaças e relacional em que o ciúme é destacado como um fator importante que leva os jovens a serem vítimas ou perpetradores de algum tipo de violência.

Além disso, indicam fatores que contribuem para que um adolescente tenha um comportamento violento para com seus parceiros, entre eles testemunhar violência no âmbito familiar e de convivência. Os resultados apresentados no livro são condizentes com os de Caridade e Machado (2006) que tratavam da população portuguesa. As autoras apresentam dados de estudos anteriores que revelam uma confusão entre os adolescentes quanto às crenças e valores envolvendo a violência no relacionamento amoroso. Para a maior parte dos jovens portugueses, a violência não deve fazer parte do namoro, mas concluem que parte da reprovação é minimizada a partir de crenças como o ciúme, que significa amar demais e dessa forma a violência é perdoada.

A atração sexual e o vínculo estabelecido no período do apaixonamento dá a população jovem a sensação de terem encontrado a pessoa ideal, e quando as diferenças começam a surgir, a frustração em relação ao parceiro(a) aparecem e não são elaboradas pelo casal. Na pesquisa de Levy e Gomes (2008), os entrevistados disseram que as dificuldades em manter o relacionamento seriam: falta de respeito, traição, desconfiança, ciúme exagerado, excesso de responsabilidade, muito investimento em apenas uma relação, priorização da vida profissional e desrespeito à individualidade do parceiro.

Ainda no que tange à violência psicológica entre adolescentes e jovens adultos, a revisão de literatura feita por Oliveira et al. (2014) aponta três dados interessantes. O primeiro se refere ao fato de que ter sofrido e/ou testemunhado a violência parental na infância é um preditor de violência no namoro, uma vez que imprime padrões de relacionamento permeados por violência que poderão ser internalizados e repetidos no início da vida afetiva-sexual, de modo que, essa referência nem sempre é percebida como problemática e como violência psicológica. O que contribuiria para a invisibilidade do fenômeno.

O segundo é que a violência entre amigos durante a adolescência também é o preditor para a violência no namoro, pois a partir do que o grupo de pares valida como certo ou errado os adolescentes têm a tendência em reproduzir determinados valores e comportamentos em suas relações interpessoais. Entendendo que nessa fase do ciclo vital, a influência dos pares é significativa, alguns estudos avaliam que, se há uma percepção no grupo social de que a violência psicológica faz parte das relações amorosas, ela irá ser perpetuada.

E, por fim, o terceiro aspecto levantado é que a violência psicológica é prevalente nas relações e que as adolescentes do gênero feminino são as que mais perpetuam essa natureza de violência.

Portanto, com base no que apontou a referida literatura, a presente pesquisa tem por objetivo investigar, a partir das redes sociais digitais, através do procedimento da netnografia, como adolescentes e jovens adultos interpretam o que é violência psicológica e qual o grau de tolerância para atos de violência psicológica entre parceiros íntimos com a perspectiva de comparar tais achados com a literatura

Hoje identificamos diversas nuances de relacionamento entre os jovens, de modo que diferenciar e entender o grau de tolerância às violências psicológicas se torna ainda mais complexo, pois as pesquisas tendem a usar as terminologias amplas como relacionamento ou namoro. Por outro lado, as redes sociais se tornaram não apenas um habitat habitual dos jovens, mas também um campo divulgação de suas ideias, dúvidas e demandas.

Consideramos, então, relevante identificar as noções espontâneas de jovens sobre as violências psicológicas no contexto de seus diversos tipos de relacionamento optando por realizar um estudo netnográfico nas redes sociais Instagram e Tiktok consideradas atualmente as mais populares entre adolescentes e jovens. Assim, o objetivo da presente pesquisa será explorar e conhecer como adolescentes e jovens adultos concebem amor, parcerias, relacionamentos íntimos e compromisso, e nesses contextos relacionais como interpretam o que é violência psicológica.

Objetivo

Explorar e conhecer como adolescentes e jovens adultos interpretam o que é violência psicológica a partir das redes sociais e compará-las com a literatura.

Método

Para a realização do presente estudo realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa. Essa modalidade de pesquisa tem como principal característica a

interpretação subjetiva dos dados coletados, de modo a extrair sentido das informações obtidas através dos documentos e textos investigados. O principal objetivo das pesquisas qualitativas é conhecer, através de aproximações sucessivas, determinada situação social, valores, condutas e pensamentos de um grupo social. Portanto, o foco reside em observar e descrever a percepção de um grupo de sujeitos acerca de determinada experiência (Creswell & Poth, 2007).

Para a realização do presente estudo realizamos uma pesquisa netnográfica. “A netnografia adapta os procedimentos etnográficos comuns de observação participante às contingências peculiares da interação social mediada por dispositivos eletrônicos” (Kozinets, 2014, p.60) usa os dados e informações publicadas online e que se encontram disponíveis ao observador.

“A análise das redes sociais é um método analítico que focaliza as estruturas e os padrões de relacionamento entre atores sociais de uma rede” (Kozinets, 2014, p. 52). Os levantamentos online são interessantes, pois auxiliam a tirar conclusões sobre as comunidades online que sejam representativas de determinada população; permite tirar conclusões sobre determinados padrões de comportamentos nas redes; compreender atitudes e valores expressos online e obter correlação com o que se vive offline. O procedimento consiste em fazer “observações de atos interativos no campo da comunicativo da cultura online” e sua análise deve ter uma teoria como norte que contribua nas interpretações indutivas e na elaboração de possíveis generalizações (Kozinets, 2014, p.127).

Contexto de observação

De modo a acessar as redes sociais mais frequentadas por adolescentes e jovens fizemos uso dos resultados da pesquisa nacional TIC Kids Online Brasil 2023 (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação) que nos trouxe os dados de que dos adolescentes de 15 a 17 anos, 96%, tem perfil em rede social. Considerando as faixas etárias dos 9 aos 17 anos que a pesquisa cobre, as redes de uso mais frequente são o WhatsApp que reúne 78% desses

usuários, o Instagram com 66% e o TikTok com 63% de usuários. Optamos pelas duas últimas dado seu caráter de divulgação de conteúdo.

O **Instagram** é uma plataforma de mídia social focada no compartilhamento de fotos e vídeos. O aplicativo se conecta à câmera do celular e permite que os usuários capturem, editem, compartilhem e façam transmissões de conteúdo visual com seus seguidores. É possível seguir outros perfis para visualizar suas publicações em um *feed* (publicações que ficam fixas na *timeline*) e nos *stories* (publicações que desaparecem após 24h de sua postagem). Além disso, é possível interagir por meio de comentários, curtidas, reações e mensagens diretas (DMs). O Instagram é um produto do grupo Meta (responsável pelo Facebook, Tumblr e Threads). Segundo pesquisa da Opinion Box a rede é mais popular em uso no Brasil e entre o público de 16 a 29 anos, 83% a usam várias vezes ao dia ou deixam aberto o dia todo.

O **TikTok** é uma plataforma de mídia social, chinesa, que permite aos usuários criar, compartilhar e descobrir vídeos curtos, de 15 segundos até 3 minutos. Com amplos recursos para editá-los, é possível incluir filtros, legendas, trilha sonora, fazer cortes e dublagens. Foi lançado em 2016 e ganhou popularidade globalmente devido à sua abordagem de conteúdo criativo e de fácil consumo. O público-alvo principal do TikTok é formado por jovens, entre 16 e 24 anos.

Procedimento

As autoras já tinham contas pessoais no Instagram e criaram conta no TikTok, baixando o aplicativo. Buscou-se nas redes perfis, páginas, grupos e vídeos sobre o tema: violências psicológicas em relacionamentos íntimos na perspectiva de adolescentes e jovens adultos, tendo-se realizado observações sistemáticas. O período de observação aconteceu diariamente entre os meses de outubro e novembro de 2023.

O conteúdo que emerge nas redes sociais é ininterrupto e de grande quantidade, especialmente no TikTok. Assim optou-se por encerrar as observações quando os conteúdos acessados começaram a se repetir e não apresentaram relevância para a pesquisa.

Análise dos resultados

Com base na observação e leitura das fontes, os dados coletados foram transcritos e orientados pelo objetivo de investigação, foram criadas duas categorias de análise (características e atos de violência psicológica e grau de tolerância à violência psicológica nos relacionamentos íntimos) e, partir dessas categorias, a priori os conteúdos foram tematizados e discutidos apoiados na literatura já produzida sobre o tema.

Resultados

Para a presente pesquisa, após baixar e se cadastrar no aplicativo TikTok, fomos na área de busca e digitamos “relacionamento”, momento em que apareceu um grupo de termos como sugestão para seguir a busca. Uma das opções emergentes foi “relacionamento tóxico”. Clicamos nesse termo para dar início às observações, surgiram mais sugestões de busca com o nome “pesquisas similares” e, ao clicar ali, surgiram:

- Indireta para relacionamento tóxico
- Relacionamento abusivo emocional homem
- Consequência de relacionamento tóxico
- Relacionamento cansativo
- Atitudes de homem tóxico
- Relacionamento tóxico reflexão psicologia
- Relacionamento tóxico lésbica

Clicamos em “consequência de relacionamento tóxico”, “Relacionamento tóxico reflexão psicologia”, “Atitudes de homem tóxico” e “Relacionamento tóxico lésbica”.

Os primeiros vídeos que apareceram foram de profissionais de áreas como Psicologia e Direito, delegadas de polícia e estudantes de Psicologia. Os vídeos pareciam ser “cortes”, ou seja, edições de trechos de programas como *podcast* e *videocast* (a maioria) e *Tedtalks*. Tinham chamadas alarmistas. Chamadas que traziam alguma polêmica ou um tom enfático.

As pessoas se comunicam com expressões faciais e tom de voz intenso. No conteúdo de suas falas trazem certezas e receitas prontas. Muitos vídeos são iniciados com a expressão “A gente precisa falar sobre violência psicológica.”, com ênfase no “A gente precisa” de modo a criar a ideia de o outro estar passivo e mostrar o quão urgente é abordar essa pauta.

Algumas influenciadoras trazem aspectos políticos e culturais e a crítica de gênero ao assunto da violência psicológica na parceria amorosa.

Observamos que aspectos como a imagem, a aparência estética dos comunicadores, o humor e o sarcasmo são presentes na maioria dos vídeos.

Ao deslizar a tela e ir para o próximo vídeo, fui direcionada aos vídeos que trataram sobre “o que é violência psicológica”; “tipos de violência psicológica”; “consequência da violência psicológica”; “Narcisista versus Psicopata”; “Por que é tão difícil de sair de um relacionamento tóxico?”; “Inversão de culpa” e “dependência emocional”.

No TikTok foi possível acessar vídeos produzidos e direcionados para a população LGBTQIA+.

Ao digitar o termo “Violência”, apareceram nas sugestões:

- Violência psicológica
- Violência doméstica reflexão
- Violência contra mulher reflexão
- Violência psicológica reflexão
- Violência obstétrica
- Violência doméstica oq é
- Violência doméstica psicologia

- Violência contra a mulher 2023

Já na busca feita a partir do Instagram, digitamos Violência Psicológica e apareceram cerca de 40 sugestões de páginas. Um terço dessas páginas tinha acesso privado ou não tinha nenhuma postagem. Outro terço era de páginas de profissionais da área da Psicologia e, por fim, duas páginas eram fruto de trabalho escolar e as demais, páginas gerenciadas por mulheres que se autodeclararam terem sido vítimas de violência psicológica e produzem e publicam conteúdo para alertar outras sobre esta questão ou, ainda, ajudá-las a sair desse tipo de relacionamento.

Interessante destacar que todas as páginas que apareceram na busca do Instagram, a partir do termo “violência psicológica”, associavam essa temática ao relacionamento íntimo/amoroso. Somente uma, referia-se à violência psicológica parental. Essa constatação pode indicar que o tema da violência psicológica tem ganhado notoriedade a partir dos relacionamentos com parceiro íntimo e a violência contra a mulher. Nenhuma página tinha conteúdos direcionados ao público LGBTQIA+, muito embora, nos comentários, algumas pessoas revelaram ter sofrido violência psicológica em relacionamentos homoafetivos.

Quando comparado ao conteúdo produzido e publicado entre as duas redes sociais, notamos uma piora em sua qualidade nos vídeos acessados no TikTok. Isto em partes, porque o tempo dos vídeos publicado é muito curto o que impede o aprofundamento no tema e discussão, mas também observamos que alguns profissionais traziam falas a partir do senso comum, generalistas, sem crítica social e sem embasamento teórico crítico.

Comparando as duas redes sociais, confirma-se as faixas etárias que lhe são mais habituais. Foi possível acessar conteúdos produzidos, compartilhados e curtidos por adolescentes e jovens com maior frequência no TikTok, especialmente no que se refere ao tema da Violência Psicológica. O grupo dessa faixa etária está discutindo e pensando a respeito das relações amorosas e de intimidade, avaliando e ponderando o que seria adequado e desejado nas relações íntimas e destacam o que são os relacionamentos tóxicos e seus prejuízos para o vínculo e para a própria pessoa. Relacionamentos tóxicos são interpretados como sinônimo para Violência

Psicológica, assim, encontramos conteúdos a respeito desse assunto no TikTok a partir desse termo de busca.

No TikTok foi possível acessar conteúdo produzido por adolescentes e jovens da comunidade LGBTQIA+, nos aproximando de como a violência psicológica acontece entre casais homoafetivos.

Já no Instagram foram acessados conteúdos sobre Violência Psicológica, porém produzidos, curtidos e comentados por mulheres adultas, na sua maioria. O que foge do escopo da presente pesquisa. Nessa rede social, entretanto, foi possível acessar conteúdos sobre relacionamentos íntimos na faixa etária escolhida para esse estudo.

Instagram

A maior parte dos posts identificados traz alguma compreensão/definição do que é violência psicológica.

“O que é violência psicológica? Tipo de violência que pode consistir em humilhações, insultos, isolamento sociais, ameaças de abandono, ciúme excessivo e controle.”

“Falar que a sua dor é mi-mi-mi é violência psicológica. A sua dor merece respeito e não invalidação. A invalidação emocional ocorre quando os sentimentos e as emoções de uma pessoa são tratados como errados, inadequados, inexistentes. Essa atitude demonstra falta de empatia (...) também demonstra intolerância ao diferente e desumaniza a pessoa que é agredida.”

Tais definições, por vezes, são referenciadas na Lei Maria da Penha, outras por compilados de autores da área da Psicologia e muitos por experiências pessoais de várias mulheres.

Para definir a violência psicológica, trazem exemplos de situações, falas e atitudes que caracterizam essa forma de agressão. Também são utilizados os termos

‘relacionamento abusivo’ e ‘relacionamento tóxico’ como sinônimos à violência psicológica.

“Chamam de loucas, complicadas e difíceis de lidar às mulheres que eles não conseguem manipular.”

“No início são sedutores para te conquistar, o que te torna presa fácil é se você estiver carente ou for codependente. Depois que você se apaixona começam as torturas psicológicas: ignoraram, reclamam, criticam, fazem intrigas e fingem que esfriam para ter o domínio sobre você. Eles se beneficiam do seu sofrimento, sentem prazer ao ver você humilhado. A manipulação é muito difícil de ser identificada, afinal você está envolvido. Hábeis em jogos psicológicos para ter o domínio sobre o outro, fazem você confundir o controle com cuidado e a possessividade com amor. Quando você fica chateada, não reconhece o erro, ao invés disso, invertem a conversa e a culpa será sempre sua...você ainda pede desculpas.”

“Sinais de abuso emocional: eles culpam você por tudo, eles se recusam a se comunicar, eles bloqueiam e ignoram você com frequência, eles são hipercríticos sobre você, nada do que você faz é suficiente para eles, eles se divertem em menosprezá-lo, eles invalidam os seus sentimentos, eles são extremamente possessivos, eles ameaçam se machucar se você for embora, eles xingam você e zombam de você.”

“Relacionamento abusivo: é você estar presa em uma relação que só te causa dor, mas que é camuflada por sentimentos de promessa e mudança.”

São várias as atitudes que num conjunto podem caracterizar a violência psicológica e, ao divulgá-las a partir de determinados nomes e terminologias, as mulheres poderiam identificar com mais facilidade aquelas condutas que não correspondem a amor e parceria, mas sim a abusos e agressões e que lhes trazem algum tipo de prejuízo emocional. Tratamento de silêncio, controle, chantagem,

manipulação e *gaslighting* são citados com frequência por quase todas as páginas visitadas.

“Gaslighting: a violência silenciosa. O narcisista comete um malefício, nega e ainda passa a dizer que você está maluco, desequilibrado, necessitando de tratamento psicológico.”

“A vítima fica confusa e é difícil romper o ciclo de abuso: ela não sabe dizer se deve realmente confiar em seus instintos e no que está percebendo ou se ela está exagerando e enlouquecendo a cada vez que tenta sair da situação. Situações: você entra numa discussão tendo certeza que tem razão, ou pelo menos parte dela, e sai dela sentindo culpa e vergonha, acreditando que o erro é todo seu; você se lembra de situações que te incomodaram, mas te convencem de que está com a memória ruim ou exagerando/inventando fatos; você acredita que está sendo uma pessoa paranoica por desconfiar de infidelidades que são reais; nas raras situações em que você se irrita e briga por estar sempre em descrédito, recebe de respostas ofensas, afastamentos (gelos) ou outros comportamentos de punição. Você não está enlouquecendo, se uma relação te pesa e te faz sentir culpa e vergonha em excesso, embora possa ser comum, isso não é normal.”

“Manipuladores emocionais: eles são ótimos em despertar a culpa e distorcer os fatos, não importa o motivo da discussão, o culpado sempre será você”

“Ele não te bateu, mas...controlou, manipulou, humilhou, chantageou, constrangeu, ridicularizou, perseguiu, ameaçou.”

“Chantagem se trata de uma pressão que uma pessoa exerce sobre outra mediante ameaças através de agressividade, autolesão, se fazer de sofredor ou vítima.”

Controle disfarçado de amor: você não precisa de mais ninguém, você não deveria sair com esses amigos, ligo toda hora porque sinto saudade, vou te amar mais se você fizer isso, você deveria trocar essa roupa, tenho ciúme porque te amo.”

“Vou listar algumas frases que eles costumam falar e depois você me diz se já ouviu alguma delas. 1- você está louca; 2- você é muito sensível, 3- você está exagerando, 4- pede desculpas, você quem errou, 5- o que seria de mim sem você?”
6 –foi só uma brincadeira, pare de levar as coisas tão à sério. 7- isso não acontecendo, você está imaginando coisas

“Tratamento de silêncio é uma forma de abuso.”

Notamos que, por detrás de cada *post*, existe um discurso que visa fortalecer a mulher que já se encontra em um relacionamento permeado pela violência psicológica, assim há a construção de uma narrativa de empatia para com essa mulher *“mulheres fortes também podem viver relações abusivas”*. Busca-se, por um lado, diminuir a culpa sentida pela violência sofrida, mas por outro, há uma construção da imagem do ‘vilão-homem-agressor’. Variados *posts* trazem as características de quem seriam esses dos quais se deve manter distância, uma vez que não sabem respeitar suas companheiras e se relacionam com o intuito de lhes fazerem mal.

“Para um narcisista te manipular é um estilo de vida”

“Não estamos exagerando a crueldade! Vítimas de narcisistas perversos falam deles pelo que eles são, não pelo que eles tentam parecer que são.”

Ganhou popularidade nas redes sociais identificar o homem autor de violência como narcisista ou psicopata. Os termos advindos da Psicologia, Psicanálise e Psiquiatria atribuem um diagnóstico em termos de saúde mental àquele que seria mal, por natureza e não teria cura. De forma equivocada, há um uso deliberado e generalista desses termos e suas características para que as mulheres possam notá-los, diagnosticá-los e se defenderem.

“Narcisistas iniciam suas relações através do lovebombing. Você vai acreditar que ganhou um presente de Deus, até que ele resolva instalar o caos em sua vida.”

“O abusador não a deixou por alguém melhor, ele deixou por alguém que ainda não sabe tudo que você já aprendeu.”

“A pessoa que destrói a sua saúde mental não pode ser o amor da sua vida.”

Ao longo dos comentários que sucedem as postagens, muitas mulheres declaram que foram vítimas de um narcisista e que eles são pessoas que não mudam. E, então, a estratégia seria conseguir se desvincular da relação com ‘esse tipo de homem’. De fato, a constatação acertada dessas declarações é de que diante de uma situação adversa e problemática, não cabe esperar a mudança no outro e sim, rever em si formas de se fortalecer, compreender suas questões emocionais e objetivas e pretensões para o futuro.

Mas a afirmativa de que esse companheiro não irá mudar está, muitas vezes, pautada nesse diagnóstico elaborado através das redes sociais: *‘Narcisistas são maus, não mudam, vão sempre querer o seu mal, fuja deles.’* Aplicando o conceito de forma equivocada.

As sugestões para romper o ciclo da violência passam por estratégias de romper todos os vínculos e contato com o agressor, para que ele não consiga, retomar as manipulações e chantagens emocionais.

Algumas mulheres em seus comentários contam que, passados meses de separação e ausência do até então companheiro, eles retomam contato e pedem para reatar o relacionamento como se nada tivesse acontecido. Reforçando uma das características da violência psicológica que é a percepção distorcida das próprias lembranças, memórias e sentimentos.

Nos relatos, mulheres contam histórias bem sucedidas de terem colocado fim a relações abusivas de longa data, ou seja, para se darem conta de que viviam violência psicológica no relacionamento amoroso, levaram muito tempo. Esse dado, observado nos comentários, também nos ajudou a perceber que os relacionamentos íntimos caracterizados pelo ciclo de violência, por dependência emocional, por

dificuldade de separação e formas de romper com essa situação tratavam de casamento e/ou relacionamentos mais duradouros de pessoas com mais de 30 anos.

TikTok

Os adolescentes e jovens também estão nas redes sociais falando sobre a violência psicológica entre parceiros íntimos, entretanto mais na perspectiva de prevenção e alerta às atitudes tóxicas que podem no futuro levar a um relacionamento abusivo e falam sobre como construir relacionamentos saudáveis e satisfatórios.

Há um alerta já nas fases de flerte, ficada e namoro sobre traços tóxicos do/a parceiro/a para que as escolhas amorosas não sejam confundidas por carências, dependências e medo de rejeição, o que levaria a situações de abusos.

Alguns jovens também afirmam que é “mais fácil” viver um relacionamento tóxico, pois no relacionamento saudável é necessário trabalhar para resolver problemas e aprimorar o diálogo. Isso requer maturidade e esforço.

Em uma *trend*⁶ localizada nas buscas, acessamos dois vídeos de duas adolescentes que descreveram como foi passar pela violência psicológica em um relacionamento íntimo.

Enquanto toca uma música triste ao fundo, rodam fotos de uma adolescente chorando e com a maquiagem borrada. Uma das fotos é o *print* da tela de seu celular com conversa de *WhatsApp* em que há uma foto da mesma adolescente com o olho roxo. Na conversa, a adolescente conta que está a caminho do hospital.

A legenda do vídeo é a seguinte: *“Ele vai fazer você se sentir culpada pelos erros dele, todas as brigas e discussões serão culpa sua. Quando você começar a desconfiar dele, vai te chamar de louca até você achar que é mesmo. Nas crises de ansiedade que você tiver por causa dele, você vai ter que aprender a se virar sozinha, porque ele vai dizer que é drama e vitimismo. Até você perceber que a ex-doida nunca*

⁶ *Trend* é uma palavra em inglês que em português significa tendência. Nas redes sociais, refere-se a tópicos ou *hashtags* que estão se tornando populares e recebendo muita atenção dentro da plataforma.

foi doida, nunca foi culpada e ele é exatamente tudo o que as pessoas disseram. Amor não machuca, no primeiro sinal vá-se embora.”

A música de fundo é de tema triste. Uma única foto compõe este vídeo em que uma adolescente muito bonita, usando short e blusa está fazendo pose diante de um cenário de pôr do sol ao fundo. Entra uma voz de legenda que diz: “olhem o peso desse áudio.”. A legenda do vídeo é a seguinte:

“Eu fui a pessoa que mais quis te ajudar, cala a boca deixa eu falar, a pessoa que mais te ajudou e você diz que eu fodo com a sua vida? Depois que tu me traiu, me humilhou, tu mentiu passei vergonha na frente das meninas? Passei vergonha, você dizia que eu era chata que tudo que eu fazia era drama? Tu que fudeu com a minha vida.”

Em ambos os vídeos chama a atenção a intensidade do relacionamento adolescente, com paixão, histórias de traição, mentira e humilhação. Traz a narrativa da heroína que sobrevive aos ataques do agressor e está viva para contar a sua história. Tem um fundo triste, mas também de superação. Não deixa de lado a estética e valoriza a autoimagem, apesar de revelar momentos de grande sofrimento, há preocupação com a aparência e como estão sendo vistas.

O número de curtidas e compartilhamento chama a atenção nessa rede social, pois o alcance na divulgação dos conteúdos é muito significativo, isso mostra que essas adolescentes e suas histórias atingiram milhares de pessoas. Nos comentários, novas histórias de adolescentes que também passaram por relacionamentos com violência psicológica reafirmando a dor de viver essa experiência e de que não se deve tolerar esses tipos de comportamento por parte dos parceiros.

Percebemos que a toxicidade do relacionamento, para adolescentes e jovens, está associada à traição, infidelidade, desrespeito e na manipulação do discurso sobre os fatos vividos entre o casal. Mentiras e acusações de que a outra pessoa está delirante são usadas de modo que ela questione a percepção que tem da realidade e da própria relação e são formas de violência psicológica na perspectiva dessa população.

Ciúme excessivo e controle sobre roupas, atitudes, atividades e amizades também são vistos como violência psicológica, muito embora, as mesmas ações sejam ponderadas como corretas quando houve traição e mentira por alguma das partes do casal. Ou seja, existe uma circularidade dos atos de violência psicológica que são legitimados entre os parceiros e certa alternância de quem tem o poder na relação em determinados momentos.

A discrepância entre a gravidade do assunto e a forma como o conteúdo é produzido e publicado foi algo que nos chamou atenção. Em um vídeo, uma advogada fala da lei de violência psicológica promulgada em 2021. Enquanto ela explica o conteúdo da lei – para que serve e o que é violência psicológica de acordo com a nova legislação entre outras coisas mais – a profissional está se maquiando. Faz todos os passos de uma maquiagem, compartilhando um momento de intimidade e autocuidado no vídeo enquanto explica o conteúdo.

A ideia de compartilhar um ritual íntimo no vídeo público aproxima o espectador da pessoa que comunica o conteúdo, ao mesmo tempo, causa um estranhamento entre a discrepância do assunto – sério e sensível – com a aparente superficialidade do ato – fazer uma maquiagem. Também interpretei que o estar se maquiando pode convocar a quem assistir ao vídeo a participar de uma conversa entre amigas, amigas que estão conversando enquanto se maquam juntas.

Chegamos a outra *trend*: “Quando você não está acostumado a estar num relacionamento saudável”. Um dos vídeos era assim:

Um casal de adolescentes está junto num quarto, o menino joga videogame enquanto a menina está sentada ao seu lado assistindo. O celular dele apita com notificação de mensagem e ele pede pra namorada ver de quem era a mensagem e ela tem uma reação de muita surpresa e pergunta: “*eu posso mexer?*”. No vídeo ele ainda fala qual a senha dele pra ela entrar e responder à mensagem do amigo e propõe que eles “façam um rolêzinho de casal”, ela fica muito surpresa. O vídeo diz que quando você sai de um relacionamento tóxico e vive um relacionamento saudável, o medo, o controle e a desconfiança presentes na relação tóxica tornam pouco familiar a confiança e o compartilhamento da privacidade e intimidade. No vídeo, ela revela surpresa em poder encostar no aparelho celular do namorado (objeto tão íntimo,

pessoal e sagrado) e também de ser convidada a “um rolezinho de casal” se surpreendendo com o status público que o relacionamento dos dois receberá.

Nos comentários, outros jovens afirmam que compartilhar a senha e ter acesso ao aparelho do outro e não ter medos em relação ao que o outro faz na sua ausência são sinônimos de relacionamento saudável. Frases como: “*quem não deve não teme.*” foram frequentes e endossavam que no relacionamento tóxico há mentiras e desconfianças, já no relacionamento saudável, há o compartilhamento da vida e isto significa poder acessar o conteúdo do celular do/a parceiro/a.

Outros comentários apontam que um relacionamento é tóxico quando somente um dos lados pode ter acesso ao celular do outro e a outra pessoa tem senha e restringe o acesso.

O espaço virtual e as relações sociais mediadas pelas redes sociais proporcionaram mais um contexto de insegurança e medo de traição. Assim, o controle do acesso ao que o/a parceiro/a faz em suas redes sociais virou alvo de debate na perspectiva de compreender até onde saber o que se está fazendo e com quem se está comunicando é um aspecto saudável em um relacionamento ou diz respeito à atitudes controladoras que compõem a violência psicológica.

Frases como: ‘*ela tinha acesso às minhas redes e eu não podia encostar no celular dela*’ aparecem com frequências nos comentários apontado como atitude abusiva.

A partir dos comentários foi possível verificar que o diálogo é muito valorizado para se alcançar um relacionamento saudável. A comunicação parece ser elemento primordial e percorrido nas relações ou no que se espera em um relacionamento íntimo.

Ao mesmo tempo, nos comentários, as pessoas afirmam que está muito difícil de ter relacionamento saudável e por conta da escassez de relações maduras e respeitadas, as pessoas se surpreendem com quando é feito “o mínimo”.

Nos resultados das buscas também apareceram vídeos que mostram trocas de mensagens, por *WhatsApp*, que caracterizam a violência psicológica entre um casal.

Aparecem mensagens em que o namorado ofende a namorada dizendo que ela está gorda, fora de forma e precisando se cuidar mais e que mulher não pode ser desleixada. Mensagens que acusam a namorada de ser 'louca' e 'caçar assunto' quando o namorado foi confrontado com uma possível infidelidade (troca de mensagens com outra menina), discussões depois que o namorado ficou sabendo que a namorada saiu na rua sozinha sem lhe avisar ou sem a autorização dele.

Muitas mensagens mostram que os atos violentos acontecem quando o namorado se sente confrontado, intimidado ou convidado a conversar sobre sentimentos ou situações que chatearam a parceira. A dificuldade em estabelecer uma comunicação clara e assertiva, geralmente iniciada pela parceira, é cortada através de gritos, xingamentos e manipulação do discurso.

Os resultados de busca a partir do termo 'relacionamento tóxico lésbico' aparecem vídeos de adolescentes e jovens da comunidade LGBTQIA+ descrevendo as características de um relacionamento tóxico e quais seriam os atos abusivos de pessoas tóxicas.

'amor não traz dor, amor traz paz. Amor não precisa trazer sempre aquela adrenalina.'

'acumulo de chateações, críticas, energia negativa, você não consegue mais ser você mesmo, seus amigos te avisam, fica pisando em ovos quando você está com a pessoa, constante luta pelo poder, o foco não é resolver e sim controlar e estar certo, crise de ciúme, você não consegue estar feliz, gera ansiedade, não te apoia nos seus sonhos, suspeitas e desconfianças, tudo é culpa sua, tudo cai sobre você, constantes ameaças de término de namoro, dependência financeira e emocional.'

'medo de perder a pessoa, ser carente, ficar conversando o dia inteiro com a outra pessoa pelo whatsapp, não ter amigos.'

Muito embora tenham surgidos conteúdos e comentários consistentes com o que aponta a literatura (Rodriguez-Caballeira et al., 2014; Hirigoyen, 2006) a respeito de violência psicológica na parceira íntima, revelando que as jovens têm conhecimento sobre o assunto, nessa busca direcionada ao público lésbico também apareceram descrições indicando falta de clareza entre o que é saudável e o que não é.

Ao descrever o que seriam traços tóxicos em uma parceira, surgiram afirmações, como: *'ter outros contatos telefônicos que não o seu e de familiares'*; *'sonhar com outras mulheres'*; *'que diga não posso, tenho namorada ao invés de dizer não quero tenho namorada'*, *'sair sem pedir permissão, pois tudo tem que se consensual e a pessoa tem que prestar atenção no que você quer'*; *'minha namorada faz chamada de vídeo com as amigas dela é sinônimo de 'corná''*; *'minha namorada usa os mesmos brinquedos eróticos comigo que usava com a ex, sinônimo de corná'*.

Aqui, nessas frases, fica explícito atos que caracterizam a violência psicológica por meio de controle. Em uma parte significativa dos vídeos de jovens de orientação sexual homoafetiva, o controle sobre pensamentos, sentimentos e desejos da parceira eram traços de cuidado com o relacionamento e sinônimo de fidelidade e respeito e não o contrário.

Essa constatação revela a ambiguidade da violência psicológica também na percepção de adolescentes e jovens adultos, ainda que tenhamos reconhecido um grupo de pessoas que verbaliza com clareza do que se trata a violência psicológica e a importância de garantir autonomia e individualidade mesmo quando se está em um relacionamento a dois, outro grupo, ainda compreende que relacionamento amoroso consiste na fusão e na indiferenciação entre as duas pessoas, assim, qualquer atitude, olhar, pensamento e interesse para fora da relação é interpretada como abuso, toxidade, infidelidade, traição e desrespeito. Quando, na verdade, o controle do pensamento e sentimentos da outra pessoa é uma ilusão que não se sustenta com o decorrer do tempo. E na perspectiva de manter o controle sobre a outra pessoa, atitudes agressivas e violentas vão se estabelecendo na parceria amorosa.

Já outro grupo de jovens e adolescentes faz defesa por uma parceria em que haja conexão, fidelidade e uma fusão entre os parceiros, ou seja, defende que, uma

vez apaixonados e em um relacionamento íntimo, é necessário abrir mão de se sentir desejado e atraído por outras pessoas. Isso significa, para alguns, não ter segredos e nem mentiras, compartilhar senhas de acesso às redes sociais, fazer programas sempre em casal, postar fotos do casal com declarações e ter perfil de casal na rede social.

Nessa perspectiva, é possível verificar que o ideal de amor romântico, por vezes questionado por essa geração, ainda se faz presente quando estabelecem um relacionamento íntimo, o que corrobora achados anteriores da literatura (Minayo et al., 2011).

Dentro do tema de relacionamentos íntimos, emergiu um debate sobre o que é traição e como o comportamento nas redes pode caracterizar ou não infidelidade, traição e desrespeito.

Como observado, curtir e comentar *posts* e *stories* de terceiros é um tipo de flerte e fazer isso enquanto se está em um relacionamento sério com alguém é visto como desrespeito e traição por uma boa parte dos adolescentes e jovens.

Discussão

O tema da violência psicológica na parceria íntima pareceu ser muito popular nas mídias sociais. Profissionais convocam pessoas a prestar atenção no assunto, afirmando ser um tema sério e capcioso, uma vez que, a violência psicológica não é visível aos olhos nus, mas muito frequente nos relacionamentos íntimos.

A violência psicológica entre parceiros íntimos começa a sair da invisibilidade e tem sido objeto de problematização e orientação entre os jovens e adolescentes, todavia, o alto volume de conteúdo produzido e divulgado a respeito desse assunto não é sinônimo de qualidade. Como levantado no início do estudo, é possível que os debates sobre violência psicológica estejam retirando esse tema da invisibilidade, mas, ao mesmo tempo, banalizando-o.

A compreensão da violência psicológica na parceria íntima descrita nas redes sociais é pautada pela desconstrução de crenças do amor romântico; elucidação de atitudes e brincadeiras desrespeitosas; problematização da falta repertório para assuntos afetivos por parte das pessoas do gênero masculino e conseqüente sobrecarga emocional na gestão das relações entre as pessoas do gênero feminino; questionamento de comportamentos hostis e de desqualificação por parte do parceiro; falta de admiração; ciúme e controle excessivo.

O conteúdo divulgado nas redes sociais dialoga com a literatura no que diz respeito à violência psicológica envolver comportamentos que causam confusão mental, dependência emocional, sentimentos de desvalorização e manipulação da comunicação, resultando em uma falta de consciência por parte da vítima sobre a natureza dos acontecimentos e levando-a a questionar sua própria percepção da realidade, atribuindo a si mesma o desconforto emocional que experimenta (Colossi & Falcke, 2013).

Se por um lado, são feitas descrições detalhadas de atos que compõem e caracterizam a violência psicológica (controle; isolamento; ciúme patológico; assédio; aviltamento; humilhação; intimidação; indiferença às demandas afetivas e ameaças), em consonância com o que aponta a literatura (Rodriguez-Caballeira et al., 2014; Hirigoyen, 2006), por outro, há uma generalização de atitudes e comportamentos classificados como tóxicos, o que não contribui para a distinção entre amor e violência. E, desse modo, a conceitualização do fenômeno permanece ambígua, conforme apontam estudos (Dokkedahl et al., 2019; Rodriguez-Caballeira et al., 2014; Hirigoyen, 2006).

Portanto, a discussão seria mais profícua se fosse encaminhada com vistas a identificar e reconhecer a violência psicológica entre parceiros íntimos levando em conta o contexto em que ela ocorre, quando, com que frequência e quais suas conseqüências (Dokkedahl et al., 2019). A violência psicológica abrange um largo espectro de situações e deve ser avaliada com cautela e as discussões *online* estão indo na direção de construir uma narrativa entre vilão e vítima. E muitas das publicações dão ênfase em como reconhecer o abusador, o “*boy probleminha*”, o narcisista que é incapaz de se vincular.

Nessa perspectiva de identificar o perfil do agressor, o estudo de Madalena, Falcke & Carvalho (2015) apontou que os transtornos de personalidade, segundo o DSM-V⁷, foram associados tanto à vitimização quanto à perpetração da violência conjugal. Estariam inclusos desde personalidades paranoide e esquizotípicas à personalidades antissociais, *boarderline*, narcisistas e os de personalidade dependente. Nos conteúdos produzidos na internet, há uma predileção por associar o agressor, ou seja, aquele que perpetua a violência à pessoa de personalidade narcisista, em uma relação de causa e efeito.

Madalena, Falcke e Carvalho (2015) explicam que existem outras variáveis que associadas às questões de saúde mental contribuem para uma relação conjugal permeada por violência, como o gênero, por exemplo. Os resultados do referido estudo são interessantes e se contrapõem aos discursos das redes sociais, uma vez que, revelaram que funcionamentos patológicos apresentados por um membro do casal também apareciam no outro de forma similar ou complementar, como a impulsividade e a grandiosidade, por exemplo.

Assim, a psicopatologia explica tanto a perpetração quanto a vitimização nos ciclos de agressão conjugal. E que existe uma correspondência em que indivíduos mais saudáveis se relacionam com indivíduos mais saudáveis enquanto aqueles com personalidade mais próximo do que seria o patológico se relacionam com pessoas também com esse funcionamento. E tal resultado confirma achados anteriores, segundo os autores, em que a escolha do parceiro íntimo se baseia em experiências prévias que podem ter sido compostas por conflitos e violência.

Esses dados contribuem para a compreensão da invisibilidade da violência psicológica, pois explicam que quando se justifica a violência psicológica por aspectos de ordem individual, como revelado nas redes sociais, seja na culpabilização do agressor ou da vítima, esse fenômeno que é complexo acaba por não ser interpretado e conhecido em sua totalidade.

Estudos mostraram que quando a vítima é inteiramente responsabilizada pela violência sofrida, são reforçados sentimentos de vergonha, baixa autoestima e culpa.

⁷ DSM-V: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – 5ª edição

E essas pessoas passam a acreditar que merecem o tratamento violento que receberam, seja por não se dar conta que estavam sendo manipuladas e humilhadas, seja por socialmente não ter sua dor reconhecida e legitimada ou ainda por ter a sua condição reconhecida são convocadas a assumir um lugar de empoderamento o qual não conseguem sustentar e, geralmente, são culpabilizadas pelo sentimento de ambivalência e confusão mental gerados na própria relação através dos atos de violência.

O estudo de McKenzie, Hegarty, Tarzia & Palmer (2021) mostrou que o reconhecimento social da violência psicológica é imprescindível para que o ciclo de violência seja interrompido e a violência psicológica visibilizada.

Nas redes sociais, portanto, há em parte o reconhecimento da violência vivida e as agressões são elucidadas, o que é importante para o combate ao fenômeno. Em contrapartida, a compreensão e as estratégias para erradicar a violência psicológica na parceria íntima são individualizadas.

Os resultados do nosso estudo corroboraram o que a literatura (Vian et al., 2018) indica acerca dos fatores de risco que conduzem à violência psicológica em relacionamentos íntimos: a dependência econômica entre mulheres de baixa renda e trabalhadoras, uso de substâncias psicoativas, desempenho rígido dos papéis de gênero, o ideal do amor romântico, a pobreza e desigualdade social, baixa autoestima, baixa capacidade de gestão de emoções e comportamentos e violência comunitária podem ser preditores da perpetração de violência psicológica entre parceiros íntimos.

Entretanto, a depender do histórico de cada parceiro em uma relação, bem como o contexto familiar, comunitário e social em que estão inseridos, determinadas condutas podem ser mais ou menos toleradas e aceitas tanto entre aquele que é vítima quanto do perpetrador das agressões. Assim como as atitudes hostis e agressivas são intercaladas por pedidos de desculpas, exaltação de algumas qualidades, declarações e promessas de melhoria na parceria amorosa.

As questões de gênero têm lugar importante no debate virtual, mas contribuem para determinismos. Assim, a aparente autoestima e autoconfiança masculina é reconhecida como preditor das violências psicológicas cometidas de homens contra

mulheres e pouco se trata da fragilidade emocional das masculinidades que contribuem para que determinadas defesas psíquicas sejam levantadas e agressões sejam cometidas (Kimmel, 2009)

No que se refere a como a violência psicológica é debatida nas redes sociais, podemos inferir que a banalidade da discussão acontece em decorrência de duas variáveis, a primeira relacionada às mídias sociais, responsáveis por vezes de disseminar conteúdo sem avaliação de pares, fragmentado e com edições que gerem um número grande de acessos por ser polêmico e não por ser baseado em evidências científicas e, a segunda, poderíamos supor que o avanço de pautas e costumes conservadores por meio do avanço da extrema-direita no contexto político, esteja contribuindo para um retrocesso nas concepções de formação de família e casal e dos papéis tradicionais de gênero.

Assim, ainda que divulguem que atos de violência psicológica não devam ser admitidos em um relacionamento saudável, o relacionamento saudável volta a ser sinônimo de homem provedor e mulher devotada ao companheiro, entre alguns grupos sociais. As discussões são construídas a partir de narrativas polarizadas e com pouca crítica. Nesse contexto, a violência psicológica muitas vezes é então admitida e invisibilizada.

E, por outro lado, quando há discussões sobre violência na conjugalidade a partir da perspectiva feminista e da desigualdade de gênero, as publicações não ponderam um aspecto identificado na literatura no que se refere às violências frequentemente serem bidirecionais (Barreira et al 2014; Andrade, Moraes e Martins, 2023; Cecchetto et al, 2016), ou seja, cometidas tanto pelos meninos quanto pelas meninas, mas que são explicadas de maneiras distintas por eles e elas.

Pesquisas (Beserra et al., 2015; Dokkedahl et al., 2019) apontam que a violência psicológica no namoro é um fenômeno frequente e vem aumentando de forma habitual em todas as classes sociais, evidenciando que não surge apenas durante o casamento, união estável ou coabitação; que os abusos emocionais e o isolamento social eram frequentes entre casais de jovens e adolescentes e que a violência psicológica nos relacionamentos íntimos era naturalizada ou pouco

reconhecida, enquanto a violência física era mais rapidamente identificada e menos aceita entre parceiros.

Assim como aponta a literatura (Colossi, P. M., Falcke, 2013; Dokkedahl et al., 2019), nossas observações confirmaram que a violência psicológica não é reconhecida quando surge como estratégia para evitar traições e controlar o comportamento do/a parceiro/a. Portanto, é possível constatar que há um grau de tolerância de atitudes que compõe a violência psicológica em um relacionamento íntimo, ou seja, atos abusivos são praticados com alguma frequência até serem reconhecidos e recriminados por quem sofre e interrompidos por quem os pratica.

De origem inconsciente, a compulsão à repetição leva o indivíduo a se colocar em situações muito parecidas com outras já vividas, mas com novos atores e cenários. O que confunde e pode parecer que aquela vivência não lhe é familiar, mas é.

Conforme indicado pela literatura de Narvaz & Koller (2006), as vítimas de situações traumáticas, como mulheres submetidas a abusos crônicos, frequentemente recorrem a mecanismos de defesa como forma de adaptação e sobrevivência. Esses mecanismos incluem a dissociação do pensamento, a negação e a supressão de sentimentos, os quais têm um impacto debilitante sobre as capacidades cognitivas e a capacidade de ação, resultando em uma paralisação diante das agressões.

Na dinâmica das relações com violência psicológica é possível observar que as vítimas geralmente oscilam entre a submissão e impotência e a resistência e onipotência com base na crença de que conseguiriam alterar a realidade vivida e a percepção do parceiro a respeito de sua conduta (Vian et al., 2018). Essa compreensão também foi identificada nos discursos nas redes sociais.

Considerações finais

Os alertas divulgados nas redes sociais sobre os danos desencadeados pela violência psicológica têm um papel crucial na promoção de modelos relacionais saudáveis e satisfatórios, visando prevenir doenças e sofrimento. No entanto, o tom alarmista desses avisos pode instigar o medo, criando uma atmosfera em que a juventude prefira evitar o envolvimento amoroso a se aventurar nessa área.

Os jovens parecem, portanto, estarem em alerta no que se refere a tentar identificar os sinais de violência psicológica e tal comportamento mais racional talvez esteja afastando-os de viverem o relacionamento amoroso, como citado anteriormente. As observações apontam para uma destoante relação entre aquilo que se sabe e aquilo que se sente e quando estão operando no plano da racionalidade conseguem compreender padrões, sinais e comportamentos, todavia, quando se envolvem emocionalmente com alguém esses conhecimentos ficam em segundo plano.

É pertinente salientar que a racionalização apresentada nos modelos discursivos nas mídias sociais nem sempre coincide com as emoções experimentadas e, enquanto são propagadas narrativas de cuidado e evitação de um possível sofrimento emocional, escapa nas entrelinhas, o anseio por afeto e conexão amorosa.

Análises realizadas a partir de discursos coletados nessas redes revelam um nível significativo de compreensão acerca do conceito de violência psicológica, suas características e os comportamentos que não devem ser tolerados, reconhecendo seu impacto na autoestima e na saúde mental. Além disso, há uma maior conscientização sobre as disparidades de gênero e suas implicações na vida, particularmente das mulheres.

No entanto, a rapidez com que os conteúdos são produzidos e consumidos nas mídias sociais tende a dificultar a absorção adequada e limitar a reflexão aprofundada sobre essa temática densa e complexa. O que frequentemente permanece na memória e nos registros *online* são declarações simplistas, generalizantes e patologizantes de um fenômeno reconhecido por sua multifacetada natureza.

Há uma manifestação de insatisfação em relação aos desencontros amorosos, uma denúncia contra indivíduos tóxicos e abusivos e uma percepção crescente de que certos comportamentos não são aceitáveis em relacionamentos amorosos. Além disso, observa-se uma maior flexibilidade e fluidez na vivência da sexualidade e nos relacionamentos íntimos, bem como um incremento no diálogo.

A adolescência é uma fase peculiar do desenvolvimento humano caracterizada por um egocentrismo metafísico (Piaget, 1972), ou seja, uma baixa diferenciação entre o mundo interno e externo, mas que começa a declinar com o início da juventude para futura inserção no universo adulto e para aquisição de ferramentas operativas, emocionais e sociais para viver nessa outra etapa do ciclo vital. Cabe a nós, pesquisadores e profissionais da saúde, conjuntamente com a família e a comunidade, desenvolver estratégias que contribuam para um desenvolvimento psicossocial e emocional mais saudável e colaborem para o amadurecimento e crescimento pessoal dessa geração a fim de que o conhecimento adquirido possa dialogar com os afetos e vivências relacionais.

Referências

Beserra, M. A., da Cruz Leitão, M. N., Fernandes, M. I. D., Scatena, L., dos Santos Vidinha, T. S., da Silva, L. M. P., & de Carvalho Ferriane, M. D. G. (2015). Prevalência de violência no namoro entre adolescentes de escolas públicas de Recife/PE–Brasil. *Revista de Enfermagem Referência*, 4(7), 91-99.

Colossi, P. M., & Falcke, D. (2019). Implications of experiences in the family of origin and infidelity in violence loving relationships. *Trends in Psychology*, 27, 339-355.

Creswell, J. W., & Poth, C. N. (2007). Qualitative inquiry and research method: Choosing among five approaches.

Dokkedahl, S., Kok, R. N., Murphy, S., Kristensen, T. R., Bech-Hansen, D., & Elklit, A. (2019). The psychological subtype of intimate partner violence and its effect

on mental health: protocol for a systematic review and meta-analysis. *Systematic reviews*, 8, 1-10.

Ha, T., Otten, R., McGill, S., & Dishion, T. J. (2019). The family and peer origins of coercion within adult romantic relationships: A longitudinal multimethod study across relationships contexts. *Developmental psychology*, 55(1), 207.

Hammett, J. F., Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (2020). Adverse childhood experiences, stress, and intimate partner violence among newlywed couples living with low incomes. *Journal of family psychology*, 34(4), 436.

Kimmel, M. (2009). *Guyland*. New York: HarperCollins.

Kozinets, R. V. (2014). *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Penso Editora.

Levy, L., & Gomes, I. C. (2008). Relação conjugal, violência psicológica e complementaridade fusional. *Psicologia clínica*, 20, 163-172.

Madalena, M., Falcke, D., & de Francisco Carvalho, L. (2015). Violência conjugal e funcionamentos patológicos da personalidade. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 67(2), 122-139.

McKenzie, M., Hegarty, K. L., Tarzia, L., & Palmer, V. J. (2021). Narrating the self-in-relation: How friends' responses to intimate partner violence shape young women's identities. *Qualitative Psychology*, 8(2), 279.

Minayo, M. C. D. S., Assis, S. G. D., & Njaine, K. (2011). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Editora Fiocruz.

Neppl, T. K., Lohman, B. J., Senia, J. M., Kavanaugh, S. A., & Cui, M. (2019). Intergenerational continuity of psychological violence: Intimate partner relationships and harsh parenting. *Psychology of violence*, 9(3), 298.

Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G. D., Njaine, K., & Pires, T. O. (2014). Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. *Ciência & saúde coletiva*, 19, 707-718.

Piaget, J. (1972). *Seis estudos de Psicologia*; Rio de Janeiro, Forense, 5.a reimpressão.

Sant'Anna, T. C., & Penso, M. A. (2018). A transmissão geracional da violência na relação conjugal. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 33.

Solanke, B. L. (2018). Does exposure to interparental violence increase women's risk of intimate partner violence? Evidence from Nigeria demographic and health survey. *BMC international health and human rights*, 18, 1-13.

TIC Kids Online Brasil 2023: pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil [livro eletrônico]. Coordenação executiva e editorial Alexandre F. Barbosa. São Paulo: Comitê Gestor da internet no Brasil, 2023

Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2006). Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*, 18, 49-55.

McKenzie, M., Hegarty, K. L., Tarzia, L., & Palmer, V. J. (2021). Narrating the self-in-relation: How friends' responses to intimate partner violence shape young women's identities. *Qualitative Psychology*, 8(2), 279.

Andrade, T. A., Moraes, P. M., & Martins, C. V. (2023). Violência no Namoro entre Adolescentes: Transmissão Intergeracional e Gênero. *Revista Psicologia e Saúde*, 15(1).

Cecchetto, F., Oliveira, Q. B. M., Njaine, K., & Minayo, M. C. D. S. (2016). Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 20, 853-864.

Dokkedahl, S., Kok, R. N., Murphy, S., Kristensen, T. R., Bech-Hansen, D., & Elklit, A. (2019). The psychological subtype of intimate partner violence and its effect on mental health: protocol for a systematic review and meta-analysis. *Systematic reviews*, 8, 1-10.

Falcke, D., & Carvalho, L. de F. (2015). Violência conjugal e funcionamentos patológicos da personalidade. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*.

Lima, G. Q. de, & Werlang, B. S. G. (2011). Mulheres que sofrem violência doméstica: Contribuições da psicanálise. *Psicologia em Estudo*, 16(4), 511–520.
<https://doi.org/10.1590/S1413-73722011000400002>

Massa, A. A., Eckhardt, C. I., Sprunger, J. G., Parrott, D. J., & Subramani, O. S. (2019). Trauma cognitions and partner aggression: Anger, hostility, and rumination as intervening mechanisms. *Psychology of Violence*, 9(4), 392–399. <https://doi.org/10.1037/vio0000127>

Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2006). *Mulheres vítimas de violência doméstica: Compreendendo subjetividades assujeitadas*. 37(1).

Vian, M., Mosmann, C. P., & Falcke, D. (2018). Repercussões da Conjugalidade em Sintomas Internalizantes e Externalizantes em Filhos Adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34, e34431. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e34431>

- Porto, M., & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2014). A permanência de mulheres em situações de violência: Considerações de psicólogas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(3), 267–276. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000300004>
- Solanke, B. L. (2018). Does exposure to interparental violence increase women's risk of intimate partner violence? Evidence from Nigeria demographic and health survey. *BMC International Health and Human Rights*, 18(1), 1. <https://doi.org/10.1186/s12914-018-0143-9>
- Sant'Anna, T. C., & Penso, M. A. (2018). A Transmissão Geracional da Violência na Relação Conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33(0). <https://doi.org/10.1590/0102.3772e33427>
- Neppl, T. K., Lohman, B. J., Senia, J. M., Kavanaugh, S. A., & Cui, M. (2019). Intergenerational continuity of psychological violence: Intimate partner relationships and harsh parenting. *Psychology of Violence*, 9(3), 298–307. <https://doi.org/10.1037/vio0000129>
- Narayan, A. J., Labella, M. H., Englund, M. M., Carlson, E. A., & Egeland, B. (2017). The legacy of early childhood violence exposure to adulthood intimate partner violence: Variable- and person-oriented evidence. *Journal of Family Psychology*, 31(7), 833–843. <https://doi.org/10.1037/fam0000327>
- Hammett, J. F., Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (2020). Adverse childhood experiences, stress, and intimate partner violence among newlywed couples living with low incomes. *Journal of Family Psychology*, 34(4), 436–447. <https://doi.org/10.1037/fam0000629>

Ha, T., Otten, R., McGill, S., & Dishion, T. J. (2019). The family and peer origins of coercion within adult romantic relationships: A longitudinal multimethod study across relationships contexts. *Developmental Psychology*, *55*(1), 207–215.
<https://doi.org/10.1037/dev0000630>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversas formas de violência fizeram parte da história da civilização humana, seja de maneira auto infligida, interpessoal ou coletiva. A partir do século XX, essa questão passou a ser reconhecida como um problema de saúde pública, com a finalidade de reduzir seus efeitos prejudiciais, sejam eles fatais ou não (OMS, 2002).

As raízes da violência são complexas e multifacetadas, envolvendo questões econômicas, políticas, sociais, comunitárias, psicológicas e familiares. Em certos casos, ela se apresenta de forma explícita, como em conflitos armados e violência urbana, enquanto em outras situações, é invisibilizada, naturalizada e banalizada, como nos casos de violência intrafamiliar e interpessoal.

Muito embora a definição de violência elaborada pela OMS (2002, p. 27) a descreva como “uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa ou uma comunidade (...)” nem sempre o perpetrador da violência tem a intenção de causar danos ou, ainda, sua conduta é respaldada em crenças e valores socialmente construídos e legitimados, o que pode dificultar a responsabilização do ato e o encerramento do ciclo de violência.

De acordo com a OMS (2002), existem diferentes naturezas de violência: física, psicológica, sexual e privação e negligência, já segundo a Lei Maria da Penha (Lei n. 11.340/06), no que se refere à violência contra a mulher, também foram incluídas as violências de natureza moral e patrimonial.

A presente Tese teve como seu objeto as violências psicológicas envolvidas nos relacionamentos entre parceiros íntimos a partir da perspectiva de adolescentes e jovens adultos (entre 15 e 24 anos), uma vez que a violência dessa natureza nas relações de intimidade tem apresentado índices significativos no Brasil e no mundo reiterando o fato da violência ser um problema de saúde pública. Além disso, se constituiu na forma de artigos, ou estilo coletânea, o que por si só merece algumas palavras finais.

A Tese em formato de artigos vem se disseminando no mundo e no país, frequentemente associada ao produtivismo acadêmico desenfreado das últimas

décadas, mas também é apontada como um formato com mais potencial de leitura⁸ e consequentemente podendo favorecer o crescimento do conhecimento, mas também sua disseminação para além do acadêmico. À primeira vista, pode ser uma maneira fácil de proceder, pois se trata de compor textos isolados por meio de uma introdução e considerações finais. De fato, exige um planejamento prévio rígido e provavelmente mais obstinado.

No caso da presente Tese, a opção pelo formato artigos trouxe o planejamento e delimitação de objetivos prévios, envolvendo, como tende a ser indicado (Vieira & Freitas Junior, 2023) um artigo de revisão de literatura, o que foi praticado aqui. Mas, ao final da primeira revisão, optamos por uma abordagem construtivista na qual os problemas, ou demandas deles, foram se encadeando sucessivamente. Isso traz ansiedade, mas recomendamos como um processo produtivo.

Principalmente para aqueles que buscam subsídios para o desenvolvimento de intervenções fundamentadas em evidências, a combinação das revisões bibliográficas, que são altamente técnicas e permitem a avaliação crítica de conhecimentos recentes, ponderada com a análise de discursos vivos e atuais praticados no contexto de redes sociais, se mostrou um caminho profícuo, em alguns momentos desorganizador, mas que ao fim, proporcionou uma maneira mais complexa e completa de compreender as violências, as violências psicológicas, as violências psicológicas praticadas em relacionamentos íntimos de jovens.

Ainda que os dados sobre esse fenômeno sejam expressivos, as violências psicológicas são interpretadas como um problema de menor importância quando comparadas às ameaças letais contra a vida no contexto dos relacionamentos amorosos e de parceria íntima, provavelmente, em decorrência de seu caráter subjetivo e de sua invisibilidade.

O que torna a violência psicológica entre parceiros íntimos invisível tanto para a sociedade quanto para aqueles que são vítimas e perpetradores foi uma das perguntas que conduziu a presente investigação. E, uma de nossas primeiras

⁸ NASSI-CALÒ, L. Teses e dissertações: prós e contras dos formatos tradicional e alternativo [online]. *SciELO em Perspectiva*, 2016 [viewed 05 April 2024]. Available from: <https://blog.scielo.org/blog/2016/08/24/teses-e-dissertacoes-pros-e-contras-dos-formatos-tradicional-e-alternativo/>

verificações foi como a ambiguidade de sua relevância *per se* se manifesta mesmo na literatura técnica na ausência do termo 'violência psicológica' no Descritores de saúde da BVS-saúde.

Se por um lado, as violências físicas contra a mulher foram naturalizadas por muitas décadas sendo questionadas a partir das reivindicações dos movimentos feministas, a psicológica se manteve presente socialmente, dentre outras razões, como forma de manutenção do patriarcado e das desigualdades de gênero com vistas a garantir o poder e o privilégio do grupo social identificado com o gênero masculino. A violência psicológica passa a ser então instrumento de poder e é relativizada quando questionada para que, dessa forma, as disparidades de gênero e suas consequências não sejam transformadas.

Por mais que o discurso sobre a igualdade de gênero tenha ganhado mais apoiadores, na prática, a equidade e igualdade são alcançadas até onde não ameace a hegemonia do discurso masculino que garante seus privilégios, status e poder, mesmo na Academia. Quando situações de violência contra a mulher são denunciadas, as mulheres ainda são acusadas de terem incitado uma reação negativa contra elas mesmas.

Estudos recentes revelaram que a igualdade de gênero diminui os índices de controle do parceiro, entretanto, a violência psicológica, como um todo, ainda é presente mesmo em sociedades mais igualitárias. A norma mudou, mas não os comportamentos e crenças, por isso a violência psicológica emerge de forma sorrateira e sutil nas relações interpessoais, inclusive dentre aqueles mais escolarizados e com maiores condições socioeconômicas. Muitas vezes são parceiros alinhados no discurso – o que justificaria a violência psicológica entre casais LGBTQIA+ – mas que tanto reproduzem a lógica de disparidade de gênero, quanto apresentam limitações socioemocionais para colocarem em prática seus valores. Há uma dissonância entre o valor moral proferido e aquele que é vivido.

Saffioti (2002) nos alerta que a dinâmica do patriarcado é reproduzida pelo patriarca, mas também por seus representantes, dos diversos gêneros e por isso não seria razoável atribuir somente ao masculino a reprodução de violências psicológicas na parceria amorosa, o que se mostra muito evidente na revisão de literatura entre

adolescentes nos quais mais frequentemente os índices de violência psicológica praticada é maior entre as adolescentes, mas pouco ressaltado nas conclusões dos pesquisadores.

A reprodução dessa lógica de manutenção da hierarquia de gênero e a violência psicológica como um fenômeno de maior trânsito entre os gêneros foi verificado em nossos quatro estudos, bem como a persistência do ideal do amor romântico nos relacionamentos amorosos, principalmente confirmado no discurso espontâneo dos jovens nas redes sociais, mantendo-se relevante mesmo diante das significativas transformações no contexto contemporâneo. Isso cria uma tensão entre concepções aparentemente contraditórias: a busca pela plenitude do amor e a valorização da liberdade e do individualismo moderno.

A busca pelo amor incondicional, característica do amor romântico, reflete o desejo de sentir-se amado com exclusividade, de ser constantemente escolhido pelo parceiro e de alcançar uma sensação de plenitude. Em muitos casos, indivíduos que enfrentam violência nos relacionamentos íntimos se identificam como alguém que busca amar e ser amado de forma incondicional. A partir dessa observação, poderíamos inferir que tal comportamento não é essencialmente altruístico, mas paradoxalmente possui traços narcísicos.

Na tentativa de se sentirem protegidos contra a sensação de desamparo, mulheres e homens se submetem às relações marcadas pela violência psicológica e talvez se coloquem em uma posição de desvalorização na expectativa de reconhecimento e como forma de escapar do vazio do não pertencimento. Portanto, o ideal do amor romântico poderia reforçar aspectos subjetivos e emocionais da formação da identidade e do padrão de apego desenvolvido na infância.

Outro consenso confirmado em nossas revisões diz respeito aos padrões familiares transmitidos intergeracionalmente no que se refere à perpetuação e permanência em relacionamentos permeados pela violência psicológica. Crianças que presenciaram a violência entre o casal parental ou também foram vítimas de violência parental teriam tendência a reproduzir esse modelo relacional nas relações futuras. O contrário também é verdadeiro, relacionamentos saudáveis com diálogo e respeito e ambientes familiares mais harmoniosos forjam adultos que conseguem

resolver conflitos sem se valer de atos abusivos e agressividade. Apresentam mais condições de manejar emoções negativas, têm menos pensamentos ruminantes, menos sentimentos de raiva e menos-valia.

A partir da presente Tese foi possível confirmar a literatura no sentido de reconhecer e identificar as atitudes que compõem a violência psicológica em um relacionamento íntimo, sendo estas: ataques à autoestima, abusos verbais por meio de xingamentos, gritos e ameaças, ridicularização através de piadas, humilhação, hostilidade, manipulação emocional e de narrativa, indiferença, isolamento social, ciúme excessivo, controle e coerção.

Entretanto, a depender do histórico de cada parceiro em uma relação, bem como, o contexto familiar, comunitário e social em que estão inseridos, determinadas condutas podem ser mais ou menos toleradas e aceitas tanto entre aquele que é vítima quanto do perpetrador das agressões. Assim como, as atitudes hostis e agressivas são intercaladas por pedidos de desculpas, exaltação de algumas qualidades, declarações e promessas de melhoria na parceria amorosa. Assim, as expressões de violência psicológica envolvem comportamentos que causam confusão mental, dependência emocional, sentimentos de desvalorização e manipulação da comunicação, resultando em uma falta de consciência por parte da vítima sobre a natureza dos acontecimentos e levando-a a questionar sua própria percepção da realidade, atribuindo a si mesma o desconforto emocional que experimenta, conforme atestado consistentemente nos artigos revistos.

Em suma, as revisões realizadas sustentam que a violência conjugal é um fenômeno complexo e interacional, que não diz respeito apenas aos membros do casal, pois envolve um padrão de relação familiar. Crianças e adolescentes que convivem diariamente com esses casais, sendo filhos ou não, são influenciados por essa dinâmica conjugal. Sabe-se que todos os casais enfrentam desentendimentos e discordâncias, porém a maneira como esses conflitos são resolvidos pode influenciar o comportamento das crianças que testemunham tais situações parentais.

A exposição a conflitos que são adequadamente solucionados, sem o recurso à violência, pode ter um impacto positivo e contribuir para a resolução dos problemas dos filhos o que conduz a relevância de desenvolvimento de práticas de intervenção

fundamentadas em evidências e que considerem características regionais, culturais, étnicas e educacionais, além de gênero, ou seja, a interseccionalidade de variáveis cuja ausência ainda é frequente nas pesquisas e intervenções produzidas na área, conforme verificamos.

Nossas revisões e análises documentais sugerem novos estudos que analisem em profundidade, como o subsistema conjugal formado a partir de responsabilidades, complementaridade e mútua acomodação, influencia positivamente o desenvolvimento dos filhos no que se refere a erradicação das violências. Podemos perguntar como as características do relacionamento conjugal influenciam diretamente o relacionamento parental, ocorrendo um “transbordamento” das dinâmicas de um subsistema para outro; estabelecendo-se uma relação inversa entre a qualidade do relacionamento conjugal e a do relacionamento parental, sugerindo que um pode compensar as deficiências do outro e, por fim, a possibilidade de uma dissociação entre as dinâmicas de cada subsistema, indicando que o que acontece em um não necessariamente afeta o outro

Também cabe ressaltar o quanto a pesquisa documental, a partir dos procedimentos da netnografia das redes sociais, permitiu acessar conteúdos que, por um lado são positivos como estratégia de investigação, por outro referem-se a processos psicológicos que sustentam naturalizações e banalizações das violências. Verificamos que predominavam os discursos “psicologizantes” e “patologizantes” sobre as violências psicológicas. As explicações inspiradas nas áreas “psis” estavam na direção, em sua maioria, de buscar compreender quem são e como se comportam os agressores em relações abusivas, de modo que, essa tentativa de diagnosticar o agressor corroborou para a construção de um discurso determinista acerca das patologias predominantes para esse perfil.

A análise dos discurso espontâneo que sugere a psicologização e patologização contribuem para a compreensão da invisibilidade da violência psicológica, pois explicam que quando se justifica a violência psicológica por aspectos de ordem individual, seja na culpabilização do agressor ou da vítima, esse fenômeno, que é complexo, acaba por não ser interpretado e conhecido em sua totalidade e dificulta reflexão. O que por si só nos remete à demanda de compreender como os discursos psicológicos se disseminam e se transmutam nas redes sociais.

A abordagem de nosso tema em tela via discursos nas redes sociais levou também a constatação das sutilezas e nuances de possibilidades de relacionamentos entre a juventude atual. Frente a isso, acabamos por organizar um glossário de termos que acabaram por ser parte da Tese, porque supomos que ajude o leitor se orientar, mas também porque atestam a complexidade a qual o pesquisador tem que acessar quando trata de temas de relacionamento amoroso entre adolescentes e jovens. Há que se estabelecer ainda os limites e contornos dessas relações, o que exige mais pesquisas, embora indiquem, de pronto, o quanto determinam expectativas nem sempre consistentes e alertam para o potencial de risco e sofrimento.

A violência psicológica também vai se caracterizar a partir da frequência e intensidade dos ataques nos múltiplos potenciais relacionamentos. Entretanto, a nomenclatura utilizada nas redes sociais nem sempre confere com o que a literatura descreve. Assim, violência psicológica em relacionamentos íntimos é reconhecida nas redes sociais como relacionamentos tóxicos e abusivos. Práticas de manipulação e controle emocional são propagadas a partir de terminologias em inglês, como o *gaslighting*, dentre outras diferenças terminológicas, mas que tratam dos mesmos atos.

Inclusive, foi possível constatar que os termos em inglês são familiares à geração de adolescentes e jovens adultos, foco do presente trabalho, assim, de um modo geral, verificou-se que nomear as atitudes tóxicas, em inglês, facilitou a apropriação do tema pela juventude e proporcionou um reconhecimento mais claro e assertivo acerca do que deve ou não ser tolerável em um relacionamento íntimo saudável e com qualidade. Por outro lado, a difusão de um conhecimento mais progressista e o avanço do conhecimento acerca das desigualdades de gênero que abatem a sociedade, especialmente a brasileira, contribuem para ampliar a compreensão desse fenômeno, mas também geram um determinismo social que faz com que as relações entre casais não sejam olhadas em suas especificidades, como as relações homoafetivas o que demanda investimento dos pesquisadores.

Os discursos analisados na presente Tese, indicam que a infidelidade é interpretada como uma atitude abusiva e de violência psicológica o que abre espaço para nessa mesma relação ou em futuras desempenhar o exercício do controle, do monitoramento e da vigília constante do parceiro ou da parceira. E isso, com certeza,

conforme bem aponta a literatura, consiste em violência psicológica. O que abre um campo enorme de nova busca de compreensão e que fundamenta intervenções no nível educacional e comunitários.

Os conteúdos divulgados nas redes sociais sobre os danos que a violência psicológica desempenha têm um papel crucial na promoção de modelos relacionais saudáveis e satisfatórios, visando prevenir doenças e sofrimento. No entanto, o tom alarmista desses avisos pode instigar o medo, criando a impressão de que a juventude prefere evitar o envolvimento amoroso a se aventurar nessa área.

É pertinente salientar que a racionalização apresentada nos modelos discursivos nas mídias sociais nem sempre coincide com as emoções experimentadas e enquanto são propagadas narrativas de cuidado e evitação de um possível sofrimento emocional, escapam nas entrelinhas, o anseio por afeto e conexão amorosa.

Análises realizadas a partir de discursos coletados nessas redes revelam um nível significativo de compreensão acerca do conceito de violência psicológica, suas características e os comportamentos que não devem ser tolerados, reconhecendo seu impacto na autoestima e na saúde mental. Além disso, há uma maior conscientização sobre as disparidades de gênero e suas implicações na vida, particularmente das mulheres. No entanto, a rapidez com que os conteúdos são produzidos e consumidos nas mídias sociais tende a dificultar a absorção adequada e limitar a reflexão aprofundada sobre essa temática densa e complexa. O que frequentemente permanece na memória e nos registros *online* são declarações simplistas, generalizantes e patologizantes de um fenômeno reconhecido por sua natureza complexa.

Há uma manifestação de insatisfação em relação aos desencontros amorosos, uma denúncia contra indivíduos tóxicos e abusivos, e uma percepção crescente de que certos comportamentos não são aceitáveis em relacionamentos amorosos. Além disso, observa-se uma maior flexibilidade e fluidez na vivência da sexualidade e nos relacionamentos íntimos, bem como um incremento no diálogo.

Como expresso anteriormente, a literatura tem como consenso que as figuras parentais e as vivências na infância têm impacto significativo nas escolhas amorosas

na vida adulta, bem como, nos padrões de relacionamento que serão estabelecidos e, talvez, esse seja o ponto a ser trabalhado tanto na prevenção quanto no cuidado à população de jovens adultos e adolescentes no que se refere à violência psicológica nos relacionamentos íntimos. Faz-se necessário trabalhar no sentido de melhorar competências socioemocionais para que os futuros casais tenham mais ferramentas de comunicação e cada parceiro consiga observar características individuais para enfraquecer as rivalidades, estresses e impulsividades na parceria amorosa. O que se torna um convite às produções futuras.

Mas, também devemos indicar as limitações impostas em trabalhar com conteúdo de redes sociais de quanto o que se escreve se refere aos sentimentos do sujeito ou o quanto visa traduzir um *self* idealizado, principalmente no período de experimentação que caracteriza a adolescência/juventude. O que identificamos nas redes sociais prescindem de estudos quali e quanti com participantes “em carne e osso” e consideramos que tal empreitada exigirá dos pesquisadores uma imersão na complexidade dos relacionamentos atuais tanto quanto no trânsito vivencial *on* e *off line*.

Nessa busca pelo estado da arte do conhecimento sobre as violências psicológicas há evidências de sua presença em todas as faixas etárias, e com forte tendência ao aprendizado no contexto familiar, conduzindo à demanda de produção de intervenções no âmbito educacional tanto para alunos quanto docentes. E no contexto educacional cabe finalmente destacar o recente surgimento de novas abordagens como o desenvolvimento de aplicativo para treinamento profissional na área da saúde, mas que provavelmente pode se estender a outras disciplinas e fazeres. Há muito o que se fazer.

Intervenções com crianças e adolescentes que testemunham violência no ambiente familiar podem ser preventivas de uma série de agravos à saúde deles, devendo ser foco de atenção em políticas públicas para infância e adolescência. Só assim atuaremos terapêutica e preventivamente em relação à perspectiva de não perpetuação das violências conjugais.

REFERÊNCIAS

Almeida, M. P., Rezende, A. M. B., Carneiro, C. D. M. C., & Catarino, E. M. (2017). As distorções do amor nos relacionamentos conjugais: violência psicológica. In *Anais Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar (ISSN-2527-2500) & Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar*.

Augustin, L. W., & de Albuquerque Bandeira, C. C. (2020). Postura e intervenções do gestalt-terapeuta frente à violência psicológica contra a mulher por parceiro íntimo. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 26, 449-459. <http://dx.doi.org/10.18065/2020v26ne.9>

Antunes, J., & Machado, C. (2012). Violência nas relações íntimas ocasionais de uma amostra estudantil. *Análise Psicológica*, 30, 93-107.

Archer, J. (2000). Sex differences in aggression between heterosexual partners: a meta-analytic review. *Psychological bulletin*, 126(5), 651.

Barreira, A. K., Lima, M. L. C. D., & Avanci, J. Q. (2013). Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do recife, Brasil: prevalência e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18, 233-243. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000100024>

Bonamigo, V. G., Torres, F. B. G., Lourenço, R. G., & Cubas, M. R. (2022). Violência física, sexual e psicológica segundo a análise conceitual evolucionista de rodgers. *Cogitare Enfermagem*, 27. <https://doi.org/10.5380/ce.v27i0.82955>

[Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Marco legal: saúde, um direito de adolescentes / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. – Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2007. 60 p.: il. – \(Série A. Normas e Manuais Técnicos\) ISBN 85-334-0856-0](#)

BRASIL. Lei Nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher nos termos do parágrafo 8º da Constituição Federal. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm

BRASIL. Lei Nº 14.188, de 28 de julho de 2021. Define o programa de cooperação Sinal Vermelho contra a violência doméstica como uma das medidas de enfrentamento da violência doméstica e familiar contra a mulher prevista na Lei Maria da Penha. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2021/lei/l14188.htm

Borges, J. L., Heine, J. A., & Dell'Aglio, D. D. (2020). Variáveis pessoais e contextuais predictoras de perpetração de violência no namoro na adolescência. *Acta Colombiana de Psicología*, 23(2), 460-470.

Bueno, S.; Martins, J; Lagreca, A; Sobral,I; Barros, B.; Brandão, J.(2023). O crescimento de todas as formas de violência contra a mulher em 2022. In: *Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 17o Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo, p. 136-145, 2023. <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>.

Caridade, S., e Sousa, H. F. P., & Dinis, M. A. P. (2020). Cyber and offline dating abuse in a Portuguese sample: Prevalence and context of abuse. *Behavioral Sciences*, 10(10), 152. DOI: [10.3390/bs10100152](https://doi.org/10.3390/bs10100152)

Caridade, S., & Barros, S. (2018). Violência nas relações íntimas juvenis e ideação e comportamento suicidas. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 323-336.

Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. *Análise psicológica*, 24, 485-493.

CARVALHO, L., & SENRA, L. X. (2014). Homem vítima de violência conjugal: uma análise bibliométrica e sistemática. *Revista científica da Faminas*, 10(2).

Cezario, A. C. F., de Carvalho, L. L., & Lourenço, L. M. (2016). Violência contra homem perpetrada por sua parceira: Perspectivas de psicólogos e assistentes sociais. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 10(1). DOI: <https://doi.org/10.24879/201600100010049>

Colossi, P. M., Marasca, A. R., & Falcke, D. (2015). Generation by generation: marital violence and experiences in the family of origin. *Psico*, 46(4), 493-502.

Colossi, P. M., & Falcke, D. (2013). Gritos do silêncio: a violência psicológica no casal. *Psico*, 44(3), 310-318. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/11032>

Colossi, P. M., Razera, J., Haack, K. R., & Falcke, D. (2015). Intimate partner violence: Prevalence and associated factors. *Contextos Clínicos*, 8(1), 55.

Creswell, J. W., & Poth, C. N. (2007). Qualitative inquiry and research method: Choosing among five approaches.

Cui, M., Ueno, K., Gordon, M., & Fincham, F. D. (2013). The continuation of intimate partner violence from adolescence to young adulthood. *Journal of Marriage and Family*, 75(2), 300-313.

da Silva Jr, F. J. G., de Souza Monteiro, C. F., Carvalho, J. S. S., Costa, A. P. C., Teixeira, M. I. R., & de Sousa Santos, C. A. P. (2021). Suicidal ideation in women and intimate partner violence/Ideação suicida em mulheres e violência por parceiro

intimo/Ideacion suicida en mujeres y violencia de pareja. *Enfermagem Uerj*, 29, NA-NA.

de Barros Siqueira, V., Leal, I. S., Fernandes, F. E. C. V., de Melo, R. A., & de Lacerda Campos, M. E. A. (2018). Violência psicológica contra mulheres usuárias da atenção primária à saúde. *Revista de APS*, 21(3). DOI: <https://doi.org/10.34019/1809-8363.2018.v21.16379>

de Sousa, L. M. M., Firmino, C. F., Marques-Vieira, C. M. A., Severino, S. S. P., & Pestana, H. C. F. C. (2018). Revisões da literatura científica: tipos, métodos e aplicações em enfermagem. *Revista portuguesa de enfermagem de reabilitação*, 1(1), 45-54. <https://doi.org/10.33194/rper.2018.v1.n1.07.4391>

de Souza, D. C., da Silva, M. A., & Beiras, A. (2022). Violência Íntima entre Homens que se Relacionam com Homens-Revisão da Literatura. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 22(4), 1709-1728. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2022.71775>

de la Rubia, J. M., & Rosales, F. L. (2014). Medida y relación entre violencia recibida y ejercida contra la pareja. *Revista internacional de Psicología*, 13(02), 1-50.

de Miranda Silva, P. C., & Assumpção, A. A. (2018). Relação entre violência psicológica e depressão em mulheres: revisão narrativa. *Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 3(6), 102-115.

de Queiroz, R. A., & Cunha, T. A. R. (2018). A violência psicológica sofrida pelas mulheres: invisibilidade e memória. *Revista Nupem*, 10(20), 86-95.

Defendi, E. L. (2019). Jovens homossexuais masculinos, internet e promoção de saúde: desafios em assumir e revelar a orientação sexual.

Engel, B. (2002). *The emotionally abusive relationship: How to stop being abused and how to stop abusing*. John Wiley & Sons.

European Institute for Gender Equality (2022). <https://eige.europa.eu/>

Filipe, S. D. A. (2013). *Modelos percebidos de causalidade da violência entre parceiros íntimos* (Doctoral dissertation).

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 21.07.2023.

Freud, S. (2011). Negação. In: Freud, S. *O Eu e o Id*, “autobiografia” e outros textos. (Paulo César de Souza, Trad). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1925).

Gil, A. C. (2002). Como classificar as pesquisas. *Como elaborar projetos de pesquisa*, 4(1), 44-45.

Hamel, J., Cannon, C. E., & Graham-Kevan, N. (2023). The consequences of psychological abuse and control in intimate partner relationships. *Traumatology*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1037/trm0000449>

Hirigoyen, M. F. (2006). *A violência no casal: da coação psicológica à agressão física*. Bertrand Brasil.

Johnson, M. P., & Leone, J. M. (2005). The differential effects of intimate terrorism and situational couple violence: Findings from the National Violence Against Women Survey. *Journal of Family Issues*, 26, 322-349. <https://doi.org/10.1177/0192513X04270345>

Karakurt, G., & Silver, K. E. (2013). Emotional abuse in intimate relationships: The role of gender and age. *Violence and victims*, 28(5), 804-821. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-12-00041>

Khalil, H., Peters, M. D., Tricco, A. C., Pollock, D., Alexander, L., McInerney, P., & Munn, Z. (2021). Conducting high quality scoping reviews-challenges and solutions. *Journal of clinical epidemiology*, 130, 156-160. DOI: [10.1016/j.jclinepi.2020.10.009](https://doi.org/10.1016/j.jclinepi.2020.10.009)

Hammett, J. F., Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (2020). Adverse childhood experiences, stress, and intimate partner violence among newlywed couples living with low incomes. *Journal of Family Psychology*, 34(4), 436-447

Hébert, M., Moreau, C., Blais, M., Lavoie, F., & Guerrier, M. (2017). Child sexual abuse as a risk factor for teen dating violence: Findings from a representative sample of Quebec youth. *Journal of child & adolescent trauma*, 10, 51-61.

Herman, J. L. (2015). *Trauma and recovery: The aftermath of violence--from domestic abuse to political terror*. Hachette uK.

Hirigoyen, M. F. (2006). *A violência no casal: da coação psicológica à agressão física*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 96.

Kozinets, R. V. (2014). *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Penso Editora.

Krug, E. G., Mercy, J. A., Dahlberg, L. L., & Zwi, A. B. (2002). The world report on violence and health. *The lancet*, 360(9339), 1083-1088.

Levy, L., & Gomes, I. C. (2008). Relação conjugal, violência psicológica e complementaridade fusional. *Psicologia clínica*, 20, 163-172. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000200012>

Machado, I. V., & Grossi, M. P. (2015). Da dor no corpo à dor na alma: o conceito de violências psicológicas da Lei Maria da Penha. *Revista Estudos Feministas*, 23(2), 561-576. <https://doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n2p561>

Mascarenhas, M. D. M., Tomaz, G. R., Meneses, G. M. S. D., Rodrigues, M. T. P., Pereira, V. O. D. M., & Corassa, R. B. (2020). Análise das notificações de violência por parceiro íntimo contra mulheres, Brasil, 2011-2017. *Revista Brasileira de epidemiologia*, 23, e200007-SUPL. <https://doi.org/10.1590/1980-549720200007.supl.1>

Martins, C. D. C. R. B., & Burd, A. C. J. (2018). Repercussões da violência psicológica contra a mulher na relação conjugal. *Revista Brasileira de Ciências da Vida*, 6(2).

Mendonça, M. F. S. D., & Ludermir, A. B. (2017). Violência por parceiro íntimo e incidência de transtorno mental comum. *Revista de Saúde Pública*, 51, 32.

Mesquita Mendes Pires, V. M., Gomes Leite Morais, R. L., Silva dos Santos, L., Costa Machado, J., Araújo Guedes, C., & Palmarella Rodrigues, V. (2019). Violência por parceiro íntimo em abuso de álcool perpetrada contra mulheres no climatério. *Revista de Enfermagem da UFSM*, 9(1).

Miller, M. S. (1999). *Feridas invisíveis: abuso não-físico contra mulheres*. Summus Editora.

Moskowitz, K., Richmond, K., & Michniewicz, K. (2020). Caught in a bad romance: Endorsement of traditional romantic ideology, internalized heterosexism, and intimate partner violence experiences among sexual minority individuals. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 7(3), 329.

Moskowitz, K., Richmond, K., & Michniewicz, K. (2020). Caught in a bad romance: Endorsement of traditional romantic ideology, internalized heterosexism, and intimate partner violence experiences among sexual minority individuals. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 7(3), 329–336.

Neal, A. M., & Edwards, K. M. (2019). Examining situations involving intimate partner aggression: A dyadic study of agreement on behaviors, attributions, and emotional effects. *Psychology of violence*, 9(3), 288.

Nelas, P. A., Chaves, C., Coutinho, E., & Duarte, J. (2021). Violência no namoro: impacto de variáveis sociodemográficas académicas e afetivas.

Nelas, P., Chaves, C., & Coutinho, E. (2021). Impacto da procura de sensações sexuais nos comportamentos de violência no namoro. *Revista INFAD de Psicologia. International Journal of Developmental and Educational Psychology.*, 3(2), 139-146.

Neal, A. M., & Edwards, K. M. (2019). Examining situations involving intimate partner aggression: A dyadic study of agreement on behaviors, attributions, and emotional effects. *Psychology of violence*, 9(3), 288. <https://doi.org/10.1037/vio0000092>

Njaine, K., Assis, S. G. D., & Constantino, P. (2007). *Impactos da Violência na Saúde*. Editora FIOCRUZ. <https://doi.org/10.7476/9788575415887>

Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G. D., Njaine, K., & Pires, T. O. (2014). Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. *Ciência & saúde coletiva*, 19, 707-718. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.19052013>

Oliveira, W., Magrin, J., Andrade, A., Micheli, D., Carlos, D., Fernández, J., ... & Santos, M. (2020). Violência por parceiro íntimo em tempos da COVID-19: Scoping review. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 21(3), 606-623.

Organização Panamericana de Saúde – OPAS (2020). *Violência contra as mulheres* <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>

Osório, L., Sani, A., & Soeiro, C. (2020). Violência na intimidade nos relacionamentos homossexuais gays e lésbicos. *Psicologia & Sociedade*, 32, e170358. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32170358>

Paiva, T. T., Pimentel, C. E., & Moura, G. B. D. (2017). Violência conjugal e suas relações com autoestima, personalidade e satisfação com a vida. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 10(2), 215-227.

Pimentel, A. D. S. (2013). Pesquisa qualitativa da violência psicológica: um instrumento de análise da linguagem. *Contextos Clínicos*, 6(1), 15-24. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2013.61.02>.

Porrúa García, C., Rodríguez Carballeira, Á., Escartín Solanelles, J., Gómez Benito, J., Almendros Rodríguez, C., & Martín Peña, J. (2016). Development and validation of the scale of psychological abuse in intimate partner violence (EAPA-P). *Psicothema*.

Razera, J., & Falcke, D. (2017). Por que eles permanecem juntos? Contribuições para a permanência em relacionamentos íntimos com violência. *Psicologia Clínica*, 29(3), 543-562. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-56652017000300010&script=sci_abstract&tlng=pt

Richards, T. N., Tillyer, M. S., & Wright, E. M. (2017). Intimate partner violence and the overlap of perpetration and victimization: Considering the influence of physical, sexual, and emotional abuse in childhood. *Child abuse & neglect*, 67, 240-248.

Riso, W. (2021). *Amar ou depender: Como superar o apego afetivo e fazer do amor uma experiência plena e saudável*. Academia.

Rolim, K. I., & Falcke, D. (2017). Violência conjugal, políticas públicas e rede de atendimento: percepção de psicólogos (as). *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37, 939-955.

Romanowski, J. P., & Ens, R. T. (2006). As pesquisas denominadas do tipo Estado da Arte em educação. *Revista diálogo educacional*, 6(19), 37-50.

Saavedra, R., & Machado, C. (2012). Violência nas relações de namoro entre adolescentes: Avaliação do impacto de um programa de sensibilização e informação em contexto escolar. *Análise Psicológica*, 30(1/2), 109-130.

Saffioti, H. I. (2001). Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagú*, 115-136. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644541>

Saffioti, H. I. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. Ministério Público do Estado da Bahia.

Shorey, R. C., Fite, P. J., Torres, E. D., Stuart, G. L., & Temple, J. R. (2019). Bidirectional associations between acceptability of violence and intimate partner violence from adolescence to young adulthood. *Psychology of violence*, 9(1), 108.

Schraiber, L. B., & D'oliveira, A. F. (1999). Violência contra mulheres: interfaces com a saúde, *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 3, 5, 11-26. <https://doi.org/10.1590/S1414-32831999000200003>

Silva, L. L. D., Coelho, E. B. S., & Caponi, S. N. C. D. (2007). Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 11, 93-103. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000100009>

Sistema de Notificação de Agravos à Saúde <https://portalsinan.saude.gov.br/>

Smith, L. J. (1989). *Domestic violence: An overview of the literature*. HM Stationery Office.

Song-Choi, P. J., & Woodin, E. M. (2021). Stress, attributions, and hostility as predictors of psychological intimate partner violence at the transition to parenthood. *Psychology of violence*, 11(6), 559.

Souza, T. M. C., Pascoaleto, T. E., & Mendonça, N. D. (2018). Violência contra mulher no namoro: percepções de jovens universitários. *Revista Psicologia e Saúde*, 10(3), 31-43.

Tjaden, P., & Thoennes, N. (2000). Full report of the prevalence, incidence and consequences of violence against women survey. *Washington DC. Department of justice, publication number NCJ, 183781*.

Toronto, C. E., & Remington, R. (Eds.). (2020). *A step-by-step guide to conducting an integrative review* (pp. 1-9). Cham: Springer International Publishing.

Troisi, G (2018). Measuring Intimate Partner Violence and Traumatic Affect: Development of VITA, an Italian Scale. *Front. Psychol.* 9:1282. Doi: 10.3389/fpsyg.2018.01282.

Vieira, A F B; Freitas Junior, M A de (2023). Tese em artigos: por que escolher e como fazer? In: Cadernos de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas [recurso eletrônico] / João Irineu de Resende Miranda e DirceiaMoreira (org.). Cachoeirinha : Fi,

Willie, T. C., & Kershaw, T. S. (2019). An ecological analysis of gender inequality and intimate partner violence in the United States. *Preventive medicine*, 118, 257-263.

World Health Organization. (2017). Violence against women. Genebra, WHO. Retirado de: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women>